



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

KLEBER JOSÉ FONSECA SIMÕES

**OS HOMENS DA PRINCESA DO SERTÃO:
MODERNIDADE E IDENTIDADE MASCULINA EM FEIRA DE
SANTANA (1918-1938)**

Salvador
2007

KLEBER JOSÉ FONSECA SIMÕES

**OS HOMENS DA PRINCESA DO SERTÃO:
MODERNIDADE E IDENTIDADE MASCULINA EM FEIRA DE
SANTANA (1918-1938)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Roberto de Barros Mott

Salvador
2007

Simões, Kleber José Fonseca Simões

Os homens da Princesa do Sertão: modernidade e identidade masculina em Feira de Santana (1918-1928) / Kleber José Fonseca Simões. Salvador: K. J. F. Simões, 2007. 138.

Orientador: Professor Dr. Luiz Roberto de Barros Mott.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2007.

1. Homens. 2. Identidade. 3. Relações de gênero. 4. Sexualidade. 5. Modernidade. 6. Cidade do interior. I. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. II. Mott, Luiz Roberto de Barros. III Título.

TERMO DE APROVAÇÃO

KLEBER JOSÉ FONSECA SIMÕES

**OS HOMENS DA PRINCESA DO SERTÃO:
MODERNIDADE E IDENTIDADE MASCULINA EM FEIRA DE SANTANA (1918-
1938)**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau
de Mestre em História, Universidade Federal da Bahia, pela
seguinte banca examinadora:

Luiz Roberto de Barros Mott- Orientador _____
Doutor em Antropologia, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Universidade de São Paulo (USP)

Lina Brandão de Aras _____
Doutora em História, Universidade de São Paulo (USP)
Universidade Federal da Bahia

Maria Celeste Pacheco _____
Doutora em História, Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)
Universidade Federal da Bahia

Salvador, 27 de Abril de 2007.

À Pergentina, Cláudia e Jane,
às mulheres que me ensinaram a ser homem.

AGRADECIMENTOS

Os espaços são poucos para nos referirmos aos nossos afetos. A sociedade moderna intenta para a racionalização de nossas emoções. Contudo, não tenho condições de obedecer a esta ordem que tenta induzir minha escrita à fria descrição da ajuda, a uma menção simplista e localizada do auxílio prestado a mim por todos aqueles que me rodearam durante esses dois, quase três, anos. Por isso, peço licença ao leito para que a ordem se amoleça e ceda lugar à subjetividade e a parcialidade. O trabalho que apresento aqui é o resultado do esforço de uma coletividade e, por isso mesmo, me servirei desse lugar para agradecer, para reconhecer a assistência prestada a mim.

Assim, começarei por agradecer à professora Dr^a Maria Hilda Baqueiro Paraíso, por toda a sua organização e destreza que foram extremamente necessários nesses dois anos em que frequentei sua sala. Do mesmo modo, sou grato ao professor Dr. Luiz Roberto de Barros Mott, por toda a cooperação, flexibilidade e auxílio que foram essenciais para a realização desse trabalho.

À professora Dr^a. Lina Aras, pela leitura cuidadosa e sugestões sempre muito bem vindas. Ensinou-me com carinho, atenção, bom humor e conhecimento. Sou eterno devedor de sua disposição nos momentos mais difíceis dessa trajetória.

Guardo também uma enorme admiração pelos professores Doutores Ana Alice Alcântara Costa, Vladimir Donizete Zamparoni, Fernando Guerreiro e Maria Velasco e Cruz. Foi uma honra para mim tê-los como meus instrutores. Espero compartilhar com vocês os frutos de nossas discussões.

Aos grandes companheiros e professores da minha casa, a UEFS, Alberto Heráclito de Ferreira Filho, Acácia Dias Batista, Adriana Dantas, Ione Celeste, Márcia Maria Barreiros Leite, Lucilene Reginaldo e muitos outros que foram fundamentais na minha formação acadêmica e na definição da minha perspectiva de história. Sou eternamente devedor de suas lições. Muito Obrigado!

À todos que encontrei no MULIERIBUS – Núcleo Interdisciplinar sobre estudos da Mulher e Relações de Gênero, e que compartilham comigo o desejo de buscar no estudos de gênero o repouso para nossas inquietações: Eliane Celestino, Carol Barreto, Silvia Carla e Sarah Gomes. Esse trabalho também pertence a vocês, meninas.

Aos colegas de disciplina que proporcionaram momentos maravilhosos de trocas de experiências, carinho e de descontração, especialmente Luciano Brunet, Luiz Kleber, Jacimara, Maricélia, Elida e Miriam Erget.

Aos funcionários do Arquivo Público Municipal de Feira de Santana e da Biblioteca Municipal Arnold Silva, que sempre se mostraram muito atenciosos e solícitos aos meus pedidos. Gostaria de evidenciar o auxílio prestado a mim pelos bolsistas e funcionário do Museu Casa do Sertão da Universidade Estadual de Feira de Santana, em especial a Cristiana Barbosa de Oliveira por toda a dedicação, carinho e informações prestados àqueles que decidem desnudar a Princesa do Sertão. Também, quero prestar meu mais sincero agradecimento à bibliotecária Marina da Silva pela delicadeza com a qual nos conduz ao acesso às dissertações do mestrado em História.

Aos pesquisadores que tomaram a Feira de Santana como seus objetos de estudos e que colaboraram com sugestões e indicações preciosas, Clovis Frederico Ramaiana Moraes Oliveira e Aldo José Morais Silva.

Aos amigos que o curso de história da UEFS me permitiu o doce encontro: Luiz Alberto, Glaybson Guedes e Eronize Lima.

Quero fazer uma menção especial a dois grandes professores da UEFS Prof. Dr. Walney da Costa Oliveira e Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Prazeres Sanches. A vocês que com a humanidade dos grandes fizeram-se base da formação do pesquisador e do ser humano que sou. A presença de vocês em minha vida dignifica minha existência.

Agradeço a Vânia Nara Pereira, Neli Paixão e seu esposo Marcelo, e “ao meu amor”, Lígia Santana, vocês já fazem parte do patrimônio dos meus afetos. Espero dividir inúmeras outras experiências futuras com vocês. Quero construir tantas outras histórias com vocês.

Dedico este trabalho aos que estiveram ao meu lado nos momentos de angústia e de alegria, me incentivando e me concedendo palavras de carinho, me libertando das horas frias e devolvendo o brilho da vida, à minha extensa família, meus grandes irmãos de coração: Jogrines e Joedsom Teles, Marcos Filgueiras, Márcio dos Santos, Rafael Eloi, Tatiana Fonseca, Urânia, Bruno e Renato, agradeço pela grande lição de amizade que experimento cada momento que estou ao lado de vocês. Vocês são o ponto de partida e chegada dessa caminhada, são a razão da realização do meu projeto de vida. Às minhas mães de carinho e

afeto Iara e Renilza, quando a distância de minha mãe se fazia presente, vocês foram a presença do cuidado e da atenção; ao meu pai emprestado, Sandoval, valeu pela força.

Também quero registrar meu profundo agradecimento à minha tia Margarida e meu Tio Bomfim e meus primos Roberval, André, Cleber, Rosângela, Ana Paula, que tornaram minhas estadias na capital mais suaves e alegres.

Gostaria de fazer uma menção especial a um grande amigo e irmão Marcelo Santana dos Santos. Este trabalho é devedor de sua contribuição. Sua inteligência possibilitou a realização de um texto mais preciso e leve, além de ter contribuído para a ampliação da minha visão sobre o objeto que eu estava me dedicando, quando da realização deste trabalho. Como se não bastasse, sempre contei com sua presença amável e divertida. Sou profundamente grato a você meu amigo. Muito obrigado.

Por fim, gostaria de agradecer todo o amor dado a mim pela minha família. As grandes mulheres, Jane, Cláudia e Pergentina, que são minhas referências, são o espelho da minha alma. O homem que sou é a imagem dessas mulheres, dos seus desejos, de suas batalhas, de suas vontades, de suas vidas. Sou o reflexo de suas existências, sua histórias. Do mesmo modo, aos homens da família, Carlos e Clodoaldo, meu eterno obrigado pelas lições de dignidade e honra que me prestaram e me prestam sempre. Também sou grato àqueles que uniram-se a nós e que sempre foram grandes motivadores do meu trabalho, Valtércio, Alessandra e Lucivânia, esposas e marido de meus irmãos e que se tornaram igualmente irmãos, meu muito obrigado.

Ao meu pai, José Raimundo Moreira Simões que infelizmente partiu no meio desse processo e não pode ver esse trabalho concluído. Sei que seu nome atravessa a minha história e sua história me impulsiona a sempre me desafiar, a ultrapassar meus limites, na tentativa de realizar um pouco do sonho que você sonhou para mim. Espero ter lhe honrado um pouco.

Enfim, agradeço a todos, que direta ou indiretamente contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho.

RESUMO

Os anos iniciais da República brasileira constituem o momento de redefinição dos espaços e das relações de poder, que provocaram a redistribuição de forças sociais no âmbito nacional e local, promovendo conflitos entre os mais diversos setores sociais, servindo então para o aparecimento de novas sensibilidades e vivência entre os indivíduos, que vão redundar na formação de tipologias diferenciadas de comportamentos masculinos. Ao promover mudanças na organização da vida social da Princesa do Sertão, a incipiente modernização, provocou significativas transformações na cultura sexual vigente que teve como principal objetivo a redefinição dos papéis sexuais estimulando, assim, o aparecimento de novas identidades masculinas e femininas. Com o intuito de compreender esses processos, o escopo desse trabalho consiste em analisar as estratégias elaboradas por determinados grupos sociais para dar forma a um comportamento masculino que se pretendia homogêneo e hegemônico, assim como o mapeamento dos discursos que versam sobre a experiência do ser masculino em Feira de Santana entre 1918 e 1938. A relevância social dos estudos de gênero para compreender a masculinidade enquanto componente central dos códigos de sociabilidade da população dá-se num contexto de justificação que está atrelado a existência de normas que regulamentam as relações entre os indivíduos, sendo imprescindível o desenvolvimento de pesquisas que aprofundem a investigação histórica da estruturação do poder num dos principais centros econômicos e políticos do Estado Bahia. Por isso, o estudo da identidade masculina do homem moderno é fundamental para a compreensão do exercício do domínio masculino na sociedade. A fim de reforçar a assimetria social, estimulando a valorização do lugar simbólico representado pela identidade masculina do homem moderno, um conjunto de dispositivos lingüísticos foram elaborados com o objetivo de atestar a submissão de todos aqueles que estão fora da esfera dessa representação: os avessos do masculino, por exemplo. É nesse contexto que a definição de uma figura masculina hegemônica na sociedade de Feira de Santana se dará num processo de disputa que colocou grupos vinculados a ideários distintos em posições antagônicas, dando margem a uma série de representações sociais do que foi o masculino no início do século XX na Princesa do Sertão.

Palavras-chaves: Homens; Masculinidade; Relações de gênero; Modernidade; Feira de Santana.

ABSTRACT

The initial years of the Brazilian Republic constitute the moment of redefinition of the spaces and the relations of being able, that they had provoked the redistribution of social forces in the national and local scope, promoting conflicts between the most diverse social sectors, serving then for the appearance of new sensibilidades and experience between the individuals, that go to result in the formation of differentiated tipologias of masculine behaviors. When promoting changes in the organization of the social life of the Princess of the Hinterland, the incipient modernization, provoked significant transformations in the effective sexual culture that had as main objective the redefinition of the sexual papers stimulating, thus, the appearance of new masculine and feminine identities. With intention to understand these processes, the target of this work consists of analyzing the strategies elaborated for definitive social groups to give form to a masculine behavior that if it intended homogeneous and hegemonic, as well as the mapping of the speeches that turn on the experience of the masculine being in Fair of Santana between 1918 and 1938. The social relevance of the studies of sort to understand the masculinidade while component central office of the codes of sociability of the population is given in a justification context that is atrelado the existence of norms that regulate the relations between the individuals, being essential the development of research that deepens the historical inquiry of the estruturação of the power in one of the main economic centers and politicians of the State Bahia. Therefore, the study of the masculine identity of the modern man it is basic for the understanding of the exercise of the masculine domain in the society. In order to strengthen the social asymmetry, stimulating the valuation of the symbolic place represented by the masculine identity of the modern man, a set of linguistic devices those had been elaborated with the objective to certify the submission of all that are of the sphere of this representation: the avessos of the masculine, for example. It is in this context that the definition of one appears hegemonic masculine in the society of Fair of Santana will be given in a dispute process that placed entailed groups the distinct ideários in antagonistic positions, giving edge to a series of social representations of what it was the masculine at the beginning of century XX in the Princess of the Hinterland.

Key Words: Man; Representations; Gender Relations; Marriage; Princess of the Hinterland

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Comércio de bovinos no Campo do Gado	24
Tabela 2 – Dados demográficos de Feira de Santana	26
Tabela 3 - Número de estabelecimentos comerciais	27

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - “PRINCESA DO SERTÃO” – A CIDADE DE SANTANA E DE SEUS HOMENS	20
1.1 “AS FEIRAS DE SANTANA”: FEIRA DO GADO E A FEIRA LIVRE	23
1.2 A FEIRA DO SERTÃO: A REPRESENTAÇÃO DO CAMPO DO GADO PARA FEIRA DE SANTANA	29
1.3 SER TÃO PRINCESA: O SERTÃO BAIANO E A CIDADE DE FEIRA DE SANTANA	31
1.4 PRINCESA DA MODERNIDADE: A CIDADE NA CONSTRUÇÃO DO ESTADO MODERNO	42
CAPÍTULO 2 – A PRINCESA DO SERTÃO GESTA UM NOVO HOMEM: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO HOMEM MODERNO	60
2.1 O OUTRO DA MODERNIDADE: VAQUEIROS, BOIADEIROS, MAGAREFES, NEGROS E VAGABUNDOS	63
2.2 OS AVessos DO MASCULINO: O EXCELENTE E O PERVERTIDO	73
2.3 A MODERNIDADE FECUNDA A PRINCESA DO SERTÃO: IDEAIS SOCIETÁRIOS MODERNOS E A GESTAÇÃO DE UM NOVO HOMEM ...	81
CAPÍTULO 3 – OS MACHOS DA PRINCESA DO SERTÃO: RESISTÊNCIAS AO PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO	93
3.1 UMA SOCIEDADE QUE SE FEMINIZA: ORDEM PATRIARCAL, A MODERNIDADE E A CIDADE	96
3.2 O HOMEM DO PASTOREIO: EM DEFESA DA MASCULINIDADE	109
3.3 A VAQUEJADA: CORRERIAS DE BOIS COMO CRÍTICA À MASCULINIDADE URBANA	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
FONTES	130
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	132

CAPÍTULO I

“PRINCESA DO SERTÃO”:

A cidade de Santana e de seus homens

CAPÍTULO II

A PRINCESA DO SERTÃO GESTA UM NOVO HOMEM:

**Processo de construção identitária do homem
moderno**

CAPÍTULO III

“OS MACHOS DA PRINCESA DO SERTÃO”:

Resistências ao processo de modernização

INTRODUÇÃO

“O homem é a medida de todas as coisas”
Protágoras (492 - 422 a.C.)

Até os anos finais da década de 70 do século XX, a afirmação de que os “homens” eram os grandes escritores e personagens da história, aparecia de forma corriqueira nos discursos das lideranças feministas e nos escritos de um conjunto de trabalhos que direcionavam seus estudos para a chamada História das Mulheres. Segundo essa perspectiva, ao homem, dono e personagem da história, caberia a produção de uma historiografia que procurava aludir os domínios do ambiente público, entendido enquanto espaço privilegiado da emanção do seu enorme poder.

Com os avanços na luta por direitos civis e na dinâmica de estruturação dos movimentos organizados de mulheres e de gays, novos debates sobre a discriminação e diversidade sexual promoveram uma revisão das teorias sobre sexualidade, possibilitando o desenho de novos percursos teóricos que viessem a analisar a formação do “ilimitado” domínio masculino a partir do questionamento sobre esta dominação.

A guinada teórica, resultante das novas “políticas de identidade”, motivou a investigação sobre a identidade masculina, ampliando assim o quadro das abordagens que tinham no homem o foco, despertando interesse para a análise da masculinidade. Foi graças ao trabalho pioneiro das feministas e das suas ações políticas, e aos estudos sobre as mulheres, que o meio acadêmico se deu conta da forma como atua o gênero, sendo considerado, atualmente, tão importante como os problemas de classe e de raça.

Neste sentido, a categoria analítica denominada *gênero* representou uma revolução nos estudos feministas, uma vez que pretende observar a constituição dos papéis sexuais femininos e masculinos enquanto construções identitárias correlacionadas, partindo da análise das referências exclusivamente sociais e culturais das mesmas para o exame da dinâmica das relações de poder na sociedade ¹. Conseqüentemente, aparece nesta abordagem a preocupação em analisar o ser masculino pelo elemento que, de fato, se constitui o terreno de sustentação de seu “infindo” poder: as relações de definição de seus papéis sexuais e sociais.

1 C.f. SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre: **Educação e Realidade** 16(2), 22, jul/dez. 1990; e TILLY, Louise A. Gênero, História das Mulheres e História Social. **Cadernos Pagu** (3), 1994: pp. 29-26.

Deste modo, caberia à nova historiografia sobre gênero a composição da história do gênero masculino², pois como já disse Foucault:

É preciso pôr em questão, novamente, essas sínteses acabadas (...). É preciso desalojar essas formas e essas forças obscuras pelas quais se tem o hábito de interligar os discursos do homem. É preciso expulsá-las das sombras onde reinam. (...) É preciso também que nos inquietemos diante de certos recortes e agrupamentos que já nos são familiares.³

A análise do poder masculino passou então a ser reestruturada. Neste sentido, as contribuições trazidas por Michael Foucault foram decisivas para a composição de uma nova teoria sobre o poder masculino. Para Foucault, o poder não deve ser tomado como um objeto natural dotado de unidade e homogeneidade, antes, deve figurar enquanto uma prática social que pode assumir formas díspares e heterogêneas, uma vez que, como qualquer elemento fruto das relações humanas, se encontra em constante transformação. Além disso, a análise foucaultiana promoveu um deslocamento da concepção sobre o poder, inaugurando uma nova compreensão sobre a sua dinâmica, que passou a ser definida pelas relações sociais que deliberam formas de poderes diferentes do Estado, mas que estão articuladas a ele e que ao mesmo tempo o sustentam⁴.

Nesse contexto, as relações que daí resultam, considerando-se a definição das identidades de gênero, têm implícitas as relações de poder já que a assimetria nas relações entre os homens e as mulheres se estabelece pela vinculação do grupo masculino aos elementos simbólicos e às estruturas sociais detentoras de poder e todo um rol de qualidades que colocam o homem acima da sociedade e o identifica enquanto ser superior, isto é, enquanto um indivíduo portador de poder.

Outra contribuição importante para a estruturação dos estudos sobre a masculinidade veio de Pierre Bourdieu. Para ele, a dominação masculina comporta uma dimensão simbólica, onde o dominador (o homem) deve conseguir obter do dominado (a mulher) uma forma de adesão que não se baseia numa decisão consciente, mas sim, numa submissão imediata e pré-reflexiva dos corpos socializados. Nesse sentido, o simbólico está inscrito em todo o espaço social, seja em sua forma de estrutura objetiva, seja em sua forma incorporada pelo comportamento que resulta na diferenciação a que homens e mulheres não cessam de estar submetidos e que os leva a distinguir-se, masculinizando-se ou feminilizando-se⁵. Assim, a dominação masculina se dá de modo transversal, atingido indistintamente a homens e

² Ver: ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz de. **Nordestino: uma invenção do falo** – uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.

³ FOUCAULT. **Microfísica do Poder**. 13ª Ed. Rio de Janeiro: Edições Graa, 1979, p. 24

⁴ Cf. FOUCAULT. Op.Cit. p 09.

⁵ BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Oeiras: Celta Editora, 1999.

mulheres e servindo como um componente essencial para a definição de uma sociedade baseada no androcentrismo.

Do mesmo modo que Foucault, Bourdieu também estrutura uma nova concepção sobre o poder a partir de seu conceito de poder simbólico que compreende toda a força, todo o movimento que consegue impor significações de modo a torná-las legítimas. Os símbolos se configuram como os instrumentos por excelência de integração social, tornando possível a reprodução da ordem estabelecida⁶. Ao mesmo tempo, as experiências de gênero e de poder são pensadas como uma construção histórica na qual uma rede de poderes que se entrelaça com vários mecanismos de controle social estabelece a relação entre dominante e dominado na masculinidade, produzindo a diferença e a desigualdade a partir da vinculação dos elementos simbólicos do masculino às noções de poder.

Para Bourdieu uma análise do gênero masculino deve ser efetuada a partir da apreciação da sua posição num sistema mais alargado de símbolos e significados, pois não se trata de saber só o que significa, numa dada cultura, o termo “macho”, “fêmea”, “sexo” e “reprodução”: estes termos têm de ser entendidos num contexto mais vasto de inter-relação de significados⁷.

Estas contribuições trouxeram uma nova perspectiva teórica, influenciando os estudos sobre sexualidade, ao possibilitar o enquadramento do tema da discriminação sexual às estruturas maiores de controle social e de estratificação da sociedade. A própria composição da terminologia “gênero” traz a preocupação em compreender as relações entre homens e mulheres como a primeira forma de significar as relações de poder, por servir como mecanismo que funda e distribui o domínio da força no meio social, uma vez que as diferenças entre os corpos são constantemente solicitadas a testemunhar as relações sociais e as realidades que a princípio nada têm a ver com a sexualidade⁸. Por conseguinte, gênero, assim como raça e classe social, passa a ser visto como um dos mecanismos centrais através do qual o poder e os recursos materiais são distribuídos na sociedade, modelando o significado da vida dos indivíduos.

É neste campo historiográfico que este trabalho se insere, procurando os caminhos e descaminhos da construção da identidade masculina numa região da Bahia onde o masculino é definidor de uma identidade de gênero hegemônica, portanto, definidor do poder e da força no todo social. Para a análise que segue, elegemos o contexto de transformações motivadas

⁶BOURDIER, Pierre. **O poder simbólico**, Lisboa: Difel, 1989.

⁷ Idem. **A dominação masculina**. Oeiras: Celta Editora, 1999.

⁸ Cf. SCOTT, Op.Cit. p. 16.

pelo nascimento da República brasileira, pois este período figura na historiografia brasileira como o momento de redefinição da estrutura social que determinará novos valores e, conseqüentemente, uma nova concepção sobre a vida em sociedade para a população.

Com efeito, para este empreendimento, utilizaremos conceitos desenvolvidos pela atual epistemologia feminista, pela antropologia e sociologia. Assim, por exemplo, o conceito de masculinidade definido por Vanin, que o compreende como “um conjunto de atributos culturais e sociais associados ao sexo masculino, cuja aplicabilidade é influenciada por categorias como classe, geração, etnias, religião, grau de escolaridade, de acordo com o contexto em que está inserida”⁹, pareceu-nos adequado para o trabalho que segue.

Nesse itinerário, aproximamos o conceito de masculinidade ao de identidade, onde este último é entendido como um conjunto de referências produzida nas relações que estabelecemos com os sistemas culturais que compõe nosso universo de vida, estando em movimento constante na construção de uma totalidade, que antes de se constituir como algo fixo e estável, encontra-se sempre multifacetada, múltipla e mutável. Assim sendo, as identidades aparecem como representações pautadas pelo confronto com o outro, construídas a partir do reconhecimento social da diferença, uma diferença que é percebida e elaborada em conjunto e individualmente¹⁰.

A identidade de gênero refere-se à masculinidade e à feminilidade, ou melhor, à convicção que cada um tem sobre si de ser masculino ou feminino, contudo esse sentimento varia no tempo e no espaço, segundo o lugar social no qual o indivíduo está inserido, constituindo processos sociais diferentes das experiências de ser homem ou mulher. A noção de gênero, bem como a de masculinidade, é fluída e situacional, havendo, portanto, que considerar as várias formas como as pessoas entendem a masculinidade numa determinada situação, e explorar a forma como as diversas masculinidades são definidas e redefinidas na interação social: não existe, portanto, uma identidade masculina, mas diversas dentro de uma mesma sociedade num mesmo tempo, ou em tempos variados.

Essa formação do indivíduo na relação com outro, tal como colocamos acima, chamamos de constituição de identidade, que pode ser definido como um lugar imaginário a partir do qual emergem uma série de significações que se conectam com outros lugares imaginários para produzir a realidade, que é o entrelaçamento do gênero com esses outros estratos sociais – como classe, raça. A rede das relações sociais é o palco no qual se

⁹ VANNIN, Iole Macedo. **Educando “Machos”, Formando Homens: o Ginásio /Seminário São Bernardo.** Dissertação (Mestrado em História). Salvador: UFBA, 2002. p. 17

¹⁰ HALL, Stuart. **A Identidade cultural na Pós-modernidade.** 2ªed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

desenrolam as vivências dando a elas um significado que inscreve o sujeito no lugar imaginário que resultará em sua identidade: a identidade é produto das relações sociais porque é nelas que esta se define a partir da criação de espaços simbólicos. Conseqüentemente, se a identidade masculina se inscreve como um espaço simbólico dentro da rede social, esta se torna um elemento de sua composição, sendo junto com outros estratos sociais, responsável pela dinâmica das relações entre os indivíduos. A masculinidade pode ser entendida, então, como um componente da estrutura social que ajuda a sustentá-la ao tempo que também é constituído por ela.

Dentro desse processo, tem-se a definição de um comportamento masculino que serviu de molde para afirmar a hegemonia de um grupo social específico, ou seja, os homens associados a essa constituição de masculinidade, é assim que o termo “masculinidade hegemônica” se constitui num modelo cultural ideal produzido por cada sociedade para controlar o comportamento masculino e enquadrá-lo num campo de atuação esperado, ao subordinar e excluir performances masculinas não desejadas.¹¹

Apesar de verificar que os elementos identitários precisam ser compartilhados, nem sempre a identidade hegemônica de uma sociedade é definida pela maioria da população, mas antes, pode ser fruto de um ideal dominante tornando-se uma hegemonia simbólica. Tal hegemonia simbólica situa os espaços de poder numa sociedade ao definir comportamentos que devem ser apresentados por aqueles que almejam ocupar lugar simbólico de destaque na sociedade. Assim, o conceito de masculinidade hegemônica permite a quebra da universalidade do sujeito masculino, bem como desmistifica a idéia de uma atuação homogênea entre homens no que diz respeito à sua relação com as mulheres e com os outros homens. A partir dele podemos pensar numa masculinidade plural, como também numa relação de poder que atravessa as relações sociais e estabelecem espaços dominação e de subordinação.

Objetivando o disciplinamento do comportamento e de seus desejos, a sociedade estabelece ritos, testes e provas, os quais os homens são obrigados a responder para obter uma condição de status social. O elemento da virilidade, por exemplo, é o que distingue os homens e os mundos aos quais este ser masculino deve pertencer: medido de acordo com a conduta, a virilidade situa locais simbólicos de exercício de poder dentro do próprio universo masculino¹², desvalorizando toda forma de sexualidade que se distingue de um dado padrão

¹¹ VANIN. Op. Cit.p.150

¹². WELZER-LANG, Daniel. “Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo”. In.: SCHPUN, Mônica Raisa. **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo Editorial: Santa Cruz. P. 107 – 128.

hegemônico de masculinidade. Além da virilidade, a homofobia¹³ também desempenha papel central na estruturação dessa identidade masculina, visto que este elemento exerce a função de controle social sobre os homens para que estes não se desviem de seu “trajeto natural”. Para ser valorizado o homem precisa ser viril, mostrar-se superior, forte, competitivo, predador, heterossexual, senão, será tratado como os fracos e como as mulheres: assimilados aos homossexuais¹⁴.

O escopo deste trabalho consiste em historicizar as identidades masculinas do homem moderno e do sertanejo no cenário da cidade de Feira de Santana entre as décadas de 1920 a 1940, pensando-as enquanto marcas simbólicas que diferenciavam socialmente estes grupos num contexto de reordenamento das forças e dos poderes nesta sociedade. É objetivo desse trabalho analisar as estratégias elaboradas para dar forma a um comportamento masculino que se pretendia homogêneo e hegemônico, assim como o mapeamento dos discursos que versam sobre a experiência do ser masculino na “Princesa do Sertão” na primeira metade do século XX.

Pensar numa história dos machos na “Princesa do Sertão” significa compreender a masculinidade enquanto componente central dos códigos de sociabilidade da população, constituindo-se enquanto elemento definidor das relações de poder, sendo imprescindível o desenvolvimento de pesquisas que aprofundem a investigação histórica da estruturação do poder num dos principais centros econômicos e políticos do Estado da Bahia. Pensar na composição de um estudo sobre a identidade masculina durante a formação da Feira de Santana moderna significa investigar como a masculinidade é usada para agrupar e segregar os indivíduos que, aliado a outros sistemas simbólicos, indicam comportamentos e valores morais e estéticos, determinando a própria formação da modernidade na sociedade feirense.

No primeiro capítulo, “Princesa do Sertão” – a cidade de Feira de Santana e de seus homens, analisamos o processo de modernização operado em Feira de Santana entre as décadas de 1920 e 1930, indicando as modificações trazidas por esse movimento para a sociedade feirense com o intuito de entender as relações sociais presentes nesse contexto, elencando elementos simbólicos para compreender a consolidação de uma dada identidade

¹³ Discriminação para com as pessoas que mostram, ou a que se prestam, certas qualidades (ou defeitos) atribuídos ao outro gênero. Ver.: MOTT, Luis; CERQUEIRA, Marcelo. **Causa Mortis Homofobia**. Salvador: Ed. do Grupo Gay da Bahia, GGB, 2001.

¹⁴ ARILHA, Margareth; RIDENTI, SANDRA G. U.; MEDRADO, Benedito (orgs.), B. **Homens e masculinidades**: Outras palavras. São Paulo, ECOS, 1998.

masculina hegemônica, bem como as operações de elaboração identificatórias que foram então produzidas.

No segundo capítulo, “A Princesa do Sertão gesta um novo homem”, discutimos os conflitos e tensões, oriundas do projeto modernizador encabeçado pela elite feirense, que motivaram o estabelecimento de um novo padrão de masculinidade frente às outras formas de apresentação do “ser homem” na população feirense, compondo os elementos que conceberam o homem moderno numa cidade do interior baiano.

No último capítulo, “Os machos da Princesa do Sertão”, evidenciamos as estratégias de resistência e os conflitos observados durante o processo de estabilização da identidade do homem moderno urbano como uma figura hegemônica da experiência do ser masculino na cidade de Feira de Santana. Para tanto, investigamos a reação dos agentes sociais ligados à ordem patriarcal frente ao processo de destruição de seus espaços de poder operados pela perda da hegemonia do padrão social masculino.

Tendo em vista que a masculinidade ainda é um tema pouco explorado nas pesquisas em nosso país, este trabalho pretende contribuir para multiplicar as discussões sobre a identidade masculina, uma vez que, apesar de sua escassez, os trabalhos desenvolvidos sobre essa temática tem mostrado sua relevância para se pensar os vários procedimentos de controle social que contribuíram para a estruturação da sociedade moderna. Partindo do estudo das mudanças nas formas hegemônicas de masculinidade que serviram para reorganizar a dominação e a sujeição imposta por um grupo social específico, espera-se ressaltar a importância do processo de identificação de gênero como um mecanismo eficiente na arregimentação social, bem como observar sua articulação com outras instituições sociais, a fim de verificar a real dimensão da dominação exercida pelos homens modernos na Princesa do Sertão.

Por se tratar de uma análise histórica sobre a formação do poder masculino na sociedade moderna, numa cidade do interior nordestino, este trabalho também visa colaborar para inserir novos elementos nas discussões sobre o androcentrismo presente no meio acadêmico que se caracteriza pela recusa do homem de emitir pronunciamentos sobre si, de não questionar os espaços “confortáveis” das distribuições dos poderes na sociedade, por medo de trair os segredos que reservam para si o lugar de “dominador”, sustentando assim uma visão preconceituosa que relega a segundo plano os estudos que envolvem os temas do cotidiano e das relações de gênero e sexualidade.

Tendo em vista que uma discussão sobre a masculinidade implica numa discussão sobre preconceitos e estereótipos que possibilitam até hoje a manutenção de uma sociedade

dissimétrica e intolerante, e que o trabalho intelectual deve se conduzir para uma postura ética, este estudo pretende ainda colaborar para inserir novos elementos nas discussões sobre os direitos sexuais e sociais de grupos socialmente desfavorecidos, uma vez que o feminismo e o movimento gay ainda reclamam o direito da liberdade no exercício da sexualidade a partir da crítica à obrigatoriedade da heterossexualidade e da permanência de um imaginário que preconiza a superioridade masculina como algo natural.

Por fim, cabe esclarecer que o trabalho aqui desenvolvido figura como uma discussão inicial à temática da masculinidade, não sendo, portanto, um estudo síntese, mas antes uma obra que pode auxiliar as futuras gerações de pesquisadores na tarefa de descortinar a rede de conflitos e poderes que compõem a base de sustentação da dominação masculina na sociedade moderna.

A cidade não é apenas um objeto percebido (e talvez refutado) por milhões de pessoas de classes sociais e características extremamente diversas, mas também o produto de muitos construtores que, por razões próprias, nunca deixam de modificar sua estrutura. Se, em linhas gerais, ela pode ser estável por algum tempo, por outro lado está sempre se modificando nos detalhes.¹⁵

“Cidade de comércio”. Com esta definição Feira de Santana atravessa de ponta a ponta a sua história. Isto fica evidente quando observamos as inúmeras narrativas sobre sua evolução histórica, pois apresenta a atividade comercial como elemento fundamental para a estruturação do núcleo citadino. Os estudos historiográficos sobre Feira de Santana são unânimes em atribuir ao comércio de gado do sertão ao litoral¹⁶ o papel de elemento fundador desta localidade, tomando a localização geográfica como fator determinante da consolidação da cidade como entreposto comercial, haja vista que esta se localiza a meio caminho entre o recôncavo e os núcleos de criação de gado do interior como Mundo Novo, Jacobina¹⁷, dentre outras, assim como apresentava uma topografia rodeada por rios que promoviam excelentes pastagens para o descanso das boiadas oriundas de regiões distantes¹⁸.

Esta ordenação explicativa (tropas de gado–abastecimento de carne–desenvolvimento da feira-origem da cidade) domina o discurso historiográfico sobre a Feira de Santana inserindo-a numa trajetória possuidora de uma temporalidade bipartida entre presente e passado a partir da figuração desta como um dos principais entrepostos comerciais do interior baiano e nordestino. O passado e o presente somente ganhariam significação quando referendados por esse modelo explicativo. Assim, inescapavelmente, Feira teria sua história atrelada ao comércio, ressaltada nas ramificações estabelecidas pelas estradas e o volume das transações comerciais realizadas neste município em decorrência dessa rede viária, reafirmando sua característica de entreposto comercial.

¹⁵ LYNCH, Kevin. “Capítulo 1 – A imagem do ambiente.” In.: **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997; pp 02

¹⁶ OLIVEIRA, Clóvis F. R. Moraes. **De Empório a Princesa**: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937). Dissertação (Mestrado em História), UFBA: Salvador, 2000. Ver também: SILVA, Aldo José Moraes. **Natureza Sã, Civilidade e Comércio em Feira de Santana**: elementos para o estudo da construção de identidade social no interior da Bahia (1833-1937). Dissertação (mestrado em História), UFBA: Salvador, 2000.

¹⁷ Feira de Santana também serviu para o comércio do gado oriundo do Sertão do Piauí e Alagoas.

¹⁸ POPPINO, Rollie. **Feira de Santana**. Ed. Itapuã: Salvador, 1968. p. 55. Ver também: SILVA, Op. Cit., 2000, p. 17;

Partindo do modelo explicativo exposto, Silva conclui que a identidade de cidade comercial assumida por Feira de Santana é construída pela referência à diversidade que é compreendida como a movimentação apresentada pela atividade comercial e pelo fluxo constante de pessoas que eram atraídas pela mesma e davam à cidade uma fisionomia multifacetada¹⁹. Identidade essa que está baseada na diversidade e é percebida como “[...] virtudes propiciadas pelas ‘incontáveis estradas de rodagem’, que põem – fraternalmente – a cidade em contato com terras distantes e seus eitos e riquezas. É a percepção de que a cidade vive em função de suas atividades, mas não apenas do ponto de vista econômico, e sim também social e culturalmente”.²⁰

No entanto, apesar de Feira de Santana ser historicamente inscrita como uma cidade marcada pela vitalidade da atividade comercial, se constituindo desde os tempos coloniais como um importante centro de comercialização de produtos, e assumindo desde a década de 1910, o papel de centro líder comercial do interior, era inequívoco a qualquer observador desatento que houvesse passado pelo município antes de 1920, que a opulência apresentada pela cidade de Sant’Anna encontrava-se nos negócios estabelecidos na feira livre e na venda do gado. As feiras - de gado e de outras mercadorias-, sustentam a fama da cidade como local de realização de trocas comerciais e sustentam o fator que diferenciará Feira de Santana das demais cidades interioranas da Bahia.

Ruy Barbosa, por exemplo, ao visitar Feira de Santana em 1919 afirmava que esta localidade mereceria receber o título de “Princesa do Sertão”, pois esta assumia com mérito o posto de cidade mais importante do interior do Estado, o que corresponderia a uma espécie de segunda capital da Bahia. Seu argumento repousava na observação da movimentação comercial promovida pela feira do gado e por sua feira livre, que davam à cidade uma movimentação somente encontrada na capital. Assim a imagem de opulência do comércio feirense era vista como símbolo evidente do desenvolvimento da cidade, atraindo as atenções de autoridades regionais e nacionais, possuía raízes bastante visíveis no antigo comércio do gado que deu origem ao município²¹.

Denominada “Princesa do Sertão”, por Ruy Barbosa, Feira de Santana passou a ser compreendida como referência principal do sertão baiano para as populações litorâneas. Após a visita do jurista baiano, inúmeros visitantes evocaram este apodo para enaltecer o município e compor sua imagem ante o cenário regional e nacional.

¹⁹Cf. SILVA, Aldo José M. Op. Cit. p. 190

²⁰ Idem. Ibidem. p. 190

²¹ Idem ibidem. p. 36.

A imagem de Princesa do Sertão referencia o limite da civilização e a entrada num universo cultural marcado por relações sociais tradicionalista. Assis Chauteabriand, jornalista e fundador da Rádio Tupi, organizador dos Diários Associados, quando passou pela cidade em direção ao município de Santo Amaro da Purificação, referiu-se a Feira de Santana – nove anos após Ruy Barbosa -, como sendo a “Boca do Sertão” por ser compreendida como o “centro de convergência de todas as estradas do Sertão [...] reduto famoso por suas feiras de gado que atraem os criadores não só das redondezas como também do alto sertão”²².

Mas que significaria ser “Princesa do Sertão” dentro do imaginário social nas primeiras décadas da República? Para tal questionamento é necessário recorrer à investigação da inscrição do significante “sertão” no imaginário coletivo baiano e brasileiro nas três primeiras décadas do regime republicano, demarcando e problematizando suas representações enquanto paisagem social e recorte espacial naturalmente constituídos. Por outro lado, tal pergunta também implica na tarefa de analisar a trajetória que encerra o processo de construção da identidade social da cidade de Feira de Santana no período abrangido por este estudo, uma vez que, mesmo apresentando um passado no qual desponta uma forte imagem associada à atividade pecuarista, esta cidade figura ainda hoje no imaginário social baiano enquanto localidade portadora de uma intensa atividade comercial que, de tão poderosa, sobrepõe o vulto do seu passado agro-pecuário e encobre a presença “indesejável” de suas relações sociais baseadas em valores tradicionalistas.

Averiguamos o volume e a representação do comércio de gado e da feira livre para a cidade, observando a relação de ambos para o crescimento de outras atividades comerciais que foram responsáveis pela estruturação da imagem da Feira como uma “cidade de comércio”, revelando, assim, o percurso pelos quais os homens do sertão trafegaram na definição da hegemonia de uma identidade masculina que dominou a Princesa do interior baiano.

Pensar nessas questões num estudo que visa estabelecer uma investigação sobre a construção da identidade masculina do homem feirense durante o processo de modernização da cidade, é resultado da necessidade de estruturar o contexto no qual as operações de elaboração identificatórias foram produzidas, a fim de que as relações sociais presentes nesse conjunto possam servir para melhor compreender a eleição de determinados elementos simbólicos que serviram para a consolidação de uma identidade masculina hegemônica.

²² Folha do Norte de 28 de abril de 1928, nº 980.

1.1 “As Feiras de Santana”: Feira do gado e a feira livre.

Antigo pouso obrigatório de boiadas e tropas que conduziam o gado para o comércio na feira de Capuame nos anos iniciais do século XIX, o Arraial de Santana da Feira já em 1873 recebeu o nome de Comercial Cidade de Feira de Santana²³. A dependência do fornecimento de carne, couro e sebo por Salvador e cidades do Recôncavo motivaram o estabelecimento de um ativo comércio de bovinos viabilizou a formação de núcleos habitacionais à margem das vias de circulação de animais²⁴. Deste modo, a marcha das boiadas constituiu elemento fundamental na formação de inúmeros centros habitacionais que se estabeleceriam como pontos estratégicos no trânsito entre o interior e a região costeira, assim como definiu a atividade econômica predominante na maioria das cidades do sertão baiano. Sobre a conformação da futura Feira de Santana a essa dinâmica, nos esclarece o “brasilianista” Rollie Poppino:

A concentração dos esforços em torno da pecuária, por parte dos primeiros habitantes de São José da Itapororocas, foi provocada por dois dos fatores primários que governavam a economia provincial: a localização dos centros de negócios e os meios de transporte.[...] As distâncias e as dificuldades de transportes exigiam mercadorias que pudessem ser enviadas para os centros de negócios, fácil e economicamente. O gado, sempre procurado para o corte ou para carga, era produto lógico para a região²⁵.

“Campo do Gado” era a denominação utilizada para referendar o local onde ocorriam as negociações de compra e venda de boiadas vindas de pastagens das regiões vizinhas. Nesse lugar, eram também comercializados animais de toda espécie, desde ovinos, caprinos, suínos, até caça e animais domésticos. O comércio bovino assumiu posição primordial nas atividades econômicas de Feira de Santana a partir de 1819, quando a cidade se tornou o principal mercado de rebanhos do Estado, apresentando, a partir de então, um volume crescente de negociações: 10.000 cabeças para o ano de 1880, 60.000 animais em 1910, 92.376 no ano de 1923, e 100.000 de cabeças em 1929²⁶. O negócio de gado no município quase duplicou entre os anos de 1910 a 1923. No entanto, segundo estimativas de Poppino para o início do século XX, foi calculado um rebanho em torno de 40.000 cabeças, subindo para 53.876 em 1920, o que pode indicar que parte das negociações realizadas na feira do

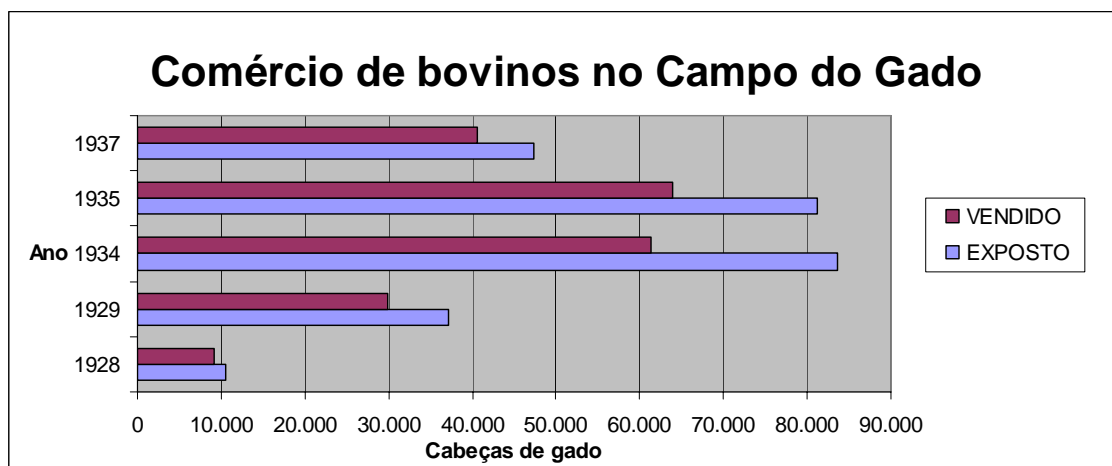
²³ DE ALMEIDA, Oscar Damião. **Dicionário personativo, histórico, geográfico e institucional da Feira de Santana**. 3º Ed. Editora Gráfica Nunes Azevedo, Feira de Santana, 2002, p. 139.

²⁴ SCHWARTZ, Stuart B. “O Recôncavo”. In: **Segredos Internos: engenho e escravos na sociedade colonial, 1750-1835**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 77-94.

²⁵ POPPINO, Op. Cit. p. 55.

²⁶ POPPINO. Op. Cit. p. 151-154

gado se estabeleciam, principalmente, na compra de gado oriundo de outras pastagens do interior baiano.²⁷



Fonte: Jornal Folha do Norte.

Além de nos apresentar números mais precisos sobre a densidade das transações comerciais que envolviam a compra e venda de gado em Feira de Santana, a Tabela 1 aponta para um expressivo excedente de espécies que possivelmente eram rejeitados pelos compradores devido sua condição física adquirida após longas viagens de seus municípios de origem até o Campo do Gado da Feira. Esses bovinos eram incorporados ao rebanho local, permanecendo nas pastagens dos distritos de Almas, Tanquinho, Humildes e São José para engorda e futura venda, estabelecendo uma característica particular à atividade pecuarista feirense, que passou a apresentar a figura do fazendeiro engordador de rebanhos.

A definição de Feira de Santana como local da realização do maior mercado de gado do Estado, muito antes de significar um destino natural do município, indica um projeto de conquista de uma determinada posição no cenário econômico baiano, uma vez que, se aproveitando de uma posição geográfica estratégica, a municipalidade desde o século XIX movimentou esforços na tarefa de multiplicar os canais de ligação com outras localidades baianas, o que iria defini-la como o principal entroncamento viário do Estado²⁸. Tal condição possibilitava um melhor deslocamento das boiadas à feira do gado, bem como facilitava o acesso de boiadeiros, vaqueiros, criadores, compradores, visitantes, por estradas pavimentadas

²⁷ Cf. POPPINO, Rollies E. Op. Cit p. 160

²⁸ Silva em seu estudo sobre a construção do ideal de cidade saudável de Feira de Santana, apresentou a preocupação da municipalidade na abertura de vias que ligavam Feira à inúmeros localidades do interior da Bahia. Ver.: Cf. SILVA. Op. Cit. p 18). No século XX a principal obra rodoviária tem início em 1939 quando têm início as obras da estrada pavimentada da BR 324 mais conhecida como Rio-Bahia (DE ALMEIDA, Op. Cit.; p. 212).

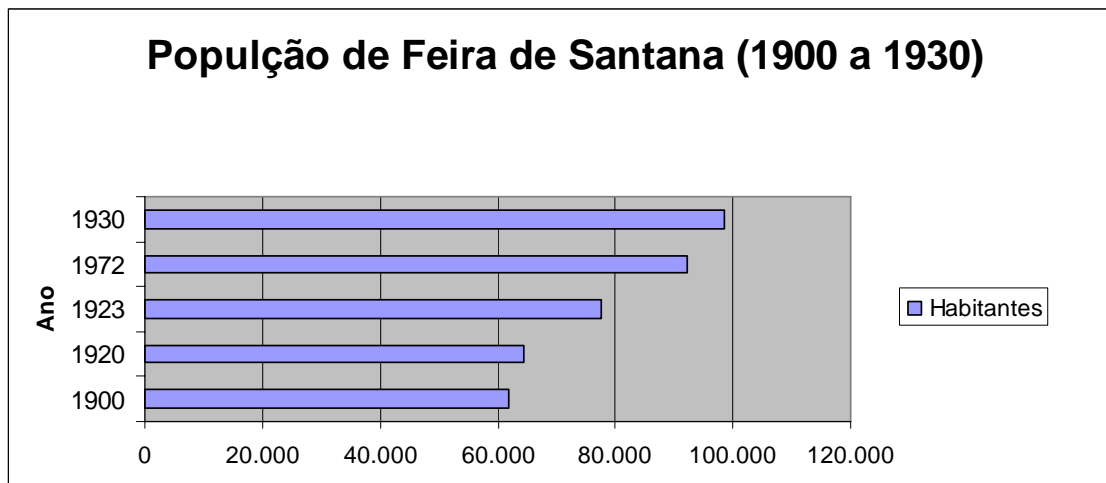
que diminuían o tempo da viagem, permitindo menor desgaste das boiadas, assim como teciam uma rede de ligações importante entre Feira de Santana e os mais diversos pontos da região.

Assim, até fins do século XIX, a documentação sobre a cidade de Feira de Santana e seu comércio é unânime em retratar uma praça comercial de porte médio, que envolvia um volume restrito de transações, envolvendo algumas cidades vizinhas e, a partir do primeiro decênio do século XX, a construção de estradas traria uma nova dinâmica comercial. Com o regime republicano, o poder municipal conseguiria consolidar sua malha rodoviária, que teria uma importância estratégica no contato de Feira de Santana com outras regiões. A articulação com os municípios vizinhos proporcionou um ensaio inicial nas atividades atacadistas, que viriam a dar uma nova dinâmica à economia feirense. Além disso, a construção de estradas municipais que ligaram a sede do município com as fazendas locais e com seus distritos, pode ser verificada pelo número significativo de requerimentos feitos à Câmara Municipal de pedido de abertura de estradas, construção de pontes, bem como de suas manutenções – o que também indica o esforço do poder público municipal em viabilizar tais melhorias.

A ampliação das vias de acesso à cidade provocou o aumento da população flutuante e o afluxo de pessoas para o município em Feira de Santana que, somados, ampliaram o desenvolvimento das negociações de gado e do volume de mercadorias comercializadas na praça da cidade. Além disso, devemos levar em consideração o crescimento populacional das cidades vizinhas, que mediante o avolumamento da sua população, recorria com maior frequência aos centros que contavam com uma maior rede de serviços e de oferta de produtos para sanar o abastecimento da povoação. Assim, o desenvolvimento de cidades vizinhas como Serrinha, Conceição do Coité, Iará, Coração de Maria, dentre outras, representaram um fator importante para a consolidação de Feira como importante entreposto comercial para os estados da Bahia.

Um panorama sobre a demografia do município podem ser apreciados no gráfico abaixo²⁹:

²⁹ Precisamente os números apresentados pela tabela indicam uma população de 61.758 habitantes em 1900, 64.514 para 1920 (POPPINO, Op. Cit. p. 245-246), 77.600 em 1923 (Fonte: IBGE – BARBOSA, Mário Ferreira. **Anuário Estatístico da Bahia** – 1923 – estatísticas: financeira, demográfica, instrução, administrativa e jurídica, justiça civil e criminal, associações e de assistência. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1924. p. 389-392 e. apud C. f. SILVA. Op. Cit. p. 20.), 92.171 para 1927 (Folha da Feira de 19 de junho de 1933, nº 247), e 98.552 em 1930.



Fonte: POPPINO, Op. Cit. p. 157-159.

O salto populacional verificado em apenas três anos da década de 1920 se constitui num resultado imediato da ampliação das estradas e do prestígio gozado pela feira do gado do município. O aumento da população serviu para aumentar a fama de cidade próspera que Feira construía entre as populações das cidades do interior baiano e, até, de outros estados, determinando a afluência de pessoas para o município e originando uma população composta por pessoas oriundas das mais diversas regiões do Estado e do país.

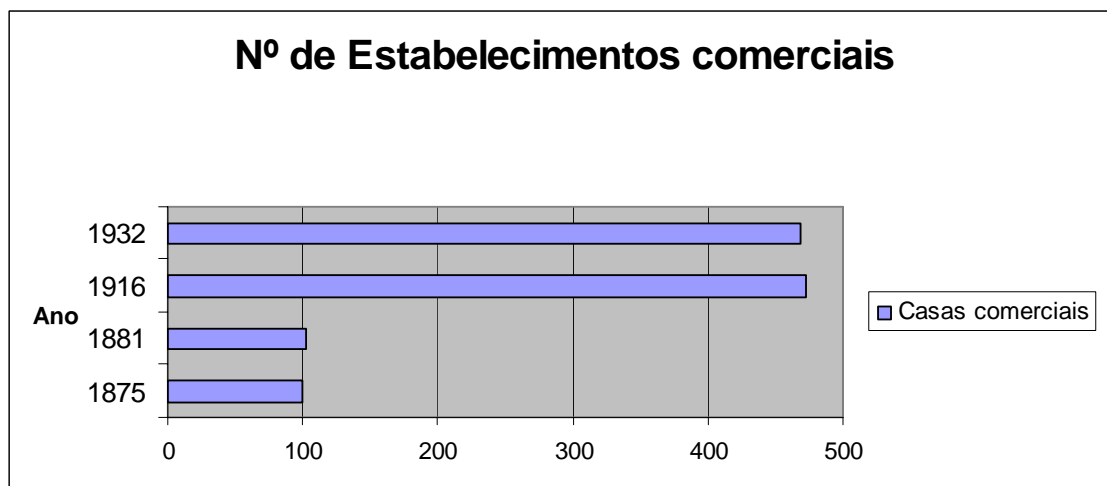
A feira livre semanal foi um dos campos beneficiados pelo tráfego de pessoas pela cidade, reunindo em 1825³⁰ um público estimado entre 3 a 4 mil indivíduos. Certamente uma cifra ainda maior poderia ser esperada para os primeiros anos da República, visto que a confluência de pessoas motivadas pelas negociações do comércio do gado proporcionava para as populações das cidades circunvizinhas boa oportunidade de vender suas mercadorias. Apesar da ausência de dados mais precisos sobre o volume de vendas e de transeuntes da feira livre, não é difícil imaginar a grandiosidade desse evento uma vez que até os feriados civis e religiosos tinham suas comemorações transferidas quando a data coincidia com o dia da feira - realizada secularmente às segundas-feiras³¹.

Compreendendo a ampliação da escala populacional como fruto direto do desenvolvimento econômico da região, motivado principalmente pela feira do gado, é lógico concluir que o crescente número de residentes na cidade, assim como de visitantes que procuravam visitar tão próspero centro urbano, proporcionou a ampliação de outros setores comerciais da economia local.

³⁰ Cf. Arnizau, José Joaquim de Almeida e. apud POPPINO, Op. Cit. p. 56.

³¹ Idem ibidem. p. 77.

Outro setor que parece ter acompanhado o êxito obtido pelas feiras livre e do gado foi o campo do mercado formal. A necessidade de expansão do setor de serviços na cidade como hotéis, pousadas, pensões, bares, barbearias, restaurantes, a fim de atender as necessidades locais nos anos iniciais do século XX, parece ter produzido a evolução dos estabelecimentos comerciais conforme demonstrado na tabela abaixo³²:



Observando os anos que apresentam o índice mais elevado do número de casas de comércio com os números apresentados pela tabela de evolução da população feirense durante os primeiros anos da República, os dados apontam para a probabilidade da existência de uma relação estreita entre o crescimento dos estabelecimentos comerciais e fluxo de pessoas que se dirigiam à Feira de Santana atraídas pelas feiras do gado e livre uma vez que a dinâmica comercial poderia sofrer alterações significativas mediante o número de pequenos lavradores e de forasteiros que vinham à cidade em dia de feira para vender seus poucos produtos e fazer as compras para a semana ou para o mês.

Deste modo, podemos inferir que a atividade comercial formal em fins da década de 1910 apresentava franco desenvolvimento, no entanto sua expansão dependia da dinâmica estabelecida pela atividade informal, conformando uma estrutura social e econômica que se sustentava no equilíbrio entre as atividades comerciais e as flutuações das negociações realizadas pelos feirantes.

Além disso, acreditamos que pode ser extremamente interessante observar os desdobramentos políticos nacionais e suas implicações com a realidade de feirense. A

³² Correspondente a 100 casas em 1875, 102 em 1881, 472 em 1916, e 469 em 1932.

proclamação da República trouxe um novo modelo de administração política que possibilitou a reorganização das forças políticas regionais, favorecendo a utilização do aparelho estatal como instrumento para os grupos dominantes na ordenação das diretrizes do município. O regime republicano com seu federalismo permitiu uma nova organização político-administrativa criada pela Constituição da República Federal dos Estados Unidos do Brasil, de 1891, que consentiu às municipalidades certa autonomia para gerar e administrar receitas, esse dispositivo favoreceu os grupos instalados no poder municipal que coordenaram suas atividades respondendo aos seus interesses.³³

Ao mesmo tempo, a partir da década de 1920 o Executivo e a Câmara seriam formadas basicamente por homens ocupados com as atividades comerciais, o que traz algumas implicações que contribuiu na definição de Feira de Santana como um importante entreposto comercial para a região. O cruzamento entre os nomes dos maiores proprietários de terra, casas comerciais e indústria revela uma concentração de renda nas mãos de quatro famílias, as quais participavam ativamente da administração do município, tanto no exercício do executivo como nos Conselhos Municipais, com uma atuação incisiva dessas famílias na condução das atividades econômicas do município. Conhecidos nomes da Feira de Santana, como os Fróes da Mota, Bahia, Falcão e Boaventura entrelaçavam os galhos da árvore genealógica com casamentos entre familiares, enquanto se revezavam na administração pública.

Iniciando sua primeira gestão em 1912, Bernadino Bahia cederia seu lugar ao seu genro Arnold Ferreira da Silva que prolongaria a atuação dessa família por mais três anos, totalizando nove anos dos Bahia no comando do município. Ligados aos setores comerciais a administração dos Bahia resultou em abertura de estradas para Tanquinho, Bomfim de Feira e Santa Bárbara, instalação da energia elétrica, construção do Paço Municipal e do Mercado Municipal, e a construção da estrada de rodagem ligando Feira à capital.

O estabelecimento da cidade de Feira de Santana como centro comercial é fruto da atuação de segmentos sociais ligados às atividades comerciais que implementaram

³³ Como nos lembra Emília Viotti da Costa durante a virada do século XIX para o XX o governo federal procurou organizar uma infra-estrutura voltada para apoiar o setor agro-exportador buscando a criar e melhorar o sistema de transporte do país. Nesse momento, qualquer iniciativa que procurava ampliar o número de vias rodoviárias ou ferroviárias no país seria recebida com grande euforia. O desenvolvimento e a integração de um mercado interno não mais subordinado à economia escravista permitiu a ascensão de novos grupos sociais cujas riquezas não se traduziam necessariamente em posse de terra. Obviamente, os setores ligados ao comércio de mercadorias manufaturadas e importadas seriam um dos segmentos que experimentariam essa promoção, uma vez que o período referido também se coloca como o momento de ampliação do mercado consumidor nacional. DA COSTA, Emília Viotti. **Da Monarquia à República**. Momentos decisivos. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 210-216.

mudanças a fim de estabelecer uma posição de destaque da cidade em relação a outros centros de comércio da região, servindo-se certamente da boa localização geográfica da qual dispunham. Ainda aqui, devemos ressaltar que outros setores ligados ao comércio também participaram na consolidação do pólo comercial uma vez que estes também saíram beneficiados com o seu crescimento, tais como: setores atacadistas, criadores de gado, carroceiros e trabalhadores afins.

Assim, o movimento de definição da Feira de Santana como o grande entreposto comercial do interior baiano não foi o resultado da ação involuntária das estruturas econômicas e sociais, nem muito menos uma inevitabilidade geográfica que encerraria sua vocação futura, mas antes deve figurar como um percurso definido por tramas históricas, produzidas e enredadas pelos encontros e conflitos das vontades individuais e coletivas.

A dinâmica da expansão do comércio esteve intimamente relacionada ao crescimento e estabelecimento das atividades agropecuárias na cidade de Feira de Santana. Essa trajetória define o caráter das relações sociais vivenciadas na cidade, estruturando um modelo de sociedade que teve na ordem rural um referente dos seus ideais societários, pelo menos até os anos iniciais do século XX. Considerando que a rede das relações sociais é o palco no qual se desenrola as vivências, dando a elas um significado que inscreve o sujeito no dado lugar imaginário que resultará na sua identidade, podemos conceber o quanto é relevante a percepção da importância da Feira do Gado e da Feira Livre para a estruturação de uma identidade masculina pautada em ideais vinculados à sociedade de base tradicional. Aqui apresentarmos, então, o espaço destinado à comercialização do gado, uma vez que nele os homens da Princesa do Sertão exerciam sua masculinidade, pois este local figura como palco privilegiado da vivência masculina sertaneja reservando ao mesmo o papel de baluarte de seu sistema identitário.

1.2. A Feira do Sertão: a representação do Campo do Gado para Feira de Santana.

A partir do século XVIII, com a desestruturação da Feira de Capuame é que Feira de Santana passou a ser o polo aglutinador do comércio na Capitania da Bahia. O gado chegava àquela localidade para sua comercialização e era vendido solto em um campo próximo ao centro da municipalidade, contudo em 1833, quando foi instalada a Vila de Feira de Santana, o comércio de bovinos foi proibido dentro da mesma, sendo construído um local específico

para a realização desta atividade, que ficou conhecido como Feira do Gado³⁴ e estava localizado onde hoje é a Praça do Nordeste.

O Campo do Gado era constituído por um complexo de currais feitos de madeira, como a capacidade de abrigar cerca de três mil animais. Apesar de sua função específica, com o passar dos anos, o local serviu como ponto de venda de outras espécies de animais, resguardando assim toda a comercialização de rebanhos de muares, eqüinos e caprinos e de porcinos, ovinos, pássaros e caças³⁵.

Até a década de 1920 as transações comerciais eram efetuadas sem a interferência do poder público, sendo que o preço do animal era negociado entre o comprador e o boiadeiro, no qual o peso do boi era avaliado por um olheiro que fixava o valor estimado em arroba³⁶. Esta dinâmica foi alterada com a implantação de balança com capacidade de cinquenta mil quilos em 1926, durante a segunda gestão de Arnold Ferreira da Silva. Tal medida visava melhorar a comercialização do gado, uma vez que, como nos informa um articulista do jornal Folha do Norte, a utilização da balança poderia fazer “desaparecer a possibilidade de erro no calcular a olho o peso de rezes vivas”³⁷ ao passo que viabilizaria uma melhora na arrecadação municipal que passou realizar a cobrança de “1 mil reis por pesada de cada animal bovino, na balança municipal, isento o animal que tendo pago, até 24 horas antes, o imposto de ocupação de solo”³⁸.

Devido ao caráter das atividades desenvolvidas no Campo do Gado, bem como sua disposição enquanto centro da comercialização de animais, este local tornou-se ponto de encontro da população rural, além de pólo de concentração do público visitante da Feira de Santana que para lá afluía motivado pela curiosidade face o já famoso comércio bovino da cidade.

Detendo a função de lócus da atividade de econômica de maior vulto para as divisas do município, o Campo do Gado estabeleceu-se como campo da realização da vida urbana da Princesa do Sertão, em torno do qual inúmeros outros serviços funcionavam. Juarez Bahia revela a rede de serviços que gravitavam sobre esse espaço, apresentando a presença de botecos, biscateiros, barbeiros, magarefes, condutores de mercadorias, coronéis, casas comerciais dos mais diversos ramos e, é claro, dos compradores e negociantes do gado³⁹.

³⁴ ASSIS, Rosilene Moraes de. **A sobrevivência de uma tradição: o comércio de gado em Feira de Santana**. Monografia (UNERJ) Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995, p. 23.

³⁵ Cf. DE ALMEIDA, 2002, p. 174.

³⁶ Cf. ASSIS, 1995, p. 25.

³⁷ Folha do Norte, 11/12/1926. nº909. pp.01

³⁸ Folha do Norte, 14/07/1928, nº 991, p. 03

³⁹ BAHIA, Juarez. **Setembro na Feira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 230p.

Dados extraídos da coletoria estadual também apontam para a existência de pensões, oficinas, quatro olarias e uma casa de gênero alimentícios nas adjacências do Campo do Gado, em bairros como Queimadinha, Campo General Câmara e o próprio Campo do Gado⁴⁰.

Devemos considerar, ainda, que devido sua localização que estabelecia uma íntima relação com outra grande ação econômica, a Feira Livre que ocorria na atual Praça da Bandeira subindo a Avenida Getúlio Vargas e adentrando a Avenida Senhor dos Passos, o Campo do Gado esteve intimamente associado a esse outro acontecimento, de modo que a realização de ambas as atividades davam-se conjuntamente na segunda-feira. Comumente, pessoas que vinham comercializar seus animais no Campo do Gado realizavam suas compras na Feira Livre, bem como o movimento reverso também se confirmava, fazendo com que as duas estruturas se interligassem e resguardassem todo o centro da cidade para a realização de suas atividades.

Assim, o Campo do Gado era o coração da Princesa do Sertão, o lugar onde toda a população se encontrava e para onde convergiam as atenções da administração pública, do povo em geral e dos visitantes que vinham atestar sua grandiosidade. A pulsação dos negócios operados ali conformava uma rede de relações sociais que se espraiam pelas veias da Princesa do Sertão prescrevendo as formas e modelos de sua vida econômica e social. Cabe-nos analisar de que maneira esse elemento associado a outras imagens produziram uma certa representação de cidade que inscreveu a Feira de Santana como uma Princesa do Sertão já nas primeiras década do século XX. Além disso, faz-se necessário que observemos o valor do significante sertão para uma cidade do interior dentro do imaginário social baiano.

1.3. Ser tão Princesa: O sertão baiano e a cidade de Feira de Santana.

Os registros geográficos são definidos também pelas relações políticas sendo, portanto, construções históricas estabelecidas por sujeitos de poder, que demarcam um ambiente físico a partir de referenciais imagéticos, atribuindo ao espaço significado, sentido e vontade. As imagens selecionadas por estes indivíduos abarcam o quadro de memórias, tradições e episódios representativos de uma dada região, compondo uma geografia espacial dos sentidos na qual se cruzam e se constrói o mapa físico e simbólico de uma cidade, um estado, um país. Cabe, então, investigar o histórico da palavra sertão, apresentando sua

⁴⁰ Primeira coletoria estadual da cidade de Feira de Sant'anna, 1924. Documento localizado no Arquivo Público Municipal de Feira de Santana.

trajetória no imaginário coletivo, a fim de definir este sertão baiano que recorta o mapa simbólico da Bahia, compreendendo ainda a inserção da cidade de Feira de Santana neste conjunto, uma vez que a mesma foi e continua sendo referenciada como a “Princesa do Sertão”.

Para a composição de uma representação da Feira sertaneja, trataremos aqui de identificar entre alguns memorialistas feirenses certos símbolos e imagens que serviram como modelos interpretativos da cidade de Feira de Santana enquanto uma típica cidade sertaneja. Os primeiros indícios do emprego da palavra sertão datam do início do período colonial, onde se utilizava tal terminologia para se referir ao interior do território conquistado. Assim, durante a ocupação e povoamento da América portuguesa, sertão expressou o limite, a fronteira da colonização.

Segundo Janaína Amado, a categoria “sertão” carregaria, desde então, um sentido negativo ao denotar terras onde se faziam ausentes os símbolos da civilização, como religião e organicidade administrativa, caracterizada pela ausência de controle colonial, associado a idéia de incivilidade e desordem⁴¹. Neste período instaura-se uma configuração dualista para a colônia, que estaria dividida entre dois ambientes distintos: o sertão, entendido enquanto uma vasta região do interior do território despovoada, ou habitada pelo desconhecido, sem fé, sem lei, sem rei; e o litoral, região costeira detentora da civilização e do poder⁴².

Mesmo antes do período republicano, a região já era tida como integrante do Sertão. O naturalista alemão Martius, em expedição científica pelo interior do Brasil, ao passar pelo povoado que 100 anos mais tarde se tornaria a cidade de Feira de Santana, observa que “[...] Os moradores deste mísero povoado já nos mostravam o tipo perfeito de sertanejo”⁴³.

Até as primeiras décadas do século XX, o sertão ainda era compreendido como região agreste, lugar recôndito e pouco povoado. Podemos perceber a permanência de determinados elementos desta antiga formulação na obra do brazilianista Rollie Poppino de 1968 para o qual a Bahia estaria dividida em duas regiões distintas e desiguais:

“A primeira é a estreita planície costeira, ou seja uma área agrícola bastante rica, onde caem pesadas chuvas no inverno. [...] Conquanto compreenda somente uma pequena fração da área total da Bahia, contém mais do que uma quarta fração da população deste Estado, a maioria da qual vive na Cidade de Salvador e nos municípios em derredor da baía de Todos os Santos. Esta pequena área domina o Estado, economicamente, política e socialmente.

A segunda das duas regiões da Bahia é o sertão, um vasto planalto semi-árido que cobre a maior parte do interior do Estado. É uma terra de secas periódicas, de invernos frios, compridos e sem chuva, de verões quentes, apenas interrompidos por trovoadas ocasionais. A economia do sertão baseia-se,

⁴¹ AMADO, Janaína P. Região, Sertão, Nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 5, p. 145-151, 1995.

⁴² Idem, *ibidem*.

⁴³ Cf. SPIX, J.B. e MARTIUS, C.F.P. **Vigem pelo Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938. p. 366.

especialmente, na criação de gado. Nestas circunstâncias não é de se estranhar que haja poucas grandes cidades em toda a região”⁴⁴.

Desta forma, a formulação de sertão apresentada era constituída por dois elementos: um espacial, freqüentemente circunscrito à região denominada de semi-árido; outro sócio-econômico, sendo observado enquanto ambiente onde se desenrolam as atividades econômicas e padrões de sociabilidade associados à pecuária. Ressaltando as características geográficas e econômicas, o autor retoma a perspectiva dicotômica da idéia de um Brasil dividido entre o litoral e o sertão, no qual o primeiro assume o papel de liderança no Estado, enquanto o segundo seria - por associação direta - a região dominada. Este dualismo remete a outros pares de opostos como o rural e o urbano, o campo e a cidade, o bárbaro e o civilizado.

Na década de 1920, ao sertão agregava-se ainda a imagem do arcaísmo político, caracterizado pela ação do clientelismo dos coronéis e do recurso à força e a violência na intermediação das relações sociais. As cidades, principalmente, as grandes formações citadinas do litoral brasileiro, contrastavam com essa imagem ao apresentarem-se como modernas, progressistas, portanto representantes de valores novos, na qual se praticaria a atividade política com democracia, através do convencimento, ao uso da razão, da liberdade de expressão e opção, enfim, um lócus de vivência e atuação de cidadão livres, conscientes e racionais.

Situada numa região limítrofe entre o civilizado e o bárbaro, entre o poder e a submissão, entre o litoral e o sertão, a Feira de Santana das décadas de 20 e 30 do século XX reunia elementos desses dois mundos. Sua situação geográfica, a colocava a meio caminho entre a costa e o interior, torna imperativa a realização de opções que vão perfilar sua imagem e inscrevê-la no mapa simbólico da Bahia no qual já figurava duas regiões distintas e desiguais – conforme nos informou Poppino ao afirmar que na

“Bahia, sertão refere-se especificamente à vasta região pastoril, de exígua população, que abrange quase todo o interior do Estado. Num sentido mais genérico o sertão inclui praticamente todo o Estado, com exceção da Cidade de Salvador e áreas circunvizinhas. Assim sendo Feira de Santana está dentro do sertão”⁴⁵.

A Feira de Santana para Poppino estaria assim conformada ao universo do Sertão Baiano por pertencer à tradição pecuarista que arremata sua denominação de Sertão. Colaborando com o pensamento brasileiro do período, o autor identifica o sertão como um todo homogêneo de terras do interior da Bahia que contrasta com a região litorânea,

⁴⁴ POPPINO. Op. Cit. p. 10.

⁴⁵ Idem, Ibidem. p. 06.

principalmente quando seu limite se encontra resignado à atividade da pecuária com seu modo de vida extremamente peculiar e diferenciado do modelo de vida urbana apresentado pela capital. Por se tratar de uma zona de fronteira entre o litoral e o sertão, a cidade de Feira de Santana passou a se apresentar como ponto de partida, como “Boca do Sertão”, local onde se iniciava o mundo rural tecido pelo rastro das boiadas, lugar de origem de um mundo que ainda era considerado incivilizado, ignoto, rústico, tosco.

Outro autor que avoluma as discussões sobre a sertaneidade da Feira de Santana, colocando-a como centro de seu discurso, é o escritor feirense Eurico Alves. Nascido em 27 de junho de 1909, filho do comerciante de couro Gonçalves Alves Boaventura, mudou-se para Salvador em 1927, onde cinco anos mais tarde integrou o corpo de escritores da revista *Arco & Flexa*⁴⁶, a qual reunia os nomes mais significativos da expressão do modernismo literário baiano. Como tantos outros estudantes da Faculdade de Direito da Bahia, Eurico dedicava-se a escrever poemas e ensaios, tomando a cidade, o espaço urbano, como tema preferencial de suas primeiras composições. No entanto, a partir de 1933, sua poesia ganhou um perfil regionalista, na qual o autor abandonou radicalmente a representação da cidade moderna, para se colocar enquanto “porta-voz da sua gente”, ao apresentar positivamente os aspectos da vida cotidiana, da cultura de uma região encerrada em sua cidade natal, Feira de Santana⁴⁷.

Sua obra apresenta um aspecto oscilante entre o urbano e o rural, mas boa parte dos estudiosos da literatura euriquiana concordam em afirmar que a poética do autor pós-30, figura como um esforço em operar a “valorização do espaço rural vinculando-o a uma forma natural de vida, em oposição à civilização moderna”⁴⁸, que é caracterizada como artificial e estéril. Sua preocupação em evocar e defender o seu sertão assumiu tamanha importância que a sua produção poética será substituída por uma escritura que invocasse o estatuto da cientificidade, a fim de que sua proposta de resgate dos valores sertanejos pudesse ser amparada pela tradição da veracidade do argumento lógico, servindo como mecanismo eficiente na busca pela valorização dos mesmos⁴⁹.

⁴⁶ Sobre a importância desta revista para o modernismo baiano ver: ALVES, Ívia. *Arco & Flexa* – contribuição para o estudo do modernismo. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978.

⁴⁷ Para um estudo mais aprofundado sobre a obra de Eurico Alves ver: SOARES, Valter Guimarães. *Cartografia da Saudade: Eurico Alves e a invenção da Bahia sertaneja*. Dissertação de Mestrado (Letras/UEFS). Feira de Santana: 2003. Ver também: OLIVIERI-GODET, Rita. *A poesia de Eurico Alves da cidade e do sertão*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural, EGBA: 1999.

⁴⁸ OLIVIERI-GODET, 1999. p. 36.

⁴⁹ O ápice deste projeto repousa nas páginas do seu livro *Fidalgos e Vaqueiros* editado pelo Centro Editorial e Didático da UFBA em 1989.

Assim, do mesmo modo que Poppino anos depois o faria, Alves também procurou prescrever uma nova composição cartográfica para Bahia estabelecendo a divisão do território baiano em litoral e sertão:

“Morre o Recôncavo, quando as espátulas do canavial cedem lugar ao flácido flabelar festivo do capinzal. Além do horizonte descrito, já não se ouvem os gritos históricos de feitos sádicos, mas sim da melopéia do aboiado, conduzindo a vida e o rebanho para a alegria do sertão imenso. Imenso como um coração.”⁵⁰

No entanto, o aspecto mais interessante em sua obra é o recorte que o autor opera na estruturação do seu mapa do sertão baiano.

“Recordando-se o fastígio, a opulência que a cana derramou no Recôncavo, modelando o fenômeno social que se conhece por civilização do açúcar, e o brilho momentâneo das minas, tem-se de evocar a civilização do pastoreio, sua contemporânea e que a ambas sobreviveu. Um dos seus ambientes definidos e de moldura precisa foi a zona da Feira de Santana, conhecida, na época inicial, como Campos do Jacuípe e da Itapororocas. Mais além, até pelo vale do São Francisco, depois, a vida rude mantém outro tipo de civilização até muito tempo. Por ali, medravam meros sítios pequeninos sob o guante da Casa da Ponte, até certa altura de que se tem vasto rol. E, aqui, o primitivo ponto de convergências desta vida pastoril se fixa na hoje Vila de São José das Itapororocas, até chegar ao meio centúria dos setecentos.”⁵¹

A citação é ainda mais elucidativa da configuração geográfica do território do nosso Estado por revelar elementos da compreensão de Alves sobre os limites geográficos que constituíam a Bahia. O autor evoca uma imagem sertaneja para Feira de Santana, elegendo-a como portal de entrada para o sertão, ao mesmo tempo em que a torna representante máxima desta região. Muito embora o autor houvesse falado em sertão, distinguindo-o da zona costeira, o mesmo apresentaria um percurso discursivo diferente de Poppino na sua análise sobre a geografia baiana e brasileira. Para Alves, o Brasil apresentaria não apenas duas regiões distintas, como era apresentada pelo pensamento sociológico dos anos 40 e que definiu o país em termos dicotômicos entre Norte e Sul. O escritor feirense atestou em seu estudo a ineficiência destas formulações, a qual ele entendia como fruto de análises imprecisas e incompletas, apresentando, em contrapartida, um novo enquadramento espacial para a nação que passou a abarcar quatro regiões.

“Ter-se-ia de dizer com justeza: Brasil do litoral, com canaviais e casa-grandes açucareiras; Brasil do Sertão, com pastos, malhadas, currais e casa-de-fazendas; e, Brasil do Sul. E ainda, o Brasil das Minas, que, de certo modo se assemelha ao pastoril, quando se associa aos latifúndios agropastoris.”

Apesar da ausência de exatidão geográfica em sua formulação teórica sobre as regiões que constituem o mapa da Bahia e do Brasil, Alves redesenha o espaço geográfico a partir de metáforas espaciais inovadoras que conformam uma imagem da Bahia na qual o sertão

⁵⁰ Cf. ALVES, Eurico. Op. Cit. p. 17

⁵¹ Id. Ibid. p. 15

aparece condicionado à atividade pecuarista com seu estilo de vida próprio⁵². O sertão baiano para Alves encontrava-se definido por dois elementos: pertencer ao interior e estar enquadrado à pecuária. Em suas imprecisas definições geográficas, Alves utilizou-se de suas reminiscências de infância para definir com precisão o centro desta vasta zona de terra, a sua cidade natal. “Incontestavelmente, na região sob o domínio espiritual da Capela e depois matriz de São José das Itaporocas, concretizou-se autêntica civilização do pastoreio, vindo também de longe os raios da sua vida.”⁵³

Desta forma, a Feira de Santana para Eurico Alves, não só contornou as fronteiras do sertão-pastoril baiano como também guardou em suas terras, em sua gente, nos seus costumes, sua moldura mais precisa, seu formato mais definido. Certamente, era a imagem da sua terra que este poeta elegeu como representação máxima e única desse sertão pastoril. Tais imagens explodem em cada página da obra de cunho regionalista de Eurico Alves. A palavra do autor neste momento será preciosa para termos uma dimensão concreta do discurso e do imaginário que definiram nos anos 30 a representação de uma Feira de Santana sertaneja.

A Feira Sertaneja, tal qual definida por Alves, compreende a zona circunscrita ao gado⁵⁴, a qual conformou sua estrutura social e sua cultura, compondo assim uma verdadeira civilização do pastoreio⁵⁵ que se moldara sob a dinâmica vibrátil dos currais e das vaquejadas⁵⁶ e que com suas casas-de-fazendas, residência do senhor coronel e da família patriarcal⁵⁷, espriavam a força e a autoridade dos coronéis com seu patriarcalismo social⁵⁸ para toda a extensão desse sertão. Sertão cuja base de riqueza pessoal se realizava no número de cabeças de gado reunidas durante gerações⁵⁹, que carregava suas riquezas no lombo dos burros ou nos carros-de-boi⁶⁰, que levavam o milho, o feijão, o tabaco e a mandioca em gibeiras, embornais e malas de couro puro⁶¹, extraído, aliás, do boi que ao sustentar toda uma região institui um “determinismo pastoril”⁶².

Na obra *Fidalgos e Vaqueiros*, Feira de Santana é a região dominada pelas casas-de-fazenda que tingem a paisagem com as cores fortes da autoridade do coronel, apresentado como ser soberano e forte que comanda a casa e os vaqueiros com sua autoridade incontestada.

⁵² Cf. SOARES, Valter Guimarães. Op. Cit. p. 47.

⁵³ Cf. ALVES, Eurico. Op. Cit. p. 16.

⁵⁴ Id. Ibid. p. 34.

⁵⁵ Id. Ibid. p. 17.

⁵⁶ Id. Ibid. p. 161.

⁵⁷ Id. Ibid. p. 96.

⁵⁸ Id. Ibid. p. 96.

⁵⁹ Id. Ibid. p. 33.

⁶⁰ Id. Ibid. p. 109.

⁶¹ Id. Ibid. Op. Cit. p. 19.

⁶² Id. Ibid. Op. Cit. p. 22.

Em Alves, Feira de Santana se encontra povoada de sertanejos, tabaréus, vaqueiros e coronéis que refletiam o mundo rural ao qual esta pertencia.

Outro escritor feirense, Godofredo Rebello de Figueredo Filho, nascido em 26 de abril de 1904, assim como Eurico Alves, também procurou exaltar em seus escritos a figura de uma Feira sertaneja. Modernista, considerado um dos precursores desse gênero literário na Bahia, Godofredo Filho participou ativamente da revista “Arco e Flexa” na qual publicou inúmeros trabalhos em diferentes gêneros literários. No conjunto de sua obra, um poema destaca-se em importância para nossa análise por se tratar de uma elegia à sua cidade natal, do qual reproduzimos um trecho:

FEIRA DE SANTANA
 Feira de Sant’Anna do grande comércio de gado
 Nos dias poeirentos batidos de sol compridos
 Feira de Sant’Anna
 Das segundas-feiras de agitações mercenárias
 Correrias de vaqueiros encourados
 Tabaréus suarentos abrindo chapéus enormes
 Barracas esbranquiçadas à luz
 E as manadas pacientes que vêm para ser vendidas
 De bois do Piauí, de Minas, do sertão brabo
 até de Goiás.(...) ⁶³

O retrato pintado por Godofredo Filho de uma localidade do interior do Brasil, assim como por Alves, enriquece, ainda mais, a literatura regionalista, que a partir de 1930, passou a elaborar composições artísticas nas quais as paisagens e personagens do nordeste e do interior do país, serviram para incitar a discussão sobre a sociedade moderna a partir de uma análise que visava conectar o local e o regional ao nacional e ao universal. Deste modo, era essencial demonstrar como sua terra natal, no interior de suas recordações, serviu para propor outro retrato de Brasil que fosse mais autêntico com sua história. Assim, tanto para Godofredo Filho como para Eurico Alves, Feira de Santana se inscrevia no país por seu passado pastoril, por seus tabaréus suarentos, por seus vaqueiros encourados, por suas imagens rústicas que compunham uma parte significativa da cultura nacional e regional.

No entanto, as recordações destes dois ilustres modernistas feirenses presentes em seus escritos não são os únicos clamores a evocar imagens de um passado pastoril para Feira de Santana. Ao contar a história do romance vivido pelos personagens Florêncio e Adélia, Juarez Bahia ⁶⁴ utilizou suas lembranças para compor o cenário ao qual o amor dos dois adolescentes

⁶³ FIGUEREDO FILHO, Godofredo Rebello. **Poema da Feira de Sant’Ana**. Salvador : Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1977.

⁶⁴ Cahoeirano nascido em 18 de novembro de 1930, mudou-se para Feira de Santana aos 12 anos de idade onde atuou como secretário do Advogado Arnold Ferreira da Silva que detinha o controle do maior jornal local “Folha

se desenrolava. A Feira de Santana de fins da década de 1930, com o seu clima de otimismo e ansiedade provocados pela inauguração dos currais-modelos e pelas obras da estrada Rio-Bahia, é o ambiente pelo qual Adélia, Florêncio, Seu Ia, Coronel Farinha e tantos outros personagens, passeiam tendo como palco principal o bairro da Queimadinha, local onde os novos currais estão sendo construídos. A visão que o autor captura para ilustrar o então Campo do Gado aponta para um panorama pouco adotado por Feira de Santana.

“Campos de verão ressecados, ralos, esvaídos, verdes gerais no inverno, por setembro em fora mistura de tabuleiro e caatinga, Queimadinha se conforma, melancólica, paciente. Que nem boi. Caprichosa, valente, forte, remoída que nem boi. Queimadinha. Enorme curral, dos curralinhos propriamente ditos até o Campo do Gado, contam-se léguas, a curralada. Primeiro, o gado vai à matança; depois o excremento vai ao pomar. Como o boi que devolve em fecundidades que pasta, Queimadinha.

Entre o matadouro e os frutos da matança, o comércio. Na terra queimada, áspera, enérgica deste lugar da Feira, o verde nasce e morre antes de crescer o bastante para adubar a paisagem. Só de teimoso, sobrevive. Se Deus não manda a água, o aguadeiro a traz. E se a fonte seca, Queimadinha resiste. Como o boi, último a morrer, como o mandacaru, último a cair.”⁶⁵

Juarez Bahia atualiza as imagens de Alves, trazendo detalhes sobre sua memória de Feira de Santana. Na liberdade de sua composição literária, o autor nos dá uma boa pista sobre a dinâmica das relações sociais que se desenrolavam no Campo do Gado, pois para além da função meramente econômica este local era ideal para

“aparar conversas, seguir pesagens, resmungar cantorias de vaqueiros, cinchar crias, espiar coronel apurar fortuna, fazer mandos de encomenda, levar recados”⁶⁶ local povoado por “tratadores de carne, boiadeiros, vaqueiros, cantadores, seleiros, coureiros, cortadores de barriga, magarefes, poetadores, capatazes”⁶⁷.

Dentre estes personagens, o autor retrata os fazendeiros de engorda e de corte, assim como o coronel, enquanto figuras centrais da sociedade feirense, os quais,

“Em meio às pessoas ilustres da terra, os fazendeiros da engorda e do corte parecem dominados por um orgulho todo particular. Alguns deles, afamados coronéis, são líderes políticos da Feira, uns no governo e outros na oposição. Nestes Currais Modelo, que o povo continua a chamar de Campo do Gado, eles se reencotram na posição de chefes, juízes e protetores da comunidade, símbolos da sociedade patriarcal que a fazenda ajudou a construir no país.”

Para Juarez Bahia o Campo do Gado seria a própria retratação da Feira de Santana que “já cresceu ao seu redor, amando o boi, os cavalos, os carneiros e os porcos do Campo do Gado, curtindo o couro nos velhos curtumes, porém criando e recriando outros valores para competir com no progresso”⁶⁸.

do Norte”. Daí surgiu sua paixão pela escrita e pelo jornalismo. Como ficcionista, escreveu o romance "Setembro na Feira" (Rio de Janeiro, RJ, 1986), ambientado em sua terra, Feira de Santana. Estado da Bahia.

⁶⁵ BAHIA, Juarez. **Setembro na Feira**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.p.56.

⁶⁶ Id. Ibid.p. 54.

⁶⁷ Id. Ibid. p. 56.

⁶⁸ Id Ibid. p. 57.

Sobre o mesmo local, o Campo do Gado, escreve outro famoso memorialista feirense conhecido como Antônio do Lajedinho que, fazendo uso de suas lembranças da Feira na década de 1930, acrescenta outros dados a esta paisagem.

“Os vaqueiros vinham em número suficiente para rodear suas boiadas, mas a falta de currais e a proximidade entre machos e fêmeas acabava por misturar e espalhar boiadas a todo o momento e, não raro, bois fugiam nas mais diversas direções. Também havia um batalhão de vaqueiros amadores verdadeiros ‘playboys’ que dispunham de bons cavalos e tempo suficiente para passar as segundas-feiras disputando a derrubada do boi fujão durante a carreira. Era uma vaquejada improvisada e constante. Lembro-me que o grande campeão da época era Pepê (das famílias Pinto/Almeida, das mais antigas e respeitadas de Feira) com o seu excelente cavalo ‘Volta Grande’

Quando um boi corria em direção a uma ponta-de-rua ou ao mato, sempre perseguido por vaqueiros profissionais e diletantes, tudo se transformava em brincadeira, diversão. Mas, quando um boi tomava a direção do centro da cidade, certamente ia parar no meio da feira livre porque o caminho natural era a avenida Senhor dos Passos. E logo na entrada do largo da praça, que concentrava a feira e o comércio, estava situada a parte de cerâmica onde se vendiam panelas, potes, vasos e outros utensílios de barro muito usados então. Ali o desastre era completo: o povo abandonava tudo e buscava abrigo no mercado e nas casas comerciais, as quais logo fechavam as portas, quando era possível”.⁶⁹

Além de recompor o cenário do Campo do gado, com suas agitações provocadas pelas chegadas das boiadas para a comercialização nos campos da Feira, Lajedinho apresenta uma movimentação muito própria da cidade de Feira de Santana nos dias em que ocorriam as negociações das cabeças de gado. Mas, o autor vai além, descrevendo posturas de tipos humanos como os vaqueiros que davam vida ao campo do gado e à cidade.

As imagens que nos chegam da Feira de Santana durante a década de 1930, pelas vozes de Eurico Alves, Godofredo Filho, Juarez Bahia e de Antônio do Lajedinho, configuram o panorama de uma cidade sustentada por bases agrárias, na qual a atividade pecuarista é tida não somente como um importante elemento econômico, mas também enquanto componente essencial na definição de seu repertório cultural que, composto pela literatura, música e outras expressões artísticas, se tornam as manifestações de uma dada cultura pastoril. Tal perfil encontra correspondente nos dados coletados pelo IBGE no recenseamento de 1940, no qual a cidade de Feira de Santana apresentava uma população de 107.205 habitantes, dos quais apenas 21% (22.697) destes habitavam os quadros urbanos; enquanto que 68% de sua população (72.928) residiam ainda na zona rural⁷⁰.

Apesar destes números não se referirem exatamente ao recorte cronológico abrangido por este estudo, os resultados apresentados pelo censo nos dá subsídios para especular sobre a predominância do campo na distribuição espacial da população do município de Feira de Santana em datas anteriores, possibilitando indagar a respeito do poder que o mundo rural ocupava na sociedade feirense.

⁶⁹ LAJEDINHO, Antônio do. **A Feira na Década de 30** (memórias). Feira de Santana: [s.n.], 2004.

⁷⁰ FERREIRA, Jurandyr Pires. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros** - Vol XX. 1957. p. 230.

Além disso, a Feira de Santana desde fins do século XIX tornou-se ponto de refúgio para as populações assoladas pela seca, sendo incluída no “polígono da seca em 96% do seu território, excluindo-se apenas o distrito de Humildes”⁷¹ e definida como ponto de recuo para os sertanejos desabrigados. Tal condição determinou a construção de uma memória sobre a seca entre a população que, igualmente à atividade pecuarista, condicionava a feição feirense à paisagem do sertão. A seca de 1932, por exemplo, se encontra descrita nas memórias de Lajedinho.

Lembro-me perfeitamente daquelas tardes de fogo onde desfilavam famílias de flagelados: em seus semblantes estava o reflexo de toda a desgraça que a seca causava. Eram cenas fortíssimas, chocantes, vê-se crianças chorando de fome e os pais deprimidos, famintos e amargurados... muitos vinham de longe, principalmente dos Estados do Ceará, Pernambuco, Paraíba, Alagoas e Sergipe⁷².

Deste modo, a Princesa do Sertão atestava sua condição de líder, inscrevendo-se no imaginário social como uma destacada representante do sertão baiano, já que apresentava na vastidão do planalto na qual se localizavam os símbolos inequívocos desta região: atividade pecuarista, arcaísmo político e social, caracterizados pela ação do clientelismo dos coronéis e de relações sociais baseadas no compadrio e na exaltação de comportamentos espontâneos. O sertão de Feira de Santana define-se assim como o espaço dos vaqueiros encourados, dos tabaréus suarentos, dos boiadeiros, dos caboclos, dos tropeiros, dos coronéis, dos capatazes, das casas-de-fazenda, da feira livre, do Campo do Gado, das vaquejadas “improvisadas” e constantes, das “tardes de fogo”, da seca, que se colocava em contraposição ao litoral, figurado como a zona costeira do continente, território do poder democrático, dos letrados, dos advogados, dos médicos, do saber científico, das faculdades, dos solares, da força propulsora do desenvolvimento tecnológico, da atividade mercantil e da cultura burguesa.

Apesar da imagem da Feira de Santana enquanto Princesa do Sertão-pastoril baiano, protagonista da “sertaneidade” estadual, ser perfeitamente conectada com sua gênese histórica, assim como referendava as atividades que sustentavam suas bases sociais, políticas, econômicas e culturais, esta não foi a representação utilizada pelos discursos literários, políticos e culturais que conformaram a identidade social desta localidade no imaginário social da Bahia.

O recorte compreendido entre os anos de 1916 a 1938 marca o momento em que as autoridades locais passaram a estranhar determinados comportamentos e formas apresentados pelos moradores da Princesa do Sertão, motivando o aparecimento de novas percepções e imagens da cidade. Os anos 20 apontam para o aparecimento de inúmeros discursos na

⁷¹ Id. Ibid. p. 230

⁷² Cf. LAJEDINHO. Op. Cit. p. 39.

imprensa e na documentação oficial que procuram exaltar as atividades comerciais formais e o estilo de vida citadino a fim de compor uma imagem de modernidade e progresso que servisse enquanto matrizes conceituais presentes no ideário republicano. No entanto, a consolidação desta identidade no imaginário social baiano só foi possível mediante o consenso de um número significativo de personalidades, que mobilizaram forças para conformar uma imagem padrão, a partir da subjugação de visões diferenciadas e da instituição de um “projeto” para Feira de Santana que a colocou em conexão com o clima de modernidade e reformas experimentadas por outras cidades do país e por sua capital.

O percurso realizado pela comunidade local na construção de uma identidade comercial, antes de constituir num processo pacífico, figura como um campo aberto de conflitos que se desdobraram durante este período de sua formação identitária. Neste percurso a imagem que acomodou uma identidade específica à cidade de Feira de Santana efetuou uma diferenciação em relação a outros objetos, elaborando o seu reconhecimento enquanto entidade separável, como unidade singular⁷³. Deste modo, seria necessário suplantar a tradicional imagem da Feira sertaneja pela nova figura da cidade comercial e moderna, que devido à demonstração de exemplos inequívocos de seu progresso, iria projetá-la como uma segunda capital do Estado. Neste sentido, coube às autoridades feirenses substituir outras tantas imagens que eram elaboradas por certos grupos reacionários a este “projeto” no intuito de transformá-la, de fato, numa “Princesa”, não mais do sertão, mas da modernidade, do progresso, da civilidade. Para tanto, fazia-se necessário que a futura rainha acompanhasse os passos de sua “majestade”, deixando para traz os vícios e os costumes de seu passado.

O que teria determinado esta opção pela representação da cidade comercial em detrimento da figuração da Princesa do Sertão? Em outras palavras, porque se tornou imprescindível para as autoridades locais arquitetar a identidade social da cidade de Sant’Ana pela consagração das suas atividades comerciais e da vida citadina em contraposição ao seu passado agrário com suas relações tradicionalista pela representação da feira de negócios?

A observação da dependência do comércio com a estrutura da feira livre e da feira do gado não constitui apenas uma faceta do quadro geral da economia local, antes ilustra a intensidade com a qual esses dois elementos acomodaram os componentes vitais da imagem social da cidade de Feira de Santana no imaginário baiano, uma vez que antes de constituir uma aliança de elementos opostos, a junção dessas atividades permitiu tecer uma figura ambígua da municipalidade que teria na flexibilidade e na diversidade o seu ponto de

⁷³ Silva analisa esse processo de formação identitário no qual o antigo referencial de Cidade Sã é substituído pela imagem de Cidade Comercial em nome de ideais de modernidade que a substituem a partir da década de 1910.

referência. Seria pela convivência entre a feira livre e o comércio formal que a Feira de Santana construiu sua representação de cidade comercial nos anos iniciais do período republicano, como também será pela convivência com o Campo do Gado que esta cidade se estruturou enquanto município líder das transações comerciais do interior baiano. No entanto, a partir de fins do primeiro decênio daquele século observamos indícios de que a coexistência de tão diversificadas atividades numa mesma cidade tornara-se assunto delicado para as lideranças locais, tornara-se um problema.

Se o Campo do Gado e a Feira Livre foram tão importantes no processo de formação do núcleo citadino, bem como na inscrição da cidade de Feira de Santana no quadro dos municípios mais progressistas do estado, o que motivou determinados setores sociais a produzir discursos que condenavam essas estruturas e impossibilitavam sua existência? Por que as “feiras” de Santana não conseguiram dominar a paisagem local a ponto de definirem a identidade do município na região, perdendo lugar para o elemento comércio? Qual a relação entre esse processo de resignificação da importância das “feiras” para o município e a questão da estruturação de uma identidade masculina hegemônica para uma cidade do interior baiano? A fim de responder a tais indagações devemos

Portanto, o próximo passo será a análise dos inúmeros discursos sobre o processo de construção da identidade de Feira de Santana enquanto uma cidade comercial, observando os caminhos e as opções que foram assumidos pelas autoridades locais durante essa trajetória. Realizar tal tarefa é perseguir os conflitos inerentes a ação dos agentes que providenciaram o fortalecimento das relações comerciais, bem como a promoção do comércio como símbolo maior da cidade. Evocar tal processo resulta na observância da rede de tensões e conflitos que constituiu a Feira de Santana moderna que procurou controlar as imagens de seu passado, impondo uma nova maneira de vivência da cidade, motivando o aparecimento de novos comportamentos que foram decisivos para redefinir o papel do homem feirense nos anos iniciais do século XX.

1.4. Princesa da modernidade: a cidade na construção do Estado moderno.

Os anos iniciais da República brasileira ficaram marcados como um momento de redefinição dos espaços e das relações de poder que, devido a promessa de igualdade, com a abolição da escravidão e a legalização das eleições em todos os níveis, ameaçavam a ordem e a distribuição hierárquica vigentes até então, e anunciavam um novo ordenamento político e

social para a sociedade brasileira dos anos iniciais do século XX, promovendo o ambiente ideal para a construção de novas sensibilidades e vivências entre os indivíduos. O nascimento dessa nova ordem deve-se a ascensão de grupos sociais ligados aos valores burgueses às esferas do poder público e ao desenvolvimento das atividades comerciais⁷⁴.

Em Feira de Santana, a abertura de estradas para diversas regiões do Estado motivou o aumento do fluxo de pessoas ao centro urbano, provocando um aumento na demanda do setor de prestação de serviço e de comercialização de produtos, propiciando assim a emergência social de grupos ligados aos setores do comércio formal. Ansiosos por incluírem-se nos liames do capitalismo mundial, estes indivíduos procuraram ditar os rumos a serem tomados pela sociedade, a fim de concretizar sua ascensão econômica, na tentativa de viabilizar a sua escalada ao poder público.

Apesar do crescimento no número de estabelecimentos comerciais em mais de 500% no período de 1881 a 1916 este setor não obteve o mesmo êxito nas duas décadas consecutivas, apresentando um aumento de apenas 40 %. Em contrapartida, os dados reunidos sobre o comércio do rebanho bovino realizado na Feira do Gado durante os anos de 1910 a 1929 indicavam o aumento das negociações em 400%. Tais números, entretanto, podem indicar uma conjuntura econômica na qual observamos um declínio das atividades comerciais formais e o crescente aumento do volume de negociações no mercado informal. Isto pode ser creditado ao fluxo de pessoas atraídas pelas feiras do gado e livre que determinava a dinâmica das vendas do setor comercial e dependia do número de pequenos lavradores, de coronéis, de vaqueiros e de forasteiros que vinham semanalmente à cidade, no dia da realização da feira. Além disso, inúmeros fazendeiros criadores de gado também revertiam seus rendimentos com as vendas de gado, para o setor do comércio informal, tal como nos informa Juarez Bahia, quando reconstrói a figura do Coronel Farinha⁷⁵, mantendo entre seus pertences a propriedade de inúmeras casas comerciais.

Não obstante, a subjugação do comércio formal à dinâmica estabelecida pelo comércio informal, assim como pela composição do quadro de seus proprietários, verificamos a partir da década de 1920 a insistente preocupação dos órgãos públicos e por autoridades locais em executar o deslocamento da representação da Feira de Santana enquanto uma cidade de bases rurais, para defini-la como uma urbe dotada de um poderoso comércio e de uma estrutura cidadina. Assim, como compreender os motivos que levaram à definição do comércio

⁷⁴ LORENZO, Helena C. e COSTA, Wilma P. (org.) **A Década de 20 e as Origens do Brasil Moderno**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.; RIBEIRO, Luiz César e PECHMAN, Robert (Org.). **Cidade, Povo e Nação** – gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996

⁷⁵ Cf. BAHIA, Juarez. Op. Cit. p.44

enquanto elemento identificador da Feira de Santana no Estado da Bahia? Neste ponto, cabe investigar as relações entre os ideais modernizantes presentes no ideário republicano e sua aliança como novas formas de percepção da cidade.

Desde a virada do século XIX para o XX, o ordenamento da cidade se impôs como fruto da exigência pelo suprimento das necessidades básicas aos cidadãos: higiene, locomoção, segurança, iluminação, demandando a criação de elementos vigilantes para estes serviços devido à concentração populacional que criava problemas aos administradores. No Brasil republicano, ainda que tais discussões não se constituíssem debate original, visto que desde o século XIX os ideais modernizantes já povoavam as mentes de nossa intelectualidade e de nossos administradores⁷⁶, somente quando a cidade assumiu a posição de campo privilegiado das operações políticas e econômicas é que verificamos o aparecimento da “questão urbana”, que se caracterizou pela proliferação de discursos que apontavam para um conjunto de problemas relacionados ao espaço urbano e sua população, tendo como solução àquilo que se convencionou chamar de modernização⁷⁷.

O conceito modernidade se efetuava pela estigmatização dos valores e das estruturas tradicionais, nos quais os elementos do novo emergem potencialmente da crise das antigas instituições, tendo como elemento distintivo o conflito que se instaura entre a realidade cotidiana de nossa sociedade e os sonhos de futuro elaborados. Sob esse olhar avaliativo é que a intervenção dos administradores da Feira de Santana dos anos 20 e 30 do século XX sugeriram e programaram modificações aos elementos tradicionais apontados como humilhantes.

A emergência da idéia de moderno significando ruptura não pode ser plenamente compreendida se deixamos de considerar que as lideranças locais e nacionais estabeleciam intenso diálogo com a cultura política, ilustrada e técnica da França, de modo que o ‘modelo francês’ de sociedade, de modernidade e, portanto, de cidade esteve fortemente presente na história do imaginário social de nosso país durante o período de 1900 a 1940⁷⁸. A leitura de autores franceses como Comte⁷⁹ e Saint-Simon - assim como de outros pensadores europeus

⁷⁶ Cf. COSTA, Op. Cit., 1994.

⁷⁷ LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. **E a Bahia civiliza-se**: ideais de civilidade e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana – Salvador, 1912-1916. Dissertação de mestrado. Salvador: Mestrado em História/UFBA, 1996, p8-9.

⁷⁸ Para um aprofundamento sobre os temas referente à cidade, modernidade e República, ver: RIBEIRO, Luiz César e PECHMAN, Robert (Org.). Op. Cit. p.381; ver também: SCHWARCZ, Lília Moritz. **O Espetáculo das Raças**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

⁷⁹ Sobre a influência da teoria comtiana na república brasileira ver: LACERDA, Arthur Virmond de. **A república positivista: teoria e ação no pensamento político de Augusto Comte**. Curitiba: Centro Positivista

do século XIX, como Spencer, Heckel -, que deu respaldo intelectual ao projeto de afirmação política de um grupo minoritário que visava assumir o poder, usando como argumento a proposta de modernizar a cidade e a condenação da antiga estrutura social representada como símbolo máximo do “atraso” brasileiro.

A França era a grande inspiração, a matriz do conhecimento científico, o exemplo da renovação urbanística, o modelo a ser seguido. Obras francesas eram mandadas traduzir por conta das municipalidades para que se informassem, ilustrassem e induzissem ao uso dos modelos franceses.⁸⁰

A modernidade local assumiu formas e caminhos distintos do das nações européias e americanas, por se constituir num processo caracterizado pela busca por reprodução dos ideais e modelos externos, que se compuseram no confronto da nossa realidade com os padrões sociais, políticos e culturais europeus. O sentimento da distância em face do mundo “desenvolvido”, provocando um renovado “sentimento de atraso” e um anseio por “aceleração histórica” frente às nações ditas desenvolvidas foi motivada pela leitura comparativa entre a realidade dos países europeus e o dia-a-dia de nossas cidades⁸¹ No entanto, nesse momento, os países centrais da Europa experimentavam nova conjuntura social resultante do pós-Primeira Guerra, na qual a crise econômica e social colocava em questão o papel do Estado no interior das nações como elemento de reorganização da economia e da sociedade, motivando o aparecimento de concepções sobre a intervenção do aparato estatal na regulamentação da vida dos indivíduos e nos rumos a serem tomados pela nação. Com este objetivo observa-se na Europa o fortalecimento do urbanismo, entendido como a possibilidade do estabelecimento do fato urbano enquanto fruto do planejamento da cidade pela escolha de valores que visam o progresso e a produtividade, modificavam o ideário e a vivência do espaço urbano⁸².

Assim, não causaria espanto a constatação do fato das lideranças elegerem a cidade enquanto palco excepcional para o desenrolar das modificações que visavam o ingresso da nação na modernidade e no caminho exato rumo ao progresso. Contudo, Luiz César Ribeiro, em sua análise sobre a formação do urbanismo no Brasil, afirma que o discurso urbanístico não assumiu o mesmo caráter de discussão dos problemas sociais, verificado nas nações européias, isto porque a experiência da vida urbana - para a maioria da população brasileira -, ainda se constituía numa novidade, mesmo que a cidade já fosse considerada uma realidade

do Parana, 1993. Ver Também: CARVALHO, Jose Murilo de. **A formação das Almas: o imaginário da Republica no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

⁸⁰ Cf. RIBEIRO e PECHMAN. Op. Cit. 382.

⁸¹ Cf. LORENZO, Helena C. e COSTA, Wilma P; RIBEIRO e PECHMAN, 1996.

⁸² Para maiores informações sobre o desenvolvimento do urbanismo nos países da Europa central, ver: CHOAY; 67-88; **Revista Projeto História**, (18); maio, 1999.

evidente entre os brasileiros neste período. Conseqüentemente, não tínhamos uma “questão urbana”, ou pelo menos não utilizávamos esta terminologia para apontar determinados “problemas” relacionados ao espaço citadino. Será então necessário adequar este discurso às “reais necessidades” do país⁸³ que desejava construir um espaço urbano que apresentasse toda a polidez e fineza do mundo moderno.

O urbanismo se restringiu, então, na tentativa de reprodução os avanços técnicos observados nas cidades ditas modernas e desenvolvidas, a partir do estabelecimento de modelos bastante estreitos de estruturação do espaço urbano e da composição de regras de conduta social, desprezando, a discussão sobre os direitos sociais que a vida urbana suscitava, instituiu-se o ajustamento das nossas cidades a uma nova forma de composição do tecido urbano, bem como de um novo formato de convivialidade que tinha como principal parâmetro a imagem da Paris haussmanniana que figurou no ideário moderno como um modelo autêntico de cidade⁸⁴.

A transformação da visão da cidade e do ambiente urbano durante o período republicano encontra-se, ainda, vinculado aos processos históricos que culminaram na ressignificação da rua que deveria preparar-se em termos estéticos e higiênicos para receber o cidadão brasileiro que nascera com o novo regime, como nos informa Fonseca

A cidade deveria tornar-se um lugar prazeroso para o gozo dos cidadãos e, portanto, aparentar uma extensão da casa, ou seja, um lugar limpo, higiênico, agradável e moralmente saudável. No projeto de reforma urbana, as ruas, até então um espaço preferencialmente destinados aos negros, mulatos, vadios, mendigos, prostitutas e boêmios, precisavam ser ocupadas pelas famílias, pelos senhores de cartola, pelas senhoras e moças vestidas de acordo com a “última moda de Paris”⁸⁵.

A rua deveria então estar asseada, bem calçada e bonita para dar passagem à emergente elite urbana republicana que buscava se impor a partir do estabelecimento de uma nova ordem social, cultural, econômica e política. Nesta conjuntura, é adotado um projeto de urbanização da cidade do Rio de Janeiro⁸⁶, que muito em breve, disseminou para as demais cidades brasileiras⁸⁷. Conseqüentemente, se a modernização já era uma realidade para as capitais brasileiras ao longo da década de 1920, não demorou muito para atingir as cidades do interior com certo desenvolvimento econômico e grande prestígio político, como era o caso da

⁸³ Cf. RIBEIRO e PECHMAN, Op. Cit., 1996.

⁸⁴ Idem. Ibidem

⁸⁵ FONSECA. Raimundo Nonato da Silva. “Fazendo Fita”: cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930. Salvador: EDUFBA: Universidade Federal da Bahia. Centro de Estudos Baianos, 2002. p. 30.

⁸⁶ Sobre o processo de modernização da cidade do Rio de Janeiro Ver: CUNHA, 1990. CHALHOUB, Sidney . **Cidade Febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

⁸⁷ Sobre o processo de modernização da cidade de Porto Alegre Ver: RIBEIRO e PECHMAN, Op. Cit., 1996. Sobre o processo de modernização de Salvador ver : LEITE, Op. Cit., 1998.

cidade de Feira de Santana que nesse período figurava no cenário baiano como a cidade mais importante do interior da Bahia⁸⁸. Assim, a euforia urbanística também compôs parte significativa dos sonhos das lideranças feirenses durante a primeira metade do século XX, onde o olhar avaliativo estabeleceu a valorização dos ideais modernos através de uma análise comparativa entre as imagens da capital federal e estadual e a realidade local, no qual os elementos exteriores eram valorizados ao ganharem status de símbolos representativos da modernidade.

Filhos da terra, crias de famílias abastadas feirenses que iam estudar em Salvador e que por lá entravam em contato com esses novos ideais, foram os principais atores a elaborar um olhar e um discurso diferenciado sobre sua cidade. Estes indivíduos traduziram sua “inquietação em reorganizar” a sociedade feirense, vivenciando um sentimento conflituoso caracterizado pela tentativa de comparar os elementos do passado e os ideais de futuros pretendidos - que assinalava disputa em pares antagônicos urbano/rural, cidade/campo, atrasado/moderno, civilizado/bárbaro -, no qual figurava a tentativa de tornar “Feira” uma cidade moderna, colocando o futuro da sociedade feirense em concordância com o projeto geral do país em se tornar uma nação civilizada e símbolo de progresso. A voz do Conselheiro Municipal J. G. Suzarte ilustra os benefícios da luz elétrica à Feira de Santana;

Nós temos realmente algum progresso, mas quando comparamos o que está feito com o que há de fazer, desaparece tudo que já se fez, para aparecer tudo que está por ser feito [...] Não padece dúvida que todas as realizações do passado equivalem a quase nada.

Contemplando certo estado de coisas, diz muita gente, entre nós, que todos os nossos interesses só dependem da vontade dos administradores da cidade. Não concordo.[...] Nossa atividade deve dirigir-se ao governo como a um centro de distribuição, onde os esforços devem ser coordenados para o bem público [...] Logo, transformações, tudo que necessitamos, grandes realizações, o cuidado do bem estar da cidade, não está só no governo, mas em nós mesmos.

[...] Cumpre que cada um de nós realize a sua parte de cooperação, sem outra preocupação que não seja pelo bem e glória da Feira.⁸⁹

Ao pregar o controle dos trabalhos de melhoramento da cidade, a fim de que tais transformações pudessem redirecionar o movimento social para o avanço da sociedade feirense rumo à construção da imagem de “Feira” como uma cidade símbolo do progresso, o Conselheiro afirmava que o projeto de edificação de uma nova cidade não se constituía numa tarefa apenas para o poder público, antes caberia a cada um dos cidadãos a responsabilidade pela salvação de sua terra “sem outra preocupação que não seja pelo bem e glória da Feira”.

A noção de progresso, desde suas origens, denota a crença num desenvolvimento evolutivo contínuo rumo a uma realidade futura que figura no imaginário social como um

⁸⁸ Cf. OLIVEIRA, Op. Cit.19.

⁸⁹ Folha do Norte, 06/03/1926, nº868. Acervo Casa do Sertão.

espaço para o cumprimento do sonho da realização plena do seres vivos, culminando numa atmosfera atemporal da vivência da felicidade⁹⁰. Segundo Carvalho tal mentalidade serviu de instrumento de legitimação do regime republicano que daria ênfase aos ingredientes utópicos trazidos pelo positivismo através dos quais "a República era percebida em sua perspectiva ainda maior de uma procura de idade de ouro futura"⁹¹, uma vez que esse novo regime adotou como seus, assim como tantos outros, os elementos componentes da noção de progresso: a crença no poder do saber científico e a disciplinarização do comportamento como único caminho na construção de uma sociedade próspera e feliz⁹².

Ao condicionar a construção do futuro enquanto campo da realização da libertação do homem com a expansão e proliferação do conhecimento especializado voltado para o domínio da natureza, a ideologia do progresso adquiriu valores próprios no Brasil e um papel político central que engendraria o mito da modernidade sustentado por uma idéia de desenvolvimentismo econômico que seria alcançado pelo domínio da natureza pelo saber humano incrementado pela industrialização. Deste modo, o ideário progressista aliado aos ideais de modernidade incentivou a reprodução de modelos sociais inspirados nos padrões das sociedades européias, uma vez que estas eram as portadoras das imagens que traduziam e atestavam os resultados benéficos do processo de apropriação da natureza pelo homem⁹³.

Além de convocar a população para a marcha do progresso, o Conselheiro Suzarte deixou sua impressão sobre o ambiente que o cercava. Para ele, Feira de Santana possuía "algum progresso", no entanto quando esta figura era confrontada "com o que há de fazer", sua imagem era descredibilizada, restando apenas a desilusão e o sentimento de fracasso ao constatar "que todas as realizações do passado equivalem a quase nada". Deste modo, a fala do Conselheiro ecoa como prolongamento da euforia urbanística que arrebatava os líderes políticos durante a primeira metade do século XX, e que determinou um olhar avaliativo sobre o espaço urbano feirense que valorizava os elementos simbólicos exteriores à sua cultura, procurando degredar os símbolos do passado e promover a construção de uma nova realidade na qual pudesse ser concretizado o sentimento de plenitude que as imagens das cidades européias traziam aos olhos de quem às contemplavam. Mas, de acordo com o nosso

⁹⁰ Sobre o desenvolvimento da noção de progresso nas sociedades ocidentais ver: DELUMEAU, Jean. **Mil Anos de Felicidade**: uma história do paraíso. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Ver Também: NISBET, Robert A. **A História da Idéia de Progresso**. Brasília, DF: UNB, 1985. MOTT, Luiz. "O Imperial Instituto Sergipano de Arquitetura e a Ideologia do Progresso". In.: Felipe: **População, Economia e Sociedade**. Aracajú, Fendesc, 1986, p. 151-187.

⁹¹ Cf. CARVALHO, 1981; 1990.

⁹² Cf. DELUMEAU, Op. Cit. p. 270.

⁹³ Id. Ibid. p. 272.

Conselheiro, o atraso da sociedade feirense e sua distância em relação ao mundo “desenvolvido”, deveriam dar lugar às “grandes realizações” e ao “cuidado do bem estar da cidade”, pois nestas ações estava “tudo que necessitamos”. Conforme nos informa Oliveira:

A crítica ao mundo rural representava a tentativa de adequar o país a um ritmo histórico novo, mais afinado com as transformações ocorridas na Europa e aparelho com os ideais de progresso. A partir dos anos finais do século XIX, o tempo histórico sofreu uma aceleração brutal com o encurtamento de distâncias e a possibilidade de comunicações mais rápidas, fazendo com que as novidades chegassem com maior rapidez.⁹⁴

Assim, a noção de progresso do Conselheiro Municipal se efetuava pela negação dos valores e das estruturas tradicionais nas quais repousava durante anos a sociedade feirense, mas que a condenavam a ser o símbolo máximo do “atraso brasileiro” e que mereceriam por isso serem trocados por outros modelos, outras formas. Assim, se o Campo do Gado com suas negociações refletiam o passado e a realidade pastoril da Feira de Santana, esta imagem deveria dar lugar a uma nova Feira, a Feira do comércio pulsante, grande entreposto comercial onde se encontram mercadorias de todas as regiões do país e do exterior.

Suzarte, assim como tantos outros feirenses, passou a examinar e desaprovar a imagem de cidade do interior, de Princesa do Sertão-pastoril baiano que sua terra ao longo de sua história cultivava, pois se no imaginário urbano republicano a figura da cidade movimenta-se entre as representações da boa cidade (limpa, bonita e civilizada) e a da má (suja, feia e incivilizada), Feira de Santana com seu Campo do Gado e sua feira livre, repleta de tabaréus suarentos, certamente não figuraria como um exemplo da primeira. Tudo que envolve a cidade deveria remeter, portanto, à educação, à tecnologia, ao comércio pulsante e vibrátil, aos bons costumes e à elegância, elementos que não eram contemplados pela imagem de sertão.

Tendo como principais veículos de divulgação os jornais locais, vários indivíduos não pouparam esforços em ignorar símbolos do passado agrário da cidade e de sua condição de sertão-pastoril para ressaltar o papel da cidade como importante centro comercial dotada de uma estrutura física inequivocamente moderna no qual sua população desenvolvia autêntico estilo de vida citadino. Deste modo, observamos o jornal noticiar a preocupação de alguns urbanistas com os animais que andavam soltos pelo centro da cidade.

ANIMAES SOLTOS

Continúa a vagar pelas ruas da cidade, contra expressa determinação do código de posturas, uma porção considerável de animais de toda espécie, cuja acção damnhia e maléfica ainda em local de numero passado especificamos.

Contra esse grande abuso, clamamos e clamaremos com todas as nossas forças e esperamos que, quando a administração municipal que se finda já não corrija o mal, a administração futura, em que

⁹⁴ Cf. OLIVEIRA. Op. Cit. p. 25

recaem as esperanças de todos, sane por completo essa falta de comprimento a lei fazendo desaparecer uma macula que emerge o alabastro do nosso crédito de povo civilizado.⁹⁵

A presença de animais soltos na rua, a vagar livremente pela cidade, inquietava aqueles que estavam preocupados com a imagem de incivilidade que esta paisagem poderia proporcionar e contrastava com o ideal de cidade que se pretendia construir. Apesar do código municipal desde o ano 1886 apresentar sanções e multa de “dois mil reis” aos proprietários dos animais que fossem encontrados soltos, podemos perceber a inoperância da lei pela frequência com que tal assunto é retomado pela imprensa local, como verifica-se no texto publicado em março de 1927, no referido periódico, e que leva o significativo título “Os logradouros públicos não são pastos”.

(...) Na madrugada de quinta-feira última foram vistos pastando na menconada praça [Praça da Matriz] nada menos de 18 animaes! Conforme o testemunho de moradores dali que nos enviaram carta, conjuntamente com os da Praça João Pedreira, onde também perambulam animaes, damnificando o jardim iniciado na avenida Maria Quitéria, solicitando providências efficazes, por nosso intermédio. Sob as vistas de quem competir deixamos essas justas queixas que patenteãm pelo bem público.⁹⁶

A presença de animais soltos se constituiu num problema a ser enfrentado pelas autoridades locais, visto que abalava o “crédito de povo civilizado” já em 1912, não fica difícil imaginar o incômodo causado pela inabilidade do poder público de assegurar que esta prática fosse extinta, uma vez que podemos pontuar a constância com que tal assunto volta a ser abordado pela Folha do Norte. Além desse “problema”, a Folha do Norte de setembro de 1924 e de maio de 1926 apresenta a preocupação com a permanência de criatórios de porcos dentro do perímetro urbano, o que se constituía uma grave “infração à legislação sanitária e para com as posturas municipais”⁹⁷.

Mas, em maio de 1926, um bem-disposto contribuinte da Folha⁹⁸ convidou a população para a inauguração do Posto de Saneamento Rural sob a direção do fãrmaco José Alves Boaventura, o qual ficaria especialmente encarregado dos exames de verminoses e tratamento de moléstias venéreas contagiosas. Contudo, o jornalista informou que as atividades do referido órgão não se limitariam apenas a desempenhar uma atividade clínica e terapêutica, mas incumbe-lhe também a fiscalização, do ponto de vista sanitário, das construções, das moradias e casas de comércio, fábricas e estabelecimentos de ensino, oficinas, habitações collectivas, pateos e quintaes, pois se tornou necessário para o período que fossem “(...) adoptadas medidade de hygiene e asseio em toda parte e que se renomovam,

⁹⁵ Folha do Norte, 17/12/1912.

⁹⁶ Folha do Norte, 03/1927.

⁹⁷ Folha do Norte, 29/05/1926.

⁹⁸ Folha do Norte, 01/05/1926.

para zonas de neutra tolerância, certas criações, tal como de suínos que o Código Sanitário do Estado não tolera em absoluto dentro do perímetro urbano. (...)”. O autor do artigo finaliza o mesmo com frases perpetrando um chamamento: “Limpem seus pátos e quintas, assim seus prédios e dependências, removam para longe lixo, porcos, etc., etc., etc.”.

O olhar avaliativo e segregador de feirenses envolvidos com os ideais da modernidade e com os sonhos de progresso direcionaram sua crítica para as criações de animais presentes nas ruas da cidade, o trânsito das boiadas pela cidade não demorou muito a se tornar o próximo alvo de julgamento. Na fala da afamada personagem, a professora Tatu, Juarez Bahia denuncia o desconforto frente à convivência com a circulação de reses pelas ruas.

A professora Tatu multiplicava-se a correr nas suas perninhas elétricas, torneadas. Diacho – a raiva da pequena Tatu, nem se pode ensinar em paz nesta terra. Quando não é boi é a boiada, é a bosta. Basta e os meninos julgavam que a professora mandara debandar. Formar, e todos riam-se, adiante alguém futucava um boi com vara verde, a espanta-lo para fora dos jardins da escola.

Certamente, esta realidade afrontava os anseios de membros da sociedade feirense que confrontavam a cena com os referenciais das cidades francesas, ou até mesmo com a Capital, e que unia coro ao Conselheiro Suzarte, constatando que não padece dúvida que todas as realizações do passado equivalem a quase nada, sendo necessário, portanto, concentrar esforços que devem ser coordenados para o bem público a fim de cumprir as transformações, que visavam o cuidado do bem estar da cidade. Para tanto, “urge que começasse a empreender grandes realizações, (...) pelo bem e glória da Feira”.

Tomados pela tarefa de realizar a “limpeza pública”, a administração municipal passou a oferecer de forma sistemática parâmetros para a melhor convivência da população com o espaço urbano. O marco dessa postura modernizante ganhou corpo no Código de Posturas do Município, editado em 29 de Dezembro de 1937, durante o governo de Theódulo Carvalho. Atualizando o antigo Código de Posturas datado de 1893, o novo programa traz elementos interessantes que possibilitam a percepção da repercussão das novas concepções sobre o espaço citadino no corpo administrativo local. Detenhamo-nos às partes mais significativas do Código:

Título III: Da Zona Urbana; Capítulo IV: Da Arborização e Ajardinamento

Art.34º - Todas as praças da cidade, excepto as do Commercio e das feiras livres que só terão arborização, serão ajardinadas, segundo os planos dos actuaes jardins públicos.

Art.36º - Na mesma pena (10\$000 de multa) do artigo anterior incorrerá quem tramitar pelos canteiros dos jardins públicos, e o dono ou conductor de animaes que os deixe pisar nos canteiros⁹⁹.

⁹⁹ Prefeitura Municipal de Feira de Santana. Código de Posturas do Município. Decreto-lei nº 01 de 29 de Dezembro de 1937.

O Código de Posturas formaliza a perseguição aos animais soltos e constrói uma outra imagem de cidade que procura ajardinar a praça segundo planos modernos, renegando as cenas que trouxessem à tona sua posição de Princesa do Sertão-pastoril baiano. Mas, o programa comprimia outros cenários e posturas do dia-a-dia da Feira:

TÍTULO VI: Do Trânsito Público

CAPÍTULO I: Dos vehiculos.

Art.117º - Ninguém poderá conduzir animaes encagalhados, com carga, ou em carroças sem ser pelo cabresto.

Pena – 5\$000 de multa.

Art.118º – Todo animal, cavalari, muar, bovino, caprino, banigero, suíno, canino ou de outra qualquer espécie que for encontrado a vagar pelas ruas da cidade, e das povoações do Município, será recolhido ao Depósito Municipal. O respectivo proprietário além de multa de 10\$000, será obrigado a pagar as despesas com a condução e estada do animal, ficando ainda responsável por qualquer dano que tenha o mesmo causado.

Art.119º – É vedado conduzir animais bravos, boiadas, tropas, manadas de porcos, etc., pelas ruas da cidade. (...)

CAPÍTULO II:

Art.124º - Nenhuma carroça poderá circular pelas ruas da cidade sem as competentes molas sobre os eixos.

Pena – 10\$000 de multa.

Art. 125º - Nenhum conductor de carroças, ou vehiculos semelhantes, estejam este em marcha ou parados, poderá içar sentado sobre os varaes dos mesmos.

Pena – 5\$000 de multa. (...)

Art. 127º - Fica Expressamente prohibida a circulação de carros de boi, pelas ruas calçadas da cidade, seja qual for o pretexto.

Pena – 10\$000 de multa¹⁰⁰.

O quadro de censura composto pela prefeitura municipal se dirigiu abertamente ao conjunto de práticas que conformavam uma imagem arcaica à cidade que em nada lembrava a urbe civilizada, moderna, progressista que a realidade republicana queria construir. Aos antigos hábitos restou ser enquadrado como intolerante, sendo lançado ao julgamento de um aparelho repressivo suficientemente apropriado aos ideais modernizantes e urbanísticos, servindo como mecanismo eficiente na modelagem de uma nova visão de cidade. Proibir que tais imagens acontecessem não eram suficientes para tornar a Princesa do Sertão uma cidade civilizada, antes, caberia reconstruir, reformar, reestruturar o espaço urbano, promovendo o nascimento de uma nova urbe com a sociedade feirense.

Assim, embevecidos pelo sonho do progresso e equipados da fala modernizadora, as lideranças políticas da Feira de Santana republicana, na tentativa de impor uma nova forma de organização espacial, realizaram modificações em seu espaço urbano que se desenrolaram ao longo primeiras décadas da República, provocando a modificação nas estruturas físicas da cidade, a fim de erradicar os elementos tradicionalistas e agrários que compunham a paisagem da cidade.

¹⁰⁰ Idem.

Duas grandes inovações vieram ainda na década de 1920. O progresso da sociedade feirense era saudado pelos jornais quando anunciavam a instalação do sistema de eletrificação da cidade¹⁰¹ e a implantação da Escola Normal¹⁰². Estes dois elementos figuraram como sinais inequívocos da inserção da Princesa do Sertão no rol das cidades modernas e progressistas da Bahia. Tal pensamento ecoa na voz do editorialista do jornal Folha do Norte de 16 de janeiro de 1926, quando, constando o aumento do número de pedidos de instalação da luz elétrica em estabelecimentos residenciais e comerciais, conclama:

Felicitemos o povo feirense pelo brilhantismo com que assim há de representar a Feira de Sant'Anna, como merecedora, que era, de tão importante melhoramento. Que se repitam os contratos de instalações afim de que a Petrópolis Bahiana venha testemunhar os seus foros de gente amaute da luz ... e do progresso.¹⁰³

A invenção de Thomas Edson inaugurou nas sociedades ocidentais o reinado da eletricidade, pois, se inicialmente o controle da luz significou para a cidade a garantia da segurança, não tardou em se constituir como artifício indispensável para escapar à dominação dos ritmos dos dias e das noites, sendo por esse motivo concebido como símbolo inequívoco da modernidade, por consistir num mecanismo de domínio da natureza pelo homem. Não era de se estranhar, entretanto, que o aumento do número de pedidos para pontos de energia para casas comerciais e residenciais fosse saudado como um atestado do desejo da população em geral em ver a Feira de Santana rumo ao progresso. Além disso, tal inovação estabeleceu novo comportamento frente ao espaço urbano, constituindo um novo estilo de vida¹⁰⁴.

Um ano após a inauguração da iluminação elétrica verifica-se uma outra dinâmica social no sítio citadino, conforme podemos verificar na matéria que anuncia a chegada do Carnaval à cidade de Sant'Anna.

Não seria crível, pois que a Feira, núcleo urbano irradiador de cultura do nordeste baiano se mostrasse *indiferente ao surto da festa civilizadora. Mas este ano haverá uma inovação. Cochicha-se, respeito a um baile à fantasia, que será noite da fantasia do Carnaval interno de 1927, havendo muita gente que suspira por um convite* [grifo nosso]¹⁰⁵.

A exaltação da novidade causada por um baile à fantasia realizado durante a noite está vinculada a festa civilizadora do carnaval. Deste modo, a exibição da iluminação elétrica figurava como símbolo de civilidade e progresso. Outro bom exemplo dessa postura pode ser verificado na reportagem “A Feira na Imprensa Carioca” posta em circulação pelo mesmo

¹⁰¹ Decreto editado pelo jornal Folha do Norte de 1924.

¹⁰² Diário Oficial de 1926.

¹⁰³ Acervo da Casa do Sertão.

¹⁰⁴ RANCAYOLO, Marcel. Transfigurações noturnas da cidade: o império das luzes artificiais. Projeto história (18). São Paulo: PUC, maio/1999.

¹⁰⁵ Folha do Norte, 19/02/1927.

jornal em 12 de Fevereiro de 1927, que transcreve a edição do dia 23 de janeiro do periódico Gazetas de Notícias, da Capital Federal e que exalta os símbolos da modernidade apresentados pela municipalidade baiana. O texto a apresenta como uma grande cidade do interior baiano:

No grupo escolar “Dr. Seabra”, outro edifício admirável, e em várias escolas espalhadas pelo importante município, cuja população atinge a trinta mil habitantes, recebem algumas centenas de crianças de um professorado notável pela capacidade e pela dedicação com que se consagra ao sagrado magistério da instrução as luzes do ensino [...]

É Feira de Santana cabeça de comarca, seu commercio é bastante desenvolvido; sua indústria incipiente floresce [...] é illuminada a luz electrica.

A constatação do jornal carioca evidencia que a eletricidade e o progresso andavam de mãos dadas na República baiana. Seu espanto delata sua perplexidade diante dos inequívocos elementos que compõem o cenário de progresso para uma cidade republicana numa localidade do interior baiano. Tal atitude reforçou a imagem de que a aquisição da luz elétrica constitui uma etapa significativa no processo de melhoramento social que culminaria numa sociedade idealizada, reino da perfeição e da felicidade. Desde modo, não é de estranhar que a sociedade comemore o aumento crescente dos pedidos de instalação de pontos de energia em residências e casas de comércio.

Além disso, o artigo em questão também oferece destaque ao esforço de um professorado notável pela capacidade e pela dedicação com que se consagra ao sagrado magistério da transmissão das luzes do ensino, tarefa era indispensável para realizar o desenvolvimento da humanidade na direção da concretização do sonho do progresso pela sociedade feirense. Como vimos anteriormente, o avançar da humanidade depende da proliferação do saber e do domínio da natureza pelo homem, por esse motivo, a comprovação de tão honrosa tarefa nos confins do território brasileiro deve ser saudado com louvor e glórias. Por esse motivo a instalação da Escola Normal se constitui como uma etapa importante da aquisição dos fóros de cidade civilizada que a Princesa do Sertão tanto almejava.

Do mesmo modo, qualquer postura que apresente uma posição contrária ao ensino deveria ser abolida, como nos faz lembrar outro editorialista do mesmo jornal que, na edição do dia 20 de fevereiro de 1926, escreveu matéria intitulada “Mandai-vos vossos filhos à escola”, onde adverte que o não cumprimento dessa prerrogativa, ou tentar fugir, pois, a esse dever, evitando o aparelhamento mental da prole para vencer na luta pela vida [...] é renunciar ao pátrio poder e commetter verdadeiro crime de lesopatriotismo¹⁰⁶. Ainda mais

¹⁰⁶ Folha do Norte de 20/02/1926.

representativo de tal pensamento é a matéria publicada no mesmo jornal em março do ano seguinte, no qual o autor relata as “Fumaças da ignorância”, título da manchete:

(...) Desde os tempos memoráveis da historia da humanidade, a ignorância tem sido, e continuará a ser um grande estorvo para o apanagio dos seus méritos indevidos e na clausura dos seus conceitos compenetrados de muita sapiencia, é audaz como o lobo em estado de excitação genesica, atrevida como a hyena em estado de açulamento, perversa como a panthera em estado de depauperadas energias physiologicas.(...)

As fumaças da ignorância já se condensam demais na athomsfera do nosso planeta, e de cujos resultados atentatórios à nossa moral, o mundo virá a se abalar de suas instituições, dos seus domínios, dos seus departamentos, se a luz sideral da aurora restauradora das letras se não espargir por sobre essa multidão de cabeças ôcas e desorientadas que vivem a cometter vitupérios, a provocar estardalhaços com os holophotes da sua tutela desvalorizadas, a businar como “autos policiaes”, em velocidades vertiginosas, pelas estradas escabrosas do destino.¹⁰⁷

Nesse texto, Honorato Filho atribui à ignorância todos os males da terra, inaugurando um mundo de trevas, colocando como única saída a luz *restauradora das letras* que devem agir como verdadeiros “autos policiais”. Isto evidencia o grau de importância que a educação ocupa no ideário moderno e demonstra de que maneira este elemento continha, deste pensamento, a função primordial de preparação da humanidade para a construção de uma perspectiva de futuro animadora.

Outro importante marco do remodelamento urbano de Feira de Santana foi a construção do Paço Municipal, obra inaugurada em 1928, na gestão do Intendente Arnold Silva, e havia consumido divisas das duas gestões anteriores para sua conclusão. O prédio inaugurado atendia a padrões arquitetônicos arrojados para o período e serviu às autoridades e à sociedade feirense como símbolo inequívoco da entrada da Princesa do Sertão nos salões da modernidade. Tamanha é a força simbólica deste edifício para a construção de uma representação da Feira progressista, que virou referência para aferir o grau da urbanidade que a cidade atingiu. As correspondências editadas no Jornal Folha do Norte emitindo congratulações recebidas pelo Intendente Municipal pelos melhoramentos que este realizou em Feira de Santana ilustram este fato.

Bahia, 3 – ao mais moço intendente que já dirigiu esse município, e cuja administração inteligente, honesta, pacífica e civilizadora conquistou as esplendorossissimas inaugurações de hoje, meus entusiasticos applaus, compartilhando do imenso gáudio dos nossos patrícios e dos administradores de nossa terra. Abraços cordiaes – Vigário Tertuliano.

Fazendo votos pela continuação da prosperidade e progresso crescente dessa bela cidade, que honra o nosso Estado. Saudações cordiaes – Dep. Braz de Almeida.

Congratulo-me com a população feirense na pessoa do seu honrado e laborioso intendente, pelo passo dado no caminho do progresso, conforme patriótica inauguração. Affectuosa saudação – Eudoro Tude¹⁰⁸.

¹⁰⁷ Folha do Norte de 09/04/1927.

¹⁰⁸ Folha do Norte de 10/04/1926.

Feira de Santana ao inaugurar o prédio que abrigará a sede do governo municipal caminhava a passos largos no caminho ao progresso, honrando o Estado por ato patriótico. As felicitações eram fruto de um momento de entusiasmo e as inúmeras saudações que se alongam por vários anos serviram para consolidar o Paço Municipal como baluarte da modernidade feirense. A Folha da Feira de 1933 publicou uma enorme edição extraordinária do jornal “A Ordem”, da cidade de Teixeira de Freitas na qual o periódico felicitava a Feira de Santana pela comemoração do aniversário de sua fundação. Eis como o Paço Municipal é retratado:

Dos Edifícios que enriquecem o patriotismo do município e o urbanismo feirense, não se pode deixar de mencionar o Palácio Municipal que é importante. É um edifício que desperta entusiasmo e condiz em todo o sentido falando, com a linda e hospitaleira cidade serrana. O seu interior é de encantar, possui salões luxuosos destinados às sessões do Conselho e do júri. Estas dependências honram o todo e dentre elas sobressai pelo gosto artístico e pela beleza, o magnífico salão destinado às festas magnas, às grandes recepções. O conjunto do edifício soberbo e único na cidade, empresta à Feira de Sant’Anna, na parte em que liga ao Palácio Municipal, a imponência só encontrada em algumas capitães. A cidade tem todas as ruas, praças e avenidas fartamente iluminadas por energia elétrica fornecida pela poderosa usina de Bananeiras, única na América do Sul. (...) ¹⁰⁹

Estas operações marcam o início da intervenção dos ideais modernizantes na Cidade de Sant’Anna não somente por representarem o ponto inicial para a reestruturação espacial da cidade nas duas décadas seguintes, mas, porque figuram como marcos fundamentais para a construção de uma nova imagem da Princesa do Sertão, assim como elaborou uma perspectiva original do espaço urbano feirense.

Assim, uma nova imagem de cidade é tecida por elementos da modernidade em Feira de Santana. O ideal da cidade republicana como um canteiro de obras, denotando uma prova do dinamismo urbano, da mudança, que confere a este espaço o lugar da construção era assumido por Feira que cada vez mais abandonava a associação de sua imagem com o mundo rural, com o campo, lócus do atraso e do conservadorismo.

Durante a terceira década do século XX, a “Cidade de Sant’Anna” foi palco de outras transformações modernizadoras, dentre as quais poderíamos destacar o aperfeiçoamento da nova cadeia pública (1930)¹¹⁰, a instalação da telefonia urbana (1931¹¹¹) e a edificação dos Currais Modelos (1938¹¹²). Além dessas construções e melhorias, um outro elemento aparece como demarcação de uma nova era para a população feirense: o já mencionado Código de Posturas do Município de 1937. Este foi um dos dispositivos administrativos responsáveis

¹⁰⁹ Folha da Feira de 19/06/1933.

¹¹⁰ C.f. ALMEIDA, Op. Cit., 2002.

¹¹¹ Idem.

¹¹² Idem.

pela reconfiguração do espaço urbano feirense ao instituir novos modelos arquitetônicos para a paisagem feirense, conforme nos informam alguns artigos do seu programa.

CAPÍTULO II: Das Construções e Reconstruções;

SECÇÃO V: Do ponto e do Estylo dos Prédios.

Art.72º - São banidos do perímetro urbano da cidade as meias-águas e as construcções em forma de chalet ou casa de campo.

Art.73º - É vedado, em qualquer ponto da cidade, a construcção de sótãos que possam ser vistos da rua. (...)

Art.77º - Não é permitido beiral de telhas nos edificios do perímetro urbano nem ahi se admittem caixilhos de suspensão ou rótulas.

Art.78º - Ficam incurso na multa de 50\$000 os infractores dos dispositivos das secção.

Nas linhas do Código Municipal, a imagem da antiga casa-de-fazenda rodeada por beiral de telhas que coloriu a paisagem da Princesa do Sertão deveria ser banida do perímetro urbano. Seu desaparecimento atendia as necessidades reclamadas pelo progresso da cidade uma vez que esta deveria considerar a técnica moderna [que] favorece as cidades com elementos inteiramente novos.

Certamente, os Currais Modelos encerram a fase de consolidação da imagem da Feira Progressista. Construídos na gestão do prefeito Heráclito Dias de Carvalho, substitui a antiga Feira do Gado que ocorria num campo aberto, na qual o gado era negociado a partir de sua apreciação pelo comprador. A nova estrutura contava com um enorme cercado de ripões de madeira e arame em forma de “U”, que visava impedir a fuga de bois para o centro da cidade. Tamanho foi o anseio de setores da população para a especialização e o enquadramento dos negócios de rês em Feira de Santana que “seria preciso um milagre – mais do que uma Micareta – para saúda-lo”¹¹³. A memória cristalizou o clima de expectativas que nascia conjuntamente com os Currais Modelo, como verifica-se no romance “Setembro na Feira”,

A Feira com os Currais se transforma, passando de um centro de pequenos negócios, de pequenos serviços, de intercâmbios artesanais a um enorme entreposto com o seu mercado de produtos agrícolas e pastoris, seu grande comércio e sua nascente indústria com o estabelecimento de beneficiamento do fumo, do algodão, do couro.

Se o Campo do Gado figurou durante anos como símbolo máximo da atividade pecuária, este figurou como o declínio de uma representação rural da cidade de Feira de Santana quando sucumbiu aos ideais higiênicos e disciplinares que a modernidade pregava e que eram implantados pelas modificações operadas pelo governo municipal ao construir os Currais Modelos. O cercamento dos campos de venda do gado pode ser visto como uma alegoria ao aprisionamento da Princesa do Sertão ao padrão urbanístico ditado pela modernidade republicana.

¹¹³ Cf. BAHIA, Juarez. Op. Cit. p. 30

Assim, a partir das transformações urbanísticas compreendidas entre as décadas de 1920 a 1930, a Princesa do Sertão reconstruiu seu espaço urbano de modo que os novos símbolos do progresso conformassem a imagem de uma cidade moderna aos olhos de qualquer visitante, rompendo com seu passado ruralista e pastoril, inscrevendo no mapa simbólico da Bahia, como a Feira de Santana comercial e progressista. As modificações espaciais se constituíram na primeira etapa rumo à obtenção do status de cidade civilizada, moderna e progressista, o segundo passo obviamente seria a intervenção nos hábitos, costumes e modos de comportamento da população, no qual este processo civilizador/“coercitivo” procurava combater as condutas e hábitos tidos como arcaicos e, portanto, não legítimos¹¹⁴.

Neste sentido, esse processo de urbanização, associou o projeto de melhoramento espacial a um mecanismo de controle social através da higienização dos costumes, que resultou em ações simultâneas em três níveis: no espaço público, no espaço privado e no modo de vida. Era essencial que um novo modelo de convivialidade fosse absorvido pela população. Era fundamental que da Princesa do Sertão nascesse o homem moderno que iria descer do cavalo, despir-se do couro e se impor através de seus novos conhecimentos, seu automóvel e de seu desempenho elegante. Mas, tal tarefa exigiu um esforço ainda maior das autoridades, pois se fez necessário retirar das ruas o vaqueiro, o coronel, o sertanejo, o machante, o homem tradicionalista para dar passagem ao refinado burguês, o homem moderno.

¹¹⁴ Cf. OLIVEIRA, Op. Cit. 2000.

*Já por aqui, na zona de Feira de Santana, a vida se havia transmudado totalmente. Mas o tempo soprou e atirou mais longe sobre as distantes curvas cor de crepúsculos da catinga o pólen de uma outra vida, embora de estréia sem muito reflexo além do horizonte moribundo das estradas solteiras. Já se extingue a fase do couro da nossa paisagem. Outra vida se prenuncia.*¹¹⁵

Neste capítulo discutiremos a estruturação da disputa sobre a composição do ideal de masculinidade na cidade de Feira de Santana do início da República. Para a nossa discussão, teremos que levar em consideração, pelo menos, dois grupos: um que está ligado ao ideário moderno surgido nos anos iniciais do século XX; outro que é tradicionalista, atrelado aos valores locais, que enxergavam na entrada desse sujeito moderno a decomposição da própria sociedade. É importante observar que os conflitos entre grupos dessa população são motivados pela à ruína dos antigos costumes frente aos novos arranjos sociais que se anunciavam, nos quais uma nova identificação hegemônica de masculino foi gestado. Neste processo, temos que levar em consideração as estratégias elaboradas por ambos os grupos para instituir um comportamento masculino padrão que pretendia a hegemonia e a extinção de elementos culturais que evidenciassem formas de vivência de sexualidade e identidades de gênero diferenciadas.

Com efeito, a constituição de uma identidade masculina pautada em ideais societários baseados nos modelo de organização social moderno serviu como elemento fundamental para inscrever marcas simbólicas que diferenciavam socialmente este grupo num contexto de reordenamento das forças e dos poderes na sociedade feirense. Antes de qualquer coisa, é necessário afirmar que incorreria em grande equívoco analítico estabelecer marcos essenciais de diferenciação entre os indivíduos dos grupos distintos, por isso acreditamos que nossa tarefa é a de compreender como a identidade masculina é usada para agrupar os indivíduos que, aliado a outros sistemas simbólicos, indicam comportamentos e valores, morais e estéticos, aos homens dentro de um determinado espaço/tempo¹¹⁶. Portanto, não há como definir precisamente quem é o indivíduo moderno, posto que dentro dessa dinâmica ele não é

¹¹⁵ Cf. ALVES, Op. Cit. p. 95.

¹¹⁶ Para uma maior entendimento sobre a imbricação da masculinidade com outros sistemas simbólicos apreciar a leitura de: BOURDIER, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p. 17.

estático. Contudo, é possível ainda assim perceber elementos simbólicos que trazem a cena o indivíduo moderno em contraponto ao tradicionalista.

Para o nosso estudo, a identidade se constitui como uma categoria de atribuição de significados específicos estabelecidos nas relações entre grupos e pessoas: a identidade de uma pessoa ou grupo é relativa à identidade de outras pessoas e grupos; em cada identidade reside a relação “com”, portanto, uma mediação, uma ligação-relação do mesmo consigo mesmo, tendo o outro como parâmetro; as identidades são representações pautadas pelo confronto com o outro, resguardando o reconhecimento social da diferença – que neste caso constitui na diferenciação dos corpos sexuais¹¹⁷.

Podemos conceber a identidade como um empreendimento paradoxal, uma vez que o processo de identificação constitui na integração do sujeito em um grupo social ao mesmo tempo em que este afirma sua individualidade por meio de comportamentos e condutas que, apesar de serem sustentadas por práticas coletivas, encontram uma elaboração muito particular.¹¹⁸ Por esse motivo a identidade é produto das relações sociais porque é nelas que esta se define a partir da criação de espaços simbólicos e, conseqüentemente, reflete ideais e valores que são construídos na interação entre os diversos grupos sociais. Assim, a identidade masculina pode ser definida como uma categoria social, ou seja, como um componente da estrutura social que ajuda a sustentá-la ao tempo que também é constituído por ela.

A construção da masculinidade é resultado de “complexas elaborações culturais”, onde padrão masculino foi definido por transformações sociais ocorridas na passagem da sociedade que se definiu por uma estrutura agrária, para um modelo social baseado em padrões sócio-econômicos e culturais ligados ao referente moderno. Contudo, não se trata de uma relação direta de causa e efeito, mas de um quadro dinâmico no qual as transformações sociais orientaram os valores que foram cultivados pela modernidade a ponto da masculinidade servir como reflexo destes, contribuindo assim para seu reforço.

Trata-se de uma relação dinâmica, onde o elemento da masculinidade é definido por elementos sociais, em que os componentes culturais contidos na construção da identidade masculina colaboram na manutenção das instituições que lhes deram vida, ou seja, uma

¹¹⁷ PASSOS, Elizete. “Gênero e Identidade”. In.: ÁLVARES, M^a Luiza Miranda; DOS SANTOS, Eunice Ferreira. **Olhares e Diversidade**: os estudos sobre gênero no Norte e Nordeste. Belém: GEPEM/CFCH/UFPA; REDOR – N/NE, 1999, p. 19 a 32. Ver também: SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre: **Educação e Realidade** 16(2), 22, jul/dez. 1990.

¹¹⁸ HALL, Stuart. **A Identidade na Pós-Modernidade**. 4^o Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. Ver também: FERREIRA, Lúcia M. ^a e ORRICO, Evelyn G. D. **Linguagem, Identidade e Memória Social**: novas fronteiras, novas articulações. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

relação dialética, num processo de constituição e reconstituição contínua das instituições simbólicas. Portanto, a identidade masculina é um reflexo dos elementos culturais que definem a vida em sociedade e por ela é definida. Por isso, não podemos deixar de investigar os ideais societários assumidos por uma dada sociedade que conceberam os elementos constitutivos do homem moderno. Daí, a análise da estruturação do padrão de masculinidade moderno deve ser analisado a partir do momento de sua formação, quando da passagem de uma sociedade tradicional para a moderna.

Trabalhos realizados por Nobert Elias¹¹⁹ sobre a transição da sociedade medieval europeia para um modelo de organização social moderno chamam atenção para a formação de uma personalidade burguesa que se define a partir do culto ao autocontrole e contenção das expressões emocionais. Num outro referencial de discussão, mas buscando compreender o período de transição operado entre o século XVII e o século XIX, Michael Foucault¹²⁰ analisa a emergência daquilo que ele definiu como sociedade disciplinar e que estaria sustentada pelo processo de disciplinarização dos gestos. Segundo o filósofo francês, o poder disciplinar inaugura uma conjuntura na qual o corpo passa a ser controlado pelos mecanismos de poder que investiram sobre o corpo toda uma tecnologia de normatização e controle: construiu-se mecanismos de controle bem mais sutis, que abandonavam modelos mais agressivo de domínio, mas que, nem por isso, se constituíram como menos coercitivos.

Em Feira de Santana, a observância da entrada dos ideais de modernização social presentes na sociedade brasileira desde fins do século XIX, reflete o momento de transição que se formou no período de constituição do ideal moderno de masculinidade, isso porque inúmeras mudanças que estavam em curso foram aos poucos transformando os elementos que definiam a esfera do masculino que, com a propagação dos valores da classe média e dos ideais burgueses de sociedade, ajudaram a cunhar o comportamento comedido e o culto à racionalidade, servindo como importantes elementos na construção da identidade do homem moderno.

No entanto, a confecção das identidades masculinas do homem moderno encontra-se no processo de luta que reordena forças no cenário social e político da Princesa do Sertão. Tais identidades figuram enquanto mecanismos simbólicos de disputa que darão ao grupo vencedor não só a hegemonia de sua identidade masculina¹²¹, como também proporcionará o

¹¹⁹ ELIAS, Nobert. **O Processo Civilizador** – Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

¹²⁰ FOUCAULT, Michael. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 3º Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999. Ver também _____. **Microfísica do Poder**. 5º Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

¹²¹ Em se tratando da condição de hegemonia de uma dada identidade social concordo com Oliveira quando este afirma que nem sempre a identidade hegemônica de uma sociedade é definida pela maioria da população, mas

acesso aos privilégios de gênero promovendo a afirmação da sua dominação, sua força, sua autoridade e seu poder ao inimigos e subversivos por meio do aparelho estatal, por exemplo.

Dando prosseguimento à nossa investigação, é fundamental salientar o papel das transformações estruturais no cenário urbano da Princesa do Sertão no início do século, observando a construção de uma identidade masculina dentro de um processo maior de modernização da sociedade feirense durante o período referido. Em seguida, vamos focalizar os conflitos e tensões oriundos do projeto modernizador deliberado pela elite feirense que motivaram o estabelecimento de um novo padrão de masculinidade frente apresentação de outras formas de apresentação do “ser” masculino da população feirense, apresentando assim os elementos que conceberam o homem moderno numa cidade do interior baiano.

Devemos considerar, não obstante, que a história do gênero masculino deve ser sempre a história da multiplicidade do ser homem, o que significa dizer que por mais que a identidade masculina pretenda a hegemonia, a vivência sexual dos sujeitos, por exemplo, é muito mais diversa do que os discursos que definem e encerram o ser masculino. Assim, parece óbvia a afirmação de que não existe um sujeito singular na palavra homem, o que significa dizer que os mais diversos e conflitantes grupos sociais elaboravam suas próprias maneiras de vivenciar a experiência do ser masculino.

2.1 O outro da modernidade: vaqueiros, boiadeiros, magarefes, negros e vagabundos.

Conforme observado no capítulo anterior, setores da sociedade feirense, identificados com os ideais societários modernos, passaram a criticar o comportamento dos representantes máximos da “aristocracia dos currais”, tingindo as páginas dos periódicos da cidade de textos carregados de adjetivos e comparações, procurando instituir seu modelo de cidade e buscando minar as bases da dominação dos representantes da civilização do pastoreio.

No que confere à repercussão dos ideais modernizantes a nível local, o que podemos perceber é que, no caso de Feira de Santana, cidade que ao longo de toda a era colonial foi marcada por uma estrutura fortemente agrária, determinados setores sociais buscaram

antes pode ser fruto de um ideal dominante que tornando-se uma hegemonia simbólica porque fora constituída por “grupos minoritários (que) podem ter uma significação sociológica que ultrapassa em muito sua importância quantitativa, ainda mais quando suas crenças e padrões de classificação estiverem associados aos demais valores sociais de forma positiva” In.: DE OLIVEIRA, Pedro Paulo. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004. p. 246.

absorver tais ideais promovendo mecanismos eficazes para a implantação da modernidade na Princesa do Sertão que, ao longo das três primeiras décadas do século XX, teve como intento a desestruturação da ordem rural e de todos os componentes a ela identificados.

A construção da modernidade passava necessariamente pela civilização da população local, que para tanto era orientada por padrões culturais externos, aos quais a população feirense encontrava-se distante, mas que o Código de Postura Municipais, e uma série de outros dispositivos procuraram controlar e disciplinar. Uma vez que existisse um comportamento discordante dos ideais de modernidade apresentados pela população, ameaçando assim a ordem urbana, ele precisaria passar por profunda reforma que, tendo um caráter eminentemente cultural, tentaria impor costumes e hábitos “morigerados”. Assim sendo, pode-se citar como o exemplo o fato de que se as casas e edifícios marcavam uma imagem moderna à cidade, estes cumpriam também a função de informar que dentro destes espaços havia indivíduos que agiam igualmente de forma moderna, informando, ao mesmo tempo, ao observador, o lugar de cada um na sociedade feirense.

Esse tipo de pensamento foi a base de elaboração de um movimento que procurou estabelecer um novo modelo de comportamento masculino, contribuindo para a estruturação de um processo de identificação que visava fixar a imagem do homem feirense ao ideal societário moderno. Tipos humanos como os vaqueiros, magarefes e boiadeiros, tão presentes na sociedade feirense nos primórdios da era republicana, passaram a ser vistos com desprezo por aqueles que sonhavam com uma Feira de Santana moderna.

Para compreender melhor a representação de figuras como o magarefe basta analisar as imagens trazidas pelos romances e livros de memórias escritos por cidadãos feirenses da época: o magarefe é descrito por Juarez Bahia em seu romance a partir do personagem de Zeca de Ana, pai da personagem feminina principal, Adélia. Juarez Bahia dá atenção especial à descrição sobre o trabalho que Zeca de Ana desempenha, chamado de magarefe da morte do boi, já que faz menção à atividade de Zeca, mostrando que das suas mãos saia o produto que abasteceria não só Feira de Santana, mas toda sua região. Vejamos a traço físico de Zeca de Ana:

Uns dois metros de altura, pouco havia e faltar, os braços longos, os músculos retesados, a voz de ressoar em repetições no interior do Matadouro. As vestes, camisa e meia-calça de pano de saco, uma tira de pano mais grosso amarrada em dois laços entre a parte esquerda do pescoço e a parte sob o braço direito, tingidas de sangue, como todo o corpo de Zeca de Ana, salpicado da cabeça aos pés. Ele mata e retalha, mata e corta, a carne verde sai de suas mãos em grandes peças para o Mercado Municipal¹²².

¹²² BAHIA, Juarez. Op. Cit. p. 68.

No romance de Juarez Bahia, a função de magarefe da morte do boi enche o peito de Zeca de alegria ao saber que ele tem a força e a esperteza de abater os bovinos com perfeição. Outro elemento usado pelo autor para compor Zeca é a macheza, que pode ser pensada como virilidade e força típica dos guerreiros, descrita numa passagem na qual o personagem é comparado à Xangô: “(...) o pai de Adélia parecia um outro deus, o favorito dos terreiros, quem sabe Xangô, viril, aventureiro, ousado, suficientemente forte para cavalgar mil léguas, suficientemente amante para amar mil mulheres”¹²³.

Os vaqueiros descritos pelo autor, como Tonho de Babau e Mane Inácio – ambos do coronel Farinha – são personagens difusos, embora encontremos referências esporádicas deles ao longo do texto. Numa passagem, o autor indica as privações vividas pelo vaqueiro na condução do gado de Morro do Chapéu, Jacobina e Mundo Novo para o Campo do Gado de Feira de Santana: “Comida, farinha seca, carne-do-sertão, banana-prata. Dormir, às vezes sono corrido, mais das vezes sono picado, depende da tropa”¹²⁴. A pesar de todas as privações enfrentadas, Juarez Bahia, ao mesmo tempo, descreve os vaqueiros como indivíduos detentores de valentia e, por isso, temidos por todos. A fim de ilustrar o comportamento viril e destemido dos mesmos, o autor compõem uma cena na qual Tonho de Babau ensina a arte da vaquejada a Florêncio dizendo-lhe:

“-Atira o laço de vez, num ato só.

Na arte do vaqueiro, ou na arte do magarefe, vaga não existe para indecisões. Assim o sentencia Tonho de Babau. Desenha com os braços o jogo do laço, joga de vez e pronto. Dito e feito, Florêncio joga e laça. O boi vai ao chão, o boi é seu.

-Eta machão”. (p. 127)

A vitória do vaqueiro sobre o boi, na vaquejada, servia para mostrar sua valentia e força, torna-o mais homem que os outros. Por esse motivo o vaqueiro valoriza o boi, que é elemento indispensável para que ele se coloque acima dos outros homens. Este é um dos comportamentos que ao distinguir o vaqueiro do magarefe, socialmente estabelece símbolos de representação social que se aproximam da macheza:

“O vaqueiro, Seu Flô [explica Tonho de Babau], é muito diferente do magarefe. O magarefe é um ser que convive com a morte, o vaqueiro só convive com a vida. Quando está triste, melancólico, só, o vaqueiro canta, afoga as mágoas na lembrança do amor, da aventura, da paixão, da vitória, das coisas boas da vida. O magarefe afoga as suas mágoas no sangue, no luto. No luto, sim. Cada boi que Tonho de Babau traz para o Curral Modelo e depois toma o caminho do Matadouro é um luto que bota. É amigo de Zeca de Ana, mas evita falar no Matadouro, não gosta de lembrar a morte do boi”. (p. 144)

Em outras palavras, além de se caracterizar por sua força e destemor, o vaqueiro também é construído como o homem que ama os animais e a natureza, portanto incapaz de

¹²³ Ib. Ibid. p. 69.

¹²⁴ Ib. Ibid. p. 125.

fazer-lhes mal ou de subjugá-la ao seu poder, posto que ele não é capaz de ver a morte. O animal o compõe, e faz parte da referência de sua masculinidade, para que a mesma seja a todo momento reatualizada.

O vaqueiro e o magarefe apresentados na obra de Juarez Bahia ilustram comportamentos masculinos comuns que antecedem ao modelo moderno daquilo que se tornou o homem no início do século XX em Feira de Santana. Com efeito, motivados pelo ideal societário moderno, as transformações operadas na cidade de Feira de Santana provocaram mudanças tão intensas na sociedade que estimularam o aparecimento de novos modelos de comportamento masculino e, também, feminino.

Estes novos ideais de comportamento de homens e mulheres difundidos pelos periódicos locais e referendados por discursos científicos e jurídicos forjaram novas identidades para ambos a partir da reestruturação das condutas, sem que houvesse uma desestruturação do sistema normativo da divisão sexual experimentados até então: a mulher, em geral, continuou dentro da esfera privada e o homem no âmbito do domínio público. Por isso, os sujeitos que estavam estimulados por esse ideário moderno criaram inúmeros dispositivos, elaborados no sentido de disciplinarizar e normatizar a sexualidade masculina, a fim de que esta não se desvie de seu trajeto “natural”, conservando para si o controle e o exercício do poder social, mas que produziu uma nova forma de manifestação da masculinidade do homem feirense.

Deste modo, os periódicos denunciam a estranheza de certas posturas e imagens que antes figuravam na paisagem local sem maiores problemas.¹²⁵ Exemplo desta postura se encontra na matéria noticiada no Jornal Folha do Norte, de 09 de Junho de 1928, intitulada “Urge que desapareça a prática abusiva”:

“Perseguição às rezes nas ruas da cidade.

Rara é, actualmente, a feira semanal em que se não registram accidentes ou prejuízos resultantes da perseguição desordenada de rezes desviadas de gado que estacionam no Campo do Gado por vaqueiros montados, que em desabalado galope, muito de industria as impele para os pontos mais freqüentados da urbe afim de se exhibirem façanhas de equitação. (...)

Magotes de curiosos em algazarra infernal tornam mais temidas essas correrias visto com a rez, mesmo não sendo bravia, acaba por se enfurecer arremettendo contra tudo e contra todos”.

¹²⁵ Como observou Leite (1996) em sua análise sobre a penetração de ideais modernizantes na sociedade soteropolitana do século XX, se o projeto higienizador, inicialmente, direcionou suas vistas para os problemas relacionados à estrutura física e infra-estrutura urbanas e para a qualidade das habitações, não tardou em se preocupar com os hábitos da população, assumindo uma dimensão social, com feições de projeto civilizatório, que procurava promover intervenções nos hábitos da população. In.: LEITE, Rinaldo César Nascimento. **E a Bahia Civiliza-se** – ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana em Salvador (1912-1916). Dissertação (Mestrado em História). Salvador: UFBA, 1996.

Os possíveis estragos econômicos que poderiam ocorrer, devido ao acontecimento, tornam-se menor na argumentação do redator, cedendo lugar à crítica ao comportamento individual do vaqueiro, que estaria preocupado em exibir suas façanhas de equitação. Tal arguição foi repetida pelo mesmo jornal para condenar as correrias de bois em 23 de Abril de 1932.

Correrias de bois, vaqueiros e desocupados

Basta vez temos profligido o abuso das correiras de bois, vaqueiros e desocupados á segundas feiras, no perímetro urbano, quando o transito se intensifica, o que se constitui seria ameaça á vida dos que se acham nos viaes lidando pela obtenção de meios de subsidência em caminhos do mercado ou de volta delles.

É natural que alguma rez mais arisca ou bravia se aparte em disparada do lote ou do rebanho, que jamais deixa de ter guardadores.

Em tal occorrendo , parece cumpre os vaqueiros (e elles surgem sempre em grande número) é buscar cerca-la reconduzindo-o ao sitio em que estaciona lote, o que é feito uma vez. Na maioria dos casos, porem, os vaqueiros deixam o cornúpeto ganhar distancia para persegui-lo a todo golpe em risco de atropelar os viadantes, como tem conhecido, afim de alcança-lo e derrubal-lo , exhibindo-se em escusadas façanhas de equitação e vaquejada.

Accresce que magotes de desocupados também se põem a correr em seguimento dos vaqueiros e, se, acaso a rez amúa , mais ainda excitam e enfurecem o animal fazendo barreiros infernais e lançando-lhes pedras.

Agora é para estrago do fundo do Campo General Câmara que todas as segundas feiras se fazem correrias trazendo em constante sobressalto os transeuntes e moradores das rua do Bom Gosto, do Fogo Queimadinha e outras.

Até quando perdurará o abuso?

Não cançaremos de aclamar.

A crítica à perseguição de bois na cidade pode ser entendida como uma estratégia de urdir uma nova postura masculina. Percebidos como selvagens, rudes, feios e tumultuadores, os vaqueiros que conduziam as tropas de bois ao Campo do Gado passaram a ter seu comportamento avaliado por indivíduos “contaminados” pelos ideais de modernidade que, através das críticas expostas nos jornais da cidade, constituíram paulatinamente um poderoso recurso disciplinador que tinha como objetivo principal a formação de uma nova figura de homem, que necessariamente, contrastava com a imagem descrita acima.

A proibição da conduta dos vaqueiros se instaura no limite mesmo da definição de uma nova postura masculina, a altivez, a valentia e agilidade dos vaqueiros diante da rês desgarrada são colocados pelo articulista do periódico local, sob o símbolo da incivilidade, da animalidade e, assim, associados ao conjunto de elementos que devem ser reorganizados, disciplinados, para orientar a sociedade num caminho progressista. Tamanha será essa perseguição ao comportamento tradicional dos vaqueiros que a administração pública foi impelida a formalizar a proibição da perseguição aos bois pela cidade, conforme descrito no documento abaixo editado pelo então delegado de polícia Sr. Arthur de Assis.

(...) fica terminantemente prohibido, desta data em deante, a perseguição, de vaqueiros montados e em disparada, às rezes que saiam de seus respectivos lotes, no perímetro urbano, e bem assim a permanência de desocupados juntos à balança de pesagem do gado, como também asobios, pedradas e

algazarras que os mesmos fazem por ocasião da mesma pesagem e em seguimento das boiadas e rezes que se destinam ao Matadouro, para evitar incidentes e desastres, que se têm verificado, além do aspecto deponente retrogado que taes scenas offerecem aos muitos visitantes que nesses dias, procuram esta cidade, ficando os infractores sujeitos a prisão e processo.¹²⁶

Neste mesmo documento, um outro indício revela que as sanções contra os comportamentos tidos como indesejáveis atingiam em cheio as posturas debochadas dos indivíduos que se ocupavam do trabalho no Campo do Gado. A intolerância aos assovios e à algazarra de magarefes, vaqueiros e boiadeiros, revela a indisposição de certos setores sociais com as manifestações em vigor do ser masculino, colocando seu interesse numa reformulação urgente da vivência da masculinidade entre a população.

O ápice desta postura destruidora será a composição do novo “Código de Posturas do Município” de 1937 em substituição ao antigo conjunto de leis datado de 1893. Sua elaboração atende ao objetivo de adaptar o “envelhecido” programa de regência da vida pública “a tchenica moderna [que] favorece as cidades com, elementos inteiramente novos, para as quaes, faz-se mister crear legislação adequada”¹²⁷. Neste sentido, consta no Título VI, Capítulo I intitulado “Da Circulação Urbana” os presentes artigos:

Art. 115º - É vedado transitar pelos passeios conduzindo objectos volumosos, que possam, de qualquer maneira incomodar os transeuntes ou interromper a livre circulação.

Pena – 10\$000 de multa. [...]

Artº 127º - Fica expressamente prohibida a circulação de carros de boi, pelas ruas calçadas da cidade, seja qual for o pretexto.

Pena – 10\$000.

Como se vê, uma nova visão de cidade passa a ser constituída: aseada, organizada, segura, civilizada e, com ela, também, se procurará conceber um novo homem, que seja igualmente “civilizado”¹²⁸. Portanto, partindo da idéia de civilidade, os hábitos da população feirense passaram a ser avaliados segundo padrões culturais exteriores à suas condições de vida e sua história, de tal modo que a “civilização” vai proclamar o fim da antiga sociedade e a morte do sujeito que a representa.

A crítica ao comportamento dos antigos “donos da cidade” terá seu ápice na década de 1930 quando se avolumam os discursos que promovem a crítica ao espontaneísmo do comportamento e a práticas sócio-culturais ligadas aos setores sociais tidos como entraves ao desenvolvimento social¹²⁹.

Segundo Oliveira, no processo de estruturação de identidades sociais favorecidas, os antimodelos servem para estabelecer os limites de uma dada identificação social,

¹²⁶ Folha do Norte, 09/06/1928, nº 986, p. 04.

¹²⁷ Código de Postura do Município de Feira de Santana; Decreto-lei nº1 de 29 de dezembro de 1937; pp. 01

¹²⁸ OLIVEIRA, Clóvis F. R. Moraes. **De Empório a Princesa**: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937). Dissertação (Mestrado em História), UFBA: Salvador, 2000.

¹²⁹ C.f. OLIVEIRA. Op. Cit. p. 25.

prescrevendo comportamentos não-legítimos que servem para reforçar as posturas daquele que lhe serve como referente¹³⁰.

A depreciação do comportamento apresentado pelos vaqueiros, boiadeiros e magarefes, assim como dos indivíduos oriundos da zona rural do município compunha um dispositivo eficiente na estruturação de uma identidade coletiva que procurava se instituir enquanto uma representação de alto valor social. Era necessário atribuir às manifestações de masculinidade apresentadas até então a condição de inferior, subalterno, a fim de que o seu oposto, a figura do homem progressista e moderno, assumisse contornos mais acentuados. Podemos afirmar que a criação dessa identidade oposta ao modelo vigente, serviu para dar coesão a um determinado grupo, criando uma identificação coletiva que se mantém a partir da crença de pertencimento a um agrupamento de indivíduos que gozam de valor social superior aos demais¹³¹.

Contudo, os vaqueiros e magarefes não foram os únicos grupos humanos a servir de anátemas desse homem burguês. Os negros, por exemplo, eram comumente rotulados sob o crivo da incivilidade para reforçar os elementos simbólicos definidos como civilizados que eram apossados por agentes sociais específicos. Segundo Ferreira Filho¹³², o desejo de desafricanizar a cidade estruturou o ‘projeto modernizador’. Para os nossos modernizadores, desafricanizar a cidade era, antes de tudo, livrá-la das influências afros que insistiam em permanecer expostas nas ruas, maculando o ideal civilizador. Portanto, na Bahia, a modernidade contrapunha-se principalmente à africanidade. Percebendo que o ideal societário funciona como referente na construção da identidade masculino do homem moderno, este deve ter atos relacionados à manifestações culturais atribuída a população branca. O que fica evidente no noticiário exposto abaixo:

Como a polícia vareja candomblé

Previnida com antecedência por pessoas moradores na rua denominada Barroquinha, a polícia varejou na tarde do dia santo de São Pedro a casa de residência de Rosendo Bahia, em cujo recinto funciona há tempos um candomblé.

De facto, essa dança macabra usada nos pijis por pretos intitulados de feiticeiros e digna de repulsa de pessoas civilizadas, e nem se comenta que, numa cidade como é a nossa se consinta na prática livre de semelhante monstruosidade¹³³.

Nacionalmente o debate sobre a mestiçagem se estrutura como tema central das autoridades e da intelectualidade na transição entre o Século XIX e o XX, uma vez que a

¹³⁰ C. f. OLIVEIRA. Op. Cit. p. 70.

¹³¹ Id. Ibid. p. 79-80.

¹³² FERREIRA FILHO, Alberto. H. **Salvador das Mulheres**: condição feminina e cotidiano popular na Belle Époque imperfeita. Dissertação (Mestrado em História). Salvador: UFBA, 1994.

¹³³ Folha do Norte, 05/07/1930, nº 1094, p. 04

abolição e a inclusão do negro à sociedade traziam uma nova dinâmica à tentativa de definição de um tipo étnico brasileiro, fundamental para o estabelecimento de uma identidade nacional. Baseando-se nos estudos de Lília Schwarcz, pode-se perceber que a intelectualidade brasileira importava teorias raciais deterministas, onde adeptos do darwinismo social determinavam que traços da população de cor revelariam atavismos e tendências delinquentes¹³⁴. Essas teorias eliminavam a possibilidade da igualdade entre negros e brancos e responsabilizavam os primeiros pelo ‘atraso’ da nação. São representantes dessa visão: Nina Rodrigues (1862-1906), Euclides da Cunha (1865-1909), entre outros.

O viés ideológico da produção científica moderna reproduziu os preconceitos culturais vivenciados durante o período de sua elaboração, constituindo o discurso científico que associou a negritude ao comportamento incivilizado e animalesco. A força e robustez, apresentados por esta população, eram lidas como signos de animalidade, assim como suas manifestações culturais eram interpretadas como traços que impediriam essa população de se tornar civilizada. É nesse sentido que, legitimado pelo discurso científico, o ideário moderno define a sociedade ocidental a partir da experiência de vida da população branca europeia, tornando inferior qualquer outra forma de vivência social que não espelhasse nos padrões europeus.

Neste contexto, não só a mestiçagem racial, mas também a mestiçagem cultural entre negros e brancos eram considerados um impedimento para o desenvolvimento da nação, justificando sua perseguição. O estigma da incivilidade era então atribuído à população e à cultura negras a fim de acomodá-las no imaginário social como o antimodelo do homem urbano civilizado.

“Feitiçarias no Sobradinho”

“Não só na rua e em encruzilhadas aparecem tão repugnante mistifórios, que são irrecusáveis atestados de ignorância e mau instinto, mas ainda em casas respeitáveis e dignas de inteiro acabamento, entre as quaes a escola pública daquelle sitio.

Fazem-se precisas as providências de quem competir, para que cessem taes exhibições condemnaveis”¹³⁵.

Em Feira de Santana as perseguições e críticas às práticas culturais de tradição afro-brasileira estampam os jornais nas três primeiras décadas iniciais do século XX, com notícias de perseguição ao curandeirismo, macumbeiros e candomblés, acusados de atravancarem o progresso do país com suas práticas primitivas e de impedirem a “proliferação do saber médico que tenta se afirmar em nome da ciência”¹³⁶.

¹³⁴ SCHWARCZ, Lília Moritz. **O Espetáculo das Raças**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

¹³⁵ Folha do Norte, 21/09/1935, nº 1366, p. 02

¹³⁶ Folha do Norte, 07/07/1934, nº 1303, p. 04

Um outro fator levantado pelo discurso hegemônico do poder foi a visão da ritualística do candomblé como uma prática imunda, misturando ingredientes culinários com sangue fresco de animais mortos no ato da celebração, conflitando com os ideais de limpeza e higiene apregoados pelo discurso médico do período. Esse discurso condenava as práticas negras a partir do choque com a imagem de uma Feira de Santana culta e civilizada, numa clara estratégia de enfatizar o primitivismo de tais posturas e condená-las à extinção¹³⁷. Assim, caberia à população perseguir tais práticas e apresentar um comportamento adequado aos ideais sociais determinados pela modernidade, o que incluiria um comportamento que obliterasse manifestações culturais relacionadas aos negros, motivando os homens a se afastarem do candomblé, capoeira, samba de roda, dentre muitas outras, para dedicar a elementos tipicamente burgueses, como o cristianismo, o football e o jazz, conforme veremos mais adiante.

Outra figura importante que serviu de antítese ao padrão masculino moderno, foi a imagem do vagabundo, do malandro e dos vadios, que devido a uma economia moral do trabalho, forjada na perspectiva escravista, a experiência de ser livre ou liberto foi compreendida como uma recusa ao trabalho regular. Segundo Walter Fraga Filho, os classificados como vadios pelos discursos instituídos, no século passado, eram trabalhadores informais que devido ao caráter de sua profissão, constituíam um grupo que apresentava ausência de vinculação senhorial e irregularidade ou descontinuidade temporais no trabalho, indo de encontro à noção de trabalho estabelecido pelos arautos da modernidade: são pescadores, marinheiros, estivadores, ambulantes ou, simplesmente, mendigos¹³⁸. Além disso, outro elemento importante na compreensão da condenação da vagabundagem pela sociedade brasileira republicana é a itinerância, a possibilidade de uma vivência sem laços de dependência, que figurava para determinados setores sociais como uma recusa do vagabundo à ordem social instituída, que procurava situar o lugar social de cada indivíduo. Consentir que indivíduos levassem uma vida itinerante, representaria para o imaginário republicano e modernista dar ao homem livre pobre um sentimento de autonomia, visto como inconveniente às relações sociais e de poder existentes¹³⁹. Assim, os vagabundos passaram a ser alvos de críticas, conforme observado na reportagem intitulada “repressão à vadiagem” que noticia o aumento das queixas contra a vadiagem que se generaliza na cidade:

¹³⁷ TELES, Adriana Silva. **Presença Negra na Festa de Santana (1930-1950)**. Monografia (Especialização em Teoria e Metodologia da História). UEFS: 2000, p 61.

¹³⁸ Fraga Filho, **Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX**. Salvador: Hucitec/EDUFBA, 1996,.

¹³⁹ Id. Ibid. p.79.

Repressão à vadiagem - attentando contra os nossos créditos de povo laborioso e culto perturbando a quietude dos lares.

(...) E o que é pior, não raro entre elles vêem-se meninos de família, numa promiscuidade condenável, que ou illudiram a vigilância paterna ou se aproveitaram de excessiva liberdade para desertar o lar e fazer o aprendizado da vaia, do tiro ao alvo com badoque, da gyria torpe e quejandos. (...)

Quando o sol é mais ardente, esses garotos, de parceria com vagabundos adultos, buscam os subúrbios (...) E agora que a lagoa do Prato Raso está a sangrar, por motivo das continuadas chuvas, elles se transformam em aquáticos e para ali afluem, banhando-se em completa nudez, o que impede que as mulheres que residem nas vizinhanças vão ali lavar ou se prover d'água.

Ainda há muito que a conveniência manda calar.

Sob as vistas de quem competir deixamos, portanto, estas ligeiras linhas, na convicção de que serão tomadas medidas salutareis vizando a necessária repressão”¹⁴⁰.

Para os padrões sociais, que definia o tripé trabalho / ordem / progresso como motores do desenvolvimento e estabilidade social, a imagem de ociosidade apresentada pelo articulista que aponta a existência de indivíduos que se contrapunham aos “créditos de povo laborioso e culto” compunha uma verdadeira ameaça à sociedade. Contudo, o que se observa na descrição da cena realizada pelo autor do artigo é o fato de que o comportamento apresentado pelos vagabundos e vadios são ressaltados. Para uma cidade culta, apresentar homens e rapazes atirando badoque, banhando-se nos rios e lagoas da cidade e falando palavras de baixo calão seriam atestados de incivilidade e de anti-modernidade, caberia então sua devida repressão para que estes fossem reintegrados ao conjunto dos homens civilizados, apresentando comportamentos comedidos e vocabulário restringido pelo código moral reinante. Com o intuito de instaurar a civilização, onde a cidade de Feira de Santana fosse adequadamente ocupada por uma população ordeira, procurando-se construir uma idéia forte de uma cidade progressista e moderna, fazia-se necessário conhecer e controlar aqueles que promoviam as desordens. Numa sociedade desigual e intolerante, frente aos ociosos e nômades, a repressão jurídica e policial a estes segmentos acentuou-se.

“Menores Abandonados – um apello ao Sr. Chefe de Polícia”

“Já outros jornaes locais têm occupado suas columnas, em mais de uma edição, com o caso dos menores abandonados nesta cidade, os quaes attingem a cerca de cincoenta (creanças e rapazolas), quase todos de cor escura, sem lar e sem emprego, atormentando os transeuntes com appellidos quase sempre indecentes, sem respeitar à moral pública ou à sociedade.

Quando chega um auto-omnibus da Capital, ou vice-versa, é um absurdo: se aglomeram em torno do vehiculo, como se quizessem assalta-lo, numa algazarra horrível ‘pongando’ no estribo aos dois e trez de vez, enquanto os outros se dependuram às janellinhas da ‘marineti’, correndo o risco de ser algum esmagado pelas rodas trazeiras.

Quando cessa essa tempestade e não encontram victimas para as suas brincadeiras immoraes, reúnem-se em turmas de oito e dez, sentados nos passeios para jogar ‘ponga’ e até alguns jogos de cartas ‘soltando’ de instante a instante, as maiores obscenidades. Esses jogos quase sempre terminam em bofetadas e lutas corpo a corpo.

Nos dias em que há espectáculo no Cinema local, principalmente às segundas-feiras, os que não arranjam gorjeta para o ‘geral’, depois de começado o espetáculo, reúnem-se no beco contíguo ao prédio onde funciona o cinema para lutar, etc., etc...

¹⁴⁰ Folha do Norte, 27/02/1926. n°866. pp.01

E assim é que tomamos a liberdade, como patrocinadores do bem público e defensores dos interesses locais, de apelar para o Exmo Sr. Capitão João Faço, digno Chefe de Polícia, afim de que sejam tomadas providências no sentido de serem os referidos menores recolhidos em algum dos patronatos existentes em nosso Estado, ou mesmo na Casa de Menores Abandonados”¹⁴¹.

O vadio, vagabundo, desocupados, definidos como uma imagem em oposição ao ideal de homem pretendido pela modernidade se caracterizou como o indivíduo sem domicílio, aquele que se recusava a seguir o ritmo e as regras do trabalho, proporcionando assim a possibilidade de um desvio de caráter que se traduzia num comportamento de desonestidade e de falta de vínculos sociais. Por isso mesmo, a vadiagem referia-se comumente aos "ociosos" delinquentes com atividades "ilícitas", como jogos e roubos", mas também poderia ser utilizada para se referir às camadas livres e pobres, tradicionalmente vistas como propensas à ociosidade e ao roubo¹⁴². Assim, o vadio, o vagabundo e os desocupados são imagens utilizadas para condenar a ociosidade da população e ressalta o ideal de uma sociedade voltada para o trabalho, conseqüentemente o padrão masculino idealizado por aqueles que sonhavam com a era dourada da civilização em Feira de Santana apontavam o trabalho como um símbolo da masculinidade.

2.2 Os avessos do masculino: o excelente e o pervertido.

No processo de estruturação de identidades sociais favorecidas, os antimodelos servem para estabelecer os limites de uma dada identificação social, prescrevendo comportamentos não-legítimos que servem para reforçar as posturas daquele que lhe é referente. Assim, a criação de uma identidade oposta à masculina serviu para dar coesão ao grupo dos homens, sendo o feminino um dos seus maiores suportes de sustentação. Para que essa operação fosse possível foi necessário atribuir ao feminino a condição de inferior, subalterno, a fim de que o masculino se tornasse o seu avesso¹⁴³. Deste modo, o feminino torna-se o grande outro da masculinidade, a identidade suporte que serve de base direta para sua formação e sustentação enquanto identidade de gênero que detém o poder. As imagens e representações femininas foram construídas diametralmente opostas às masculinas, servindo como o seu inverso e reforçando a dominação do homem sobre os demais indivíduos: isto é, o avesso por excelência. Uma boa demonstração dessa dinâmica nos é apresentada por Edward Montier no

¹⁴¹ Folha da Feira, 09/04/1934, nº 288, p. 03

¹⁴² C. f. FRAGA FILHO, Op. Cit. p. 76.

¹⁴³ C.f. PASSOS, Op. Cit. p. 20.

livro “O noivo ideal”, bibliografia que era consultada por moças feirenses que ingressava no Asilo Nossa Senhora de Lurdes.

Sois creadas para servir de auxilio ao vosso marido. Em princípio, não é a vos que cabe a iniciativa; é o marido quem pela natureza das coisas e pela vontade de Deus, autor de todas as coisas, é o chefe da mulher.

Ora, a mulher não é sobretudo um ser de razão, é antes de tudo um ser de sentimento; mas isto não impede que ela suporte esse sentimento e não dirija. Deverá ela, pois, adstringir a sua espontaneidade às regras, mais frias, da razão do marido; deverá aprender a possuir-se si própria, quando, consoante a sua natureza, é levada a ceder aos outros toda a sua personalidade¹⁴⁴.

As religiões cristãs serviram de poderosos instrumentos na formação da masculinidade moderna ao cuidar de promover a moralidade tipicamente burguesa baseada na instituição familiar e na valorização da contrição e do autocontrole. O casamento é colocado pela religiosidade cristã como o destino natural para homens e mulheres, servia como forte estratégia de controle e de disciplinamento do comportamento de ambos uma vez que previa o lugar que cada um deveria assumir no dia-a-dia do casal.

Além disso, o discurso científico também foi utilizado com elemento formador do ideal masculino moderno, uma vez que boa parte das conclusões a que chegaram os cientista entre os séculos XVII e XIX, serviram para ratificar a condição de submissão na qual se encontrava a mulher. O darwinismo foi utilizado como paradigma científico para interpretação do mundo social, o que resultou numa avaliação que colocava o homem em posição de superioridade, uma vez que esta corrente considera que aqueles que apresentassem maior resistência física e desenvolvimento intelectual seriam os únicos capazes de governar a espécie humana¹⁴⁵.

Outra corrente científica responsável pela manutenção de uma postura androcêntrica no cânone científico moderno foi a fisiognomonia que teve como principal representante Lombroso. Ao procurar traços físicos particulares para explicar determinados comportamentos sociais, tal teoria naturalizava as práticas dos agentes dessas ações, tidas como desviantes ou anormais. A descrição fisiognômica revela o caráter ideológico da produção científica de um período que, antes de buscar um fundamento científico, se estruturava por formulações preconceituosas que refletiam o quadro da discriminação sexual e social presente no contexto de sua produção¹⁴⁶.

A assimetria dos papéis de gênero era revigorada por instituições religiosas através de seus preceitos, pelo Estado por meio de seu código civil, pelas produções culturais, com seus romances e obras artísticas. Margareht Rago, ao analisar as estratégias de implantação do

¹⁴⁴ MONTIER, Edward. **O noivo ideal**. Taubaté, 1941.p. 08.

¹⁴⁵ Cf. OLIVEIRA. Op. Cit. p. 55.

¹⁴⁶ Id. Ibid. p. 56.

capitalismo na sociedade paulistana de início do século XX, observa que nos primórdios da industrialização no Brasil, um mecanismo eficiente de controle da população trabalhadora foi a redefinição da família, que se estruturou pela elaboração de um novo imaginário de mulher, voltada para a intimidade do lar e um cuidado especial com a infância, redirecionada para a escola ou para os institutos de assistência social que se criam no país, fundando a possibilidade de nascimento da intimidade operária, que visava disciplinar o corpo social a fim de que este incorporasse a figura do trabalhador, dócil e submisso, mas economicamente produtivo.

“Frágil e soberana, abnegada e vigilante, um novo modelo normativo de mulher, elaborado desde meados do século XIX, prega novas formas de comportamentos e de etiqueta, inicialmente às moças das famílias mais abastadas e paulatinamente às de classes trabalhadoras, exaltando as virtudes burguesas da laboriosidade, da castidade e do esforço individual. Por caminhos sofisticados e sinuosos se forja uma representação simbólica da mulher, a esposa-mãe-dona-de-casa, afetiva mas assexuada, no momento mesmo em que as novas exigências da crescente urbanização e do desenvolvimento comercial e industrial que ocorrem nos principais centros do país solicitam sua presença no espaço público das ruas, das praças, dos acontecimentos da vida social, nos teatros, cafés, e exigem sua participação ativa no mundo do trabalho¹⁴⁷.

Nesse contexto, a promoção do ideal da família burguesa com sua já conhecida divisão sexual do trabalho era reforçado pelo Estado que concebia a divisão entre o trabalho masculino e feminino como favorável à nação, legitimando assim a condição de submissão da mulher pela ênfase no seu papel de mãe. Esse modelo feminino expandiu-se por todo país, reforçado sempre que possível pelos meios de comunicação, sobretudo por jornais, que em sua grande maioria expressava o ponto de vista daquele que detinha o poder da palavra, é assim que se encontra notas e textos jornalísticos com este teor. No discurso abaixo, publicado na Folha do Norte, no dia 17 de setembro de 1927, Antônio Garcia escreveu:

O lar é o ninho.

O lar é a mulher. Recorta no anil transparente do horizonte as linhas soberbas de mármore a fachada ou esconde no verde negro da salva um tecto de colmo. Doira-se dos lumes da virtude ou se obscurece com os fumos do vício.

Vibra o hynno do labor ou reboa com o alarido da ociosidade orgiaca.

Embalsama como o habito aromal da esposa casta e da prole insolente ou inficiona-se ao contacto da maldade embiocada.

Avigora, mísero, mas quanta vez se torna berço de gênios e de heróis! É amplo e opulento, mas succede gerar pygmeus. Santuário, pode bastardear em antro.

É maná de delícias ou albergue de torturas. É empyreo ou inferno.

O lar é a mulher.

Bem aventurada e feliz aquella que faz do Lar ninho de pomba, que o transforma em paraizo¹⁴⁸.

Dentro dessa mentalidade, o lar seria o espaço legítimo de atuação da mulher na estrutura social, reforçando a subjugação da esposa a partir da constituição da família nuclear

¹⁴⁷ RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar**: a utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 16.

¹⁴⁸ Folha do Norte, 17/09/1927, p. 05

na qual ela seria responsável pelos afazeres domésticos e o cuidado com as crianças, enquanto aos homens ficaria destinada a esfera pública, a esfera do poder¹⁴⁹. Na sociedade moderna as funções da mulher foram postas com clareza: mãe, educadora, controladora dos empregados (quando eles existiam), provedora de afeto e carinho. Mesmo em um momento de redefinição do papel feminino, no qual as mulheres passam a invadir o cenário urbano apossando-se dos bancos escolares e de algumas atividades sociais como a filantropia e os serviços públicos, como a educação, sua saída do ambiente doméstico era acompanhado pelo signo da culpa, pelo abandono dos filhos, e sua formação educacional não pretendia prepará-las para o mercado de trabalho, mas antes torná-las uma companhia mais agradável e interessante ao seu esposo.

A arte de agradar

A mulher não deve ter gestos impetuosos, antes deve limitar-se a completar, a aperfeiçoar, a parafrasear digamos assim, as idéias, as concepções apresentadas, sendo pequenos sem serem mesquinhos, flexuosos e engraçados.

Depois a mulher precisa também saber falar, com uma voz insinuante e expressiva, com um realce exquisitamente feminino, duma maneira leve, brincando com as palavras, sabendo dar-lhes o sorriso, a alegria ou a mágua no talhe caprichoso dos lábios. A vida não se resume em ser somente bella, mas em ser forte e útil.

Yapú¹⁵⁰.

Qual o typo ideal de mulher?

A opinião de autoridade sobre esse assumpto devera interessar aos leitores inteligentes, razão por que os trasladamos para aqui o que sobre o typo de mulher ideal disse Adolpho Manjou, que se julga perfeito conhecedor dos encantos femininos.

Segundo o elegante astro da tela, o typo ideal da outra metade do gênero humano deve ser naturalmente bello, com equilíbrio mental e physico, que evita os extremos.

São poucas, muito poucas as mulheres que preenchem aquelles três requisitos¹⁵¹.

Deste modo, enquanto o masculino simbolizava a ordem pública, o feminino expressava os símbolos da ordem privada como a castidade, a pureza, o apego aos detalhes, o cuidado com o outro e o comedimento público, caracterizando a submissão da mulher às figuras masculinas, aos pais e maridos, sobretudo. Os ideais assim configurados buscavam naturalizar a idéia de que o domínio público era assunto masculino, enquanto o doméstico ficaria a cargo das mulheres. Essa situação consagrava a autonomia do gênero masculino e destacava a heteronomia do feminino.

¹⁴⁹ Sobre a construção do ambiente público como o espaço do exercício do poder na sociedade moderna ver. Costa, Ana Alice Alcantara. **As donas do poder: mulher e política na Bahia**. Salvador: NEIM/UFBA - Assembléia Legislativa da Bahia, 1998.

¹⁵⁰ Folha do Norte, 05/08/1933, n° 1256, p. 04

¹⁵¹ Folha do Norte, 01/1934

Do mesmo modo, homem também possuía um papel bem definido dentro do casamento, o do provedor e mantenedor da estrutura do lar, assim como ficaria ao seu cargo a proteção de sua esposa e filhos:

“Psychologia dos sexos”

O homem é como o cão. Vigia a casa, espanta ladrões, diverte as crianças e é o último que abandona o dono quando lhe acontece alguma desgraça. A mulher é como o gato: anda sempre dormindo por cima das almofadas, arranha a quem lhe faz agrado, e é o primeiro a fugir de casa quando há conflito ou tragédia. Quando muito, o gato tem amor à casa, nunca ao dono.

O homem ama por cálculo ou por ingenuidade, mas nunca pelo simples prazer de enganar. No amor mais puro de uma mulher há sempre um pouco de teatralidade.

[...] Na vida a mulher faz o papel da flor: embelleza e perfuma o ambiente, mas não mata a fome de ninguém. O homem é como o fructo: muitas vezes áspero e rude, mas quase sempre útil e dadivoso.

A flor vive a balançar-se no galho à espera de que um romântico venha a colhe-la, um dia. O fructo prepara silenciosamente o futuro da espécie através do prolongamento vivo da semente.

Em caso de perigo o mais fraco dos homens defende a mulher a quem ama. Em caso de perigo, a mulher mais amorosa esconde-se atrás do homem...

Berillo Neves¹⁵²

Na estruturação do ideal burguês de família, coube ao homem a contenção, moderação e o autocontrole que seriam elementos indispensáveis na estruturação de um lar harmônico, no qual o homem desempenha sua função de provedor, assumindo o controle sobre a família na condição de pai e marido. Colocado como destino natural, o casamento atendia também à disciplinarização do comportamento masculino por conduzi-lo a uma postura de autodisciplina que tinha como objetivo maior afastá-lo de uma vida de vícios e degeneração.

Contudo, devemos apontar a existência de outras formas de arranjo familiar que extrapolam o ideal burguês, observando que a população pobre estabelecia seus vínculos familiares por mecanismos de filiação diferenciados do padrão de família burguesa. Devido a condições de existência bastante peculiares, as classes menos favorecidas não sofreram tanto a influência do sentimentalismo burguês, bem como o referencial de infância e de pai provedor determinados pela burguesia, não resultaram em apelativo que ganhasse a massa popular¹⁵³. Apesar disso, podemos constatar que mesmo que o ideal de família burguesa não tenha se tornado aplicável em todos os segmentos sociais, este modelo serviu para estruturar o modo de sociabilidade moderno, definindo papéis para homens e mulheres e servindo como um referencial de família para a sociedade. Por isso mesmo, até as classes menos favorecidas que não apresentavam uma estrutura familiar identificada com o ideal burguês, tiveram de dialogar com a idealização hegemônica. O ideal de família serve antes como um parâmetro de normatividade e aqueles que conseguem assumir um comportamento o mais próximo possível

¹⁵² Folha do Norte, 28/06/1930, nº 1093, p. 03

¹⁵³ SANCHES, Maria Aparecida Prazeres. **Fogões, pratos e panelas: poderes, práticas e relações de trabalho doméstico**. Salvador 1900/1950. Dissertação Mestrado em História. Salvador: UFBA.

desse ideal, podem obter um lucro simbólico da normalidade, resultando em transmissão de privilégios, econômicos, culturais, simbólicos, servindo assim como um elemento que serve para estruturar o espaço social e as relações sociais exercidas neste.

Entretanto, uma das operações mais importantes realizadas pelo ideal de família burguesa para o processo de consolidação da sociabilidade moderna e, portanto, para a estruturação da identidade do homem moderno, foi a vinculação da vivência da sexualidade ao casamento. Uma vez que apenas entre o casal era legítimo a prática do sexo, a realização do ato sexual fora do matrimônio acarretava em perda de prestígio ou posição social para ambos os envolvidos, ainda que em proporções diferenciadas. O casamento foi definido como o único lugar social em que a prática do sexo era dada como legítima o que resultou na crítica ao adultério e na condenação a outras modalidades de sexo praticadas pelos indivíduos.

Recebeu uma facada quando discutia

Segunda-feira última, às 6 horas da noite, na Travessa General Pedra, o indivíduo de nome Valentim de Tal (carroceiro), enciumado, travou forte discussão com Mariquinha de Tal, terminando o carroceiro por sacar de uma faca e cravá-la na região clavicular de sua contendora. A vítima, depois do corpo de delicto foi recolhida ao hospital da cidade, onde se acha em tratamento.

Perpetrado o crime, o delinquente evadiu.¹⁵⁴

Apesar do casal em questão não ser apresentado como marido e mulher, a definição dos papéis sexuais a que homens e mulheres estariam destinados dentro da estrutura familiar é tão poderosa, que permitiu a reafirmação dos sistemas normativos da divisão dos atributos sociais, culturais e sexuais de cada uma das partes componentes de sua identidade na sociedade feirense, expondo mais um elemento que comporia a identidade masculina dos homens da Princesa do Sertão: o apego à honra. Enquanto para mulher do início do século XX, a honra se situou em sua própria anatomia, a honra masculina se definiu como um elemento dependente da conduta de outra pessoa, da esposa ou companheira, exigindo assim a vigilância do corpo feminino a fim de garantir a preservação de sua reputação.

Ao estabelecer o matrimônio como o espaço da realização sexual dos indivíduos, a família burguesa instituiu uma sociedade heteroxista, porque invalida a possibilidade da experiência do sexo fora do casamento e, portanto, fora da relação binária homem/mulher. Tamanha era força dessa dinâmica que sujeitos masculinos que se apossavam de elementos atribuídos ao lugar simbólico feminino, eram duramente punidos e, em muitos casos, tinham sua humanidade negada, ao figurarem como inimigos públicos. Assim, observa que o insulto maior que um grupo poderia lançar sobre um indivíduo masculino era a dúvida de sua

¹⁵⁴ Folha do Norte, 18/06/1932, nº 1196, p. 01.

heterossexualidade e/ou a denúncia de sua vinculação ao lugar simbólico atribuído ao feminino – ao que denominamos o avesso pervertido.

O romance “Setembro na Feira” constrói a relação que a sociedade feirense de fins da década de 1930 estabelecia com a figura do homossexual. Seu Ia, apelido do personagem Alberval dos Santos, criado por Juarez Bahia, aparece já nas primeiras páginas, é construído como um indivíduo “alto, louro, gago”, que figura na paisagem como o porta-estandarte do bloco carnavalesco As Melindrosas. O Personagem Seu Ia mantém um envolvimento afetivo com o articulista do Jornal Correio Feirense, Pepeu Matos, que evidencia sua ligação com o referido personagem através das matérias que produz para o periódico, como a que destaca a presença de Seu Ia como porta-estandarte das Malindrosas, uma vez que sua atuação “ultrapassa os limites do dançarino e situa-se emocionalmente no rapaz mais atraente do que muitas mulheres”. Dando seguimento, o autor expõe de forma mais contundente a orientação sexual de Seu Ia:

E Seu Ia, majestoso à frente das Melindrosas, impecável nos passos, senhor dos ritmos, cavalga o tempo, surdo às censuras aparentes, indiferente aos que, como Flô, um dia lhe chamam de chibungo, outro dia de preto, consciente e até envaidecido de suas inclinações femininas¹⁵⁵.

Juarez Bahia coloca Seu Ia como amigo de Florêncio, ao qual presta confissões sobre sua condição de chibungo e, portanto de marginal – no sentido de ser colocado à margem da sociedade. Numa passagem, a personagem fala sobre a discriminação que sofre por conta do seu comportamento, lê se ali: “(...) eu sou um tipo emparedado, um sujeito ao qual vivem gritando na cara: você é um sujo, você é um sujo. E, você sabe, eu não sou um sujo. Eu sou apenas um desses milhões de você, de nós, que apenas quer ter o direito de viver em paz”¹⁵⁶. Em outro momento, Juarez Bahia acentua Seu Ia como um personagem no qual, a condição de discriminado, o levou a revelar a Florêncio, seu melhor amigo, que ele se achava uma pessoa sem honra¹⁵⁷.

Dando vazão ao cenário de conflito vivido por Seu Ia devido sua homossexualidade, Juarez Bahia insere esse personagem no ambiente de trabalho da construção da Rio-Bahia, partindo da idéia que tal tarefa resultaria para Seu Ia na superação de sua condição de subordinação social, uma vez que sua participação numa obra que traria o desenvolvimento à cidade, poderia colocar a sociedade feirense como devedora de sua modernidade. Segundo a obra, Seu Ia via no trabalho da rodagem a possibilidade de sua virilização social: “(...) Seu Ia

¹⁵⁵ C. f. BAHIA. P. 35-36.

¹⁵⁶ Id. Ibid. p. 49.

¹⁵⁷ Id. Ibid. p. 52.

encara a Rio-Bahia como um desafio, como se tivesse de exibir a alguém a sua condição de homem, a sua capacidade de ser forte, a sua vontade de ser”¹⁵⁸.

Todavia, a posição que Seu Ia ocupa no trabalho o coloca numa situação de inferioridade. Nesse instante, a tentativa de fortalecer uma identidade masculina que não possuía, é substituída por funções mais leves, que não exigem força física ou mesmo não se configurem como um trabalho mais pesado: não sendo, portanto, suficiente para a concretização de seu ideal de masculinidade – aquele que é o mesmo estabelecido pelo ideário masculino moderno. De um modo geral, o personagem além de não ser incluído no mundo dos homens, passa por um processo de discriminação constante, onde o autor do livro expressa de maneira contundente práticas sociais homofóbicas de sujeição no cotidiano de trabalho. Sua condição, então, é uma condição de avesso do masculino, a pesar de não ser necessariamente uma mulher, é tratado como tal. Em outras palavras, mesmo não tendo atributos físicos femininos, Seu Ia cumpria com este papel: o autor sugere, por exemplo, que ele manteve relação com o comandante da “Frente do Desmatamento”, o personagem Mato Grosso, quando teve que dormir uma noite na barraca dele.

Uma noite dormiram juntos na barraca de lona de Mato Grosso. Juntos, em parte. Cada qual na sua rede. Mas seria o bastante. Os companheiros de acampamento passaram a chamar Seu Ia de ‘mulher do chefe’. O que não chegou a perturbar o antigo porta-estandarte das Melindrosas, já habituado a esse tipo de suspeição e discriminações, um risco calculado ao inscrever-se no Departamento¹⁵⁹.

Com esse episódio, sua situação no trabalho é rebaixada, posto que permitiu aos demais operários retratá-lo como um ser feminino. A feminização de Seu Ia demonstra um mecanismo utilizado para o controle do comportamento masculino que, tendo desviado de seu caminho “natural”, seria punido através do seu rebaixamento à condição de subalterno, portanto, de feminino. Ao se deixar penetrar, o homossexual estaria abdicando de seu lugar social de dominador, que de acordo com as representações simbólicas presentes no imaginário sexual dos primórdios do século XX, desempenha o papel feminino da passividade, que engendraria esquemas de valores culturais construídos sobre a noção do que significa masculinidade e feminilidade, bem como suas interações sociais e sexuais.

Como vimos, essas interdições sociais delimitavam os espaços reservados ao exercício da masculinidade, que em concordância com a noção de atividade, estabeleceu para si o lugar de representante único e legítimo da virilidade, do vigor físico, da força, da brutalidade, da racionalidade, da superioridade, do progresso. Já para a feminilidade, construída em relação à noção de passividade, foi reservada a imagem da paciência, da fragilidade, da pureza, da

¹⁵⁸ Id. Ibid. p. 73.

¹⁵⁹ Id. Ibid. p. 78.

ingenuidade, da submissão e da inferioridade¹⁶⁰. No caso de Seu Ia, deve-se pensar que ele transita entre o universo masculino e feminino: ele não é o avesso por excelência, mas configura-se como o anormal, aquele que se situa num não lugar, numa região de fronteira entre o homem e a mulher e, por isso mesmo, as sanções sociais aí geradas negam a sua humanidade e o colocam no lugar de objeto, de mazela. Seu Ia é a representação do avesso pervertido.

Com efeito, a prática do sexo entre homens era visto com tal valor depreciativo que se configurava como um poderoso mecanismo de coerção dos sujeitos ao casamento. Deste modo, a família também serve como atestado de macheza para indivíduos jovens do sexo masculino, uma vez que afastaria a possibilidade de uma orientação sexual pervertida, assim como supostamente afirmaria a realização de uma prática de sexo heterorientada para aqueles que se encontravam sob a proteção do espectro do vínculo conjugal¹⁶¹.

Apesar de se tratar de uma obra ficcional, a descrição colocada por Juarez Bahia revela-se contundente e, sobretudo, característica da sociedade de então: a personagem Seu Ia pode ser a síntese daquilo que o homem em geral não deveria ser. É provável que Seu Ia seja representação de pessoas com comportamento semelhante, com seus conflitos, dúvidas, anseios e medos. Sobre o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo no período tratado, é possível encontrar evidências que apontam para a existência de um número significativo desses casos. Quando observamos, por exemplo, a matéria transcrita do jornal do Rio de Janeiro, não identificado pela imprensa local, na qual duas jovens que mantinham relacionamento afetivo foram presas pela polícia. Observemos o artigo:

Em trajes masculinos, uma jovem consegue passar por homem – contraiu núpcias duas vezes e abomina o sexo feminino – a polícia de São Paulo às voltas com esse estranho caso.

Dum jornal do Rio:

São Paulo, 19 – A polícia esteve hoje ás voltas com um caso curioso. Foi levado ao gabinete de investigação ‘um homem jovem’ e bem trajado, preso por um inspector que desconfiou do verdadeiro sexo do indivíduo.

Tratava-se realmente de uma moça de 19 anos, que tinha predilecção pela caracterização masculina. Chama-se de Manuella Garcia Perez. Usava entretanto o nome de Armando Garcia, e dizia-se alfaiate de profissão. Trajava com esmero. Ostentava uma gravata ‘papillon’ e chapéu de feltro.

O pretendido Armando Garcia casou há tempos com uma jovem de Bauru e contraiu outro ‘casamento’ em Bica da Pedra, com Marcellina Gomes, por quem se tinha apaixonado...

Ultimamente o pseudo Armando Garcia raptou uma rapariga de nome Christina Vopiano, que era amante de um vigarista, levando-a para a pensão familiar da rua Chavante, onde vivia.

Hoje, quando foi levada à presença da autoridade, Manuella declarou que persistia em viver como homem. Abomina o seu verdadeiro sexo e não acha mais jeito para vestir saia.

A polícia de costume, entretanto, vai obriga-la a reassumir as apparencias do seu verdadeiro sexo.¹⁶²

¹⁶⁰ COSTA, Jurandir Freire. **A Inocência e o Vício**: Estudos sobre o Homoerotismo. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

¹⁶¹ C. f. OLIVEIRA, Op. Cit. p.53.

¹⁶² Folha do Norte, 05/11/1927, nº 955, p. 04.

Se o medo da afeminação por parte do homem se constituiu num poderoso mecanismo de controle da sexualidade masculina a fim de que esta não se desviasse de seu “destino natural”, a possibilidade de masculinização da mulher se caracterizaria numa atitude ainda mais rebelde uma vez que esta postura era observada como um atentado contra o universo da cultura sexual ocidental na medida em que procurava subverter a ordem da dominação exercida pelo homem. Tal comportamento, como vimos, deveria ser rechaçado, primeiramente, com a retomada de um certo padrão físico e, depois, através de uma adequação moral, que deveria culminar com a consagração do casamento. Contudo, ao procurar inverter sua condição de submissão, algumas mulheres incorporavam elementos simbólicos atribuídos ao gênero masculino a fim de promover sua inclusão sem imaginar que a realização de tal ato reificaria a dominação da qual são vítimas:

Levando-se em conta o regime de dominação simbólica instituído, nada mais natural que mesmo aqueles por ele subjugados o adotem, configurando-se a situação típica de legitimação da dominação, quando então do dominado assume por si e para si próprio a imagem que o dominante transformou em imagem dominante¹⁶³.

Assim a imagem do homossexual se estabeleceu como o contratipo preferencial do macho ao ganhar dos discursos médicos e jurídicos uma atenção especial, principalmente a partir de meados do século XIX, quando a medicina e a sexologia procuravam atribuir a esse comportamento algum motivador biológico e ou psicológico, patologizando a prática sexual homo-orientada. A medicina de fins do século XIX e início do século XX auxiliaram no processo de consolidação da masculinidade burguesa ao fornecer categorias classificatórias à homens que apresentavam uma conduta sexual diferenciada dos demais, do mesmo modo que a psicanálise com o complexo de Édipo consagrou a domesticidade da mulher e a divisão sexual no ambiente privado do lar¹⁶⁴.

Deste modo, os ‘desviantes’ forneciam o modelo às avessas, ‘contratipo’ que figurava como a antinorma, o antiparadigma do homem moderno. O poder normativo, com suas prescrições de conduta e normas de comportamentos divulgados pelos jornais locais pretendiam diferenciar e classificar os verdadeiros “donos do poder”, estabelecendo as referências do péssimo ao bom comportamento através da comparação das condutas, reservando aos ‘indesejáveis’, a punição e a ridicularização social.

Se o recurso à coação física se fez necessário num primeiro momento, outras modalidades de disciplinarização do comportamento entraram em ação de forma tão insidiosa e sutil, visando a interiorização da vigilância daquilo que Foucault denominou do ‘olho do

¹⁶³ C.f. OLIVEIRA. Op. Cit. p. 50.

¹⁶⁴ Id. Ibid. p. 78

poder' e que se caracterizou pela introjeção de uma disciplina panóptica do comportamento social que prescindia o recurso à utilização da força bruta através da ocultação do exercício do poder por um discurso que se apresentava como científico, racional e moderno.

Assim, a medida em que certos grupos humanos eram constituídos como anátemas sociais, uma figura masculina era reforçada a partir da atualização do ideário moderno servindo como parâmetro na eleição de símbolos constitutivos para uma identidade masculina do homem na Princesa do Sertão.

2.3 A modernidade fecunda a Princesa do Sertão: ideais societários modernos e a gestação de um novo homem.

Na medida em que as críticas ao comportamento dos vaqueiros, dos vagabundos e às populações de cor se avolumavam, os jornais transmitiam à população os novos ideais de comportamento e símbolos de status da sociedade moderna. Deste modo, exaltavam a presença dos parques restaurantes e hotéis, incentivavam a prática do footing, conclamavam a população a comparecer às exposições do cinematógrafo, apresentavam convite para festas lítero-musicais e saudavam formação de jazz-band's na cidade.

Com a mesma intenção, atestavam a elegância dos homens que se vestiam seguindo os novos padrões ditados pela moda londrina e que se dirigiam aos cassinos e bilhares para desfrutar de uma noitada de pôquer nos salões de jogos dos hotéis da cidade. Os símbolos de uma nova masculinidade eram cultuados com veneração, procurados e consumidos com grande euforia, representando uma condição privilegiada de status social para aqueles que fossem portadores do mesmo, porque afirmavam sua filiação ao ideal masculino reinante.

A dinâmica apresentada pode ser observada pela maneira como eram exaltados os proprietários de automóveis. Por ser um bem de alto valor aquisitivo, além de um produto da indústria – elemento da modernidade por excelência, o automóvel tornou-se um símbolo da masculinidade moderna por representar a vitória do homem sobre a natureza¹⁶⁵. A antiga condução feita por cavalo, carroça ou carro de boi era substituído por um invento humano capaz de superá-lo em velocidade e em capacidade, portanto símbolo da inteligência e da racionalidade do homem que seria capaz de manipular a natureza ao seu favor. Deste modo, verificamos o aumento dos anúncios de venda de automóveis nas páginas dos jornais locais,

¹⁶⁵ Sobre a idéia do domínio da natureza como uma ação do homem viril ver: JAPIASSO, Hilton. "A dimensão 'machista' da ciência". In.: **Revista Reflexões**. Papyrus: Campinhas, SP, nº 28, jan/abril. p. 11.

assim como atestamos a freqüente referência a esse equipamento como símbolo de status social¹⁶⁶.

Aliás, novidades tecnológicas como a estrada de ferro, a eletricidade, o telefone, o cinema, o automóvel, o avião, dentre outras, em diferentes combinações, foram utilizados como símbolos que rompiam em maior ou menor grau com as imagens apresentadas por cidades que não haviam realizado com plenitude o seu processo de modernização, estabelecendo-se como marcos do atraso nacional. Portar alguns desses símbolos numa sociedade que apresentava bases agrárias incorria numa incontestada demonstração de elevado nível social, além de inscrever-se como representante da modernidade.

Do mesmo modo, a etiqueta e a moda ocuparam uma função essencial enquanto armas na luta por prestígio e status social. Conseqüentemente, encontraremos nos jornais da época anúncios da chegada de “artigos finíssimos” e fotos de honrados magistrados “elegantemente vestidos”. Homens que procuravam se identificar como modernos recorriam à Loja Oriental, à Casa Gomes ou ao O Alfaiate, para obterem produtos “vindos do Rio de Janeiro, directamente das fábricas, lindo sortimento de chapéus de feltro da moda, variado e moderníssimo sortimento de gravatas typo Bataclan, Paulista, Papillon e viola”, chapéus de palha italiano, chapéus de feltro e “finíssimas casimiras nacionaes e inglezas, padrões modernos; Gabardine impermeável para capas, casimira dobradas para capotes, Palm-Beach e brim branco”¹⁶⁷. Em tempos de frio era possível encontrar artigos ainda mais sofisticados como os “casacos de lã, pelle de Elefante para homem, capotes e sobretudo”, ofertados pela Oriental¹⁶⁸. Após esse banho de loja, nosso modernoso homem feirense poderia se perfumar com a “moderna e ativa Loção Frank Lloyd”¹⁶⁹, e sair tragando um charuto Havana, ou Daneman, ou Suerdick.

Analisando a força das imagens divulgadas pelos cinematógrafos na Cidade da Bahia na passagem do século XIX para o XX, Fonseca observa que a representação do homem almofadinha era uma imagem que inspirava a moda masculina soteropolitana, dos quais a gravatinha papillon, os sapatos pirulitos e os paletós com dois botões eram artigos facilmente encontrados nas lojas de confecções da cidade. Segundo ele, os homens tentavam dessa forma acompanhar a moda a fim de estarem mais próximos dos desejos íntimos das senhorinhas e senhoras, representando assim o homem ideal vivido por artistas do meio cinematográfico¹⁷⁰. A mesma dinâmica pode ser observada para o interior do estado onde um poema intitulado

¹⁶⁶ Folha do Norte 10 de março de 1936, p. 01

¹⁶⁷ Folha do Norte, 27/03/1926. n°872. pp.04

¹⁶⁸ Folha do Norte, 05/07/1930, n° 1094, p. 02

¹⁶⁹ Folha do Norte, 30/06/1934, n° 1302, p. 04

¹⁷⁰ C.f. FONSECA. Op. Cit. p. 169.

“Madimoselle Futilidade” de autoria de Alencar Filho denuncia a preferência feminina por certos tipos masculinos: “Adora os tipos de atletas / Sonha com um ‘bangalow’, uma barata / E com um príncipe encantado / Que é um artista de cinema”¹⁷¹.

Fonseca observa ainda que, em terras baianas, entenda-se a cidade de Salvador, o cinema foi colocado como um mecanismo de disciplinarização do comportamento da população, servindo como elemento fundamental para a realização do processo civilizador na Capital.

Em Salvador, entretanto, o cinema foi apropriado pelo discurso civilizador, que via na nova diversão um instrumento capaz de educar os hábitos da população. Como ocorreu com relação a Belo Horizonte, os cinemas, cafés, os teatros e os boulevards eram tidos como verdadeiras instituições educativas, espaços pedagógicos em que a moda, boas maneiras de portar-se em público, contatos diversificados, acesso às mais variadas informações e aos novos conhecimentos se faziam ‘lidos’ e “apreendidos”¹⁷².

Baluartes da modernidade, os cinematógrafos ditaram comportamentos e influenciaram nas transformações das identidades de homens e mulheres, além de servirem como instrumento civilizador da população, procurando corrigir os “erros” de determinados setores sociais. Apesar da carência de estudos a esse respeito para Feira de Santana, podemos pontuar a existência de apenas um único cinema para o período abrangido por esta pesquisa. O Cine Teatro Sant’Anna de propriedade do Sr. Calmon de Siqueira, localizado a Rua Direita, atual Conselheiro Franco, que ocupava uma área de aproximadamente 700 m² e funcionava três vezes por semana, com sua programação divulgada na seção “Diversões” do Jornal Folha do Norte. Segundo Antônio do Lajedinho, os domingos eram reservados para produções de caráter dramático, estreladas por atores como Rodolfo Valentino, Erol Flin e Kay Francis, enquanto que na segunda-feira o bang-bang tomava a tela do cinema com os tradicionais mocinhos Buck Jones, Tom Mix e George O’Brien¹⁷³. Apresentando valores de 1\$500 para cadeiras numeradas e 1\$000 para camarotes, a prática do cinema para os feirenses era um acontecimento que resultava numa demonstração de status e elegância.

Palco dos maiores eventos da cidade, o Cine Teatro Sant’Ana constitui-se em um reduto da população que via no cinema uma manifestação de lazer alinhado aos símbolos da modernidade, servindo como marco da civilidade de sua população.

Merece os mais justos aplausos a boa vontade do Sr. Calmon para com os habitantes desta cidade. Forçado a fechar o seu cinema, em princípios do ano, pelo motivo que já se conhece – falta de frequência -, não se justifica que a Feira, já de si pobre de diversões, continuasse desprovida de tão útil entretenimento, em boa hora trazido pelo espírito progressista de quem se poderia ter em mira beneficiar esta terra, dotando-a de um cinema que corresponde perfeitamente às suas possibilidades.

¹⁷¹ Folha da Feira, 09/10/1933, nº 262, p. 04

¹⁷² C.f. FONSECA, 2002, p. 171-172.

¹⁷³ LAJEDINHO, Antônio do. **A Feira na década de 30 (memórias)**. Feira de Santana: [s.n.], 2004, p. 69.

Belada a primeira tentativa, volta agora o Sr. Calmon a abrir as portas de seu estabelecimento, deseioso tão somente de ser agradável, de proporcionar, enfim, um certo bem-estar a todos os feirenses. Não é admissível que uma cidade culta e populosa, como a Feira, não comporte um cinema!¹⁷⁴

Sob as luzes do Cine Teatro Sant' Ana uma elite representava o grande espetáculo da autocultuação e da alimentação do sonho de pertencimento ao universo das grandes cidades civilizadas. Grupos dramáticos como o Sales Barbosa, o Taborda, o Grêmio Lítero-dramático Rio Branco, Grêmio Dramático União e a Sociedade Dramática e Criativa Artur Azevedo¹⁷⁵ revesavam-se no palco do Sant' Ana, realizando festas lítero-musicais com concerto de pianos de prendadas senhorianhas da sociedade feirenses¹⁷⁶ e “noitadas de canto lyrico”¹⁷⁷.

Assim, numa cidade culta, a presença do cinema fazia-se indispensável, uma vez que por se apresentar como um entretenimento preferido pelos centros mais “adiantados”, eleito por outras sociedades como a diversão predileta da população, caberia ao feirense a manutenção de tão moderno ambiente. Contudo não bastaria somente a freqüência ao cinema para tornar-se um “gentleman”, seria necessário obediência às regras de conduta implícitas pelo padrão societário moderno.

Querem transformar o theatro em circo de cavallinhos.

As diversões públicas devem ser sob todos os pontos de vista moralisadoras e carecem, pois, de severa fiscalização, máxime quando espectadores desabusados timbram em transformar a platéa de um theatro em poleiro de circo de cavallinhos entre nós.

Em uma cidade culta como é a Feira não se pode conceber, sequer, a possibilidade de que a conducta reprovável dos alludidos espectadores obrigue as famílias a renunciarem às funcções do único cinema que possuímos.

Impõem-se, portanto, a intervenção salutar da polícia para a repressão desses desmandos que, a bem de nossos créditos devem desaparecer de todo.

Em caso contrário, volveremos ao assumpto e apreendemos a campanha pelo saneamento moral de nossa platéa¹⁷⁸.

A exaltação do público, suas manifestações de alegria e expectativa diante da trama que era exibida na tela do cinema, deveriam responder à ordem disciplinar que orientava os indivíduos a um comportamento com discrição e autocontrole, sinalizando a conduta ideal do homem urbano frente ao demais membros da sociedade.

Inclusive a ida ao cinema certamente era acompanhado por um passeio pelas ruas Conselheiro Franco e Senhor dos Passos, as quais apresentavam alguns focos dos elementos modernos tais como o restaurante Suetto¹⁷⁹, de propriedade de Benigno Boaventura,

¹⁷⁴ Folha do Norte, 19/08/1933, nº 1257, p. 03.

¹⁷⁵ C.f. DE ALMEIDA. Op. Cit. p. 228.

¹⁷⁶ Folha do Norte, 08/01/1927. p.04.

¹⁷⁷ Folha do Norte, 02/07/1932, nº 1198, p. 03.

¹⁷⁸ Folha do Norte, 10/03/1934, nº 1286, p. 01.

¹⁷⁹ SOUSA, Ione Celeste de. “**Garotas tricolores, deusas fardadas**”: as normalistas em Feira de Santana, 1925 a 1945. São Paulo: EDUC, 2001. p. 106.

localizado próximo da loja de João Marinho Falcão, que tornou-se espaço freqüentado por homens bem vestidos com paletó de linho e chapéu panamá, por ser um dos únicos ambientes públicos a contar com aparelho radiofônico.

As audições das ondas das estações radiofônicas realizadas no bar Sueto educaram os ouvidos de nossos antepassados para ritmos que apareceram nos centros da civilização moderna e que estavam em voga nas grandes capitais do país, tais como o jazz, o fox-trot, o tango, o shymmi, o maxixe, o charleston, o bleck-boton e o samba, motivando a grupos de cidadãos feirenses, organizarem um conjunto musical que ficaria responsável pela execução desses novos padrões rítmicos na sociedade local

A Feira vae ter um “Jazz-band”

Cultores e apreciadores da arte musical, em nosso meio, esforçam-se pela fundação dum ‘jazz-band’ local, a exemplo do que têm feito outras cidades progressistas do paiz.

A idéia encontrou adeptos fervorosos e se nos affigura que dentro em pouco será trazida para a realidade.

Em reunião celebrada terça-feira última, os fundadores do jazz resolveram effectuar um attrahente festival cinematographico, por estes dias, com uma alenta parte musical a cargo dos promotores do mesmo, que muito confiam no concurso da população, naturalmente interessada em tudo quanto possa contribuir para o bom nome e elevação dos créditos da Feira.

Merece auxiliado esse empreendimento e a ‘Folha do Norte’ faz votos para que elle alcance êxito completo e brilhante¹⁸⁰.

Contudo, o maior reduto do *scool* masculino feirense parece ter sido o Cassino Irajá, localizado próximo à Praça dos Remédios, na Rua do Meio – atual Sales Barbosa. As informações mais precisas do Cassino Irajá são prestadas por Juarez Bahia em seu romance. Apesar de se tratar de uma obra ficcional, as informações prestadas pelo autor são atestadas por alguns moradores antigos da Feira de Santana que garantiam a existência desse recinto e confirmam o tipo de atividade desenvolvida pelo mesmo. Segundo Juarez Bahia, o cassino era de propriedade de Cláudio Brasileiro “Lindo”, que devido sua fama de garanhão ficou conhecido como Lindinho Labareda e se destacava pelo conjunto de moças bem trajadas com “com longos, brilhantes vestidos transparentes à altura dos seios” circulando pelas laterais dos salões que, embora se encontrassem acompanhadas, as que estavam disponíveis “entregam-se a olhares ferozes, convocatórios dos visitantes de primeira visitas”.¹⁸¹ De acordo com o autor, o Cassino era freqüentado por “tabaréus do sertão, jovens como Flô, ou forasteiros das cidades próximas, de Salvador, do Sul da Bahia, fazendeiros do cacau bem sucedidos na Bolsa de Nova Iorque” além de “adolescentes e adultos bem trajados, moradores do outro lado da cidade, a parte oposta à Queimadinha, da avenida Senhor dos Passos à rua Direita, que

¹⁸⁰ Folha do Norte, 14/06/1930, n° ?, p. 01

¹⁸¹ C. f. BAHIA. Op. Cit. p. 112.

aos sábados transformam o Irajá em ponto chique, para o jogo, a bebida, o sexo”¹⁸². Em seu interior serviam-se gim-tônica, cerveja, uísque importado, champanha e vinho; enquanto os freqüentadores se embalavam ao som de rumbas, tangos, sambas, jazz, swing e fox-trot. Toda essa atmosfera é retratada em uma passagem bastante elucidativa:

Lindinho se multiplicava, cercado de carinhas bem empoadas, cada mulher mais selecionada que a outra, cada corpo com a sua aprimorada forma. Lá dentro, a música, o carteadado, a conquista e o sexo, o dinheiro a entrar cantante na caixa registradora. Bebidas caras, uísque, vinho, cerveja, quase tudo importado.¹⁸³

O passeio pelas principais artérias da cidade implicava também na apresentação de uma performance que deveria atestar o grau de civilidade daqueles que estavam a trafegar supostamente distraídos pelas ruas da Princesa do Sertão. O footing, realizado nas proximidades do bar Sueto,¹⁸⁴ era praticado por senhorinhas e melindrosas, jovens rapazes e almofadinhas da época, que realizavam as práticas do *flirts* no footing da avenida Conselheiro Franco, sendo também extremamente incentivado pela imprensa local:

Bilhetes da Capital – O footing

O homem que vive entre a pulsação diabólica e incessante dos arranhaceos de uma avenida moderna e o desvario e a loucura humana de mil fábricas que cigarream, dia e noite, infernalmente, o homem que trabalha afogado no deslumbrante brobulhar de uma cidade vertiginosa e ama o ‘jazz-band’ e sonha com o ‘cook-tail’ e uma espumarada musical de ‘champange’, adquire, ao fim de certo tempo, o vício elegante do ‘flaneur’. No entanto, o ‘flaneur’ da Rua Chile é mais aristocrático, mais fino, mais requintado. E ‘flaner’ pergunta o estilista de *A Mulher e Os Espelhos*, ‘é vagabundagem? Talvez. Flanar é a distinção do perambular com inteligênica’.

Todo o habitante ‘chic’ de uma cidade civilizada sente a imperiosa necessidade, a confortadora obrigação de, pelo menos uma vez por dia, ‘flaner’ à porta de uma ‘bonboniere’ interessante, como menino que tivesse a vontade de comprar-lhe todo o adocicado ‘stock’, tem o prazer de estancar ante a ‘vitrine’ elegante e bem confeccionada de qualquer casa de modas, deste ou daquele ‘atelier’ movimentado, desta ou daquela alfaiataria que pautava sua vida pelo ‘dérmiერი’ de Paris, Londres, Palmbeach, Rio de Janeiro, Deauville e Berlim. Atrai-o o ‘charme’ que há no arranjo inteligente das cores nos mostruários de luxo, o ‘savoir-faire’ dos ornamentadores. É levado a admirar conscienciosamente, religiosamente, como a alta obra de arte, o deslumbramento infantil e a atração garotas da ‘bijouteries’ riquíssimas, que lhe dão o desejo martirizante e a inveja de ser criança, de novo, para brincar de verdade; detém-se automaticamente, instintivamente, ao passar fidalga ‘trottuese’ ou morre de gozo, comendo com a testa, a delícia passara de esbelta figura de brasileira provocante, que a leveza do costume vela.

.....
A ‘flanerie’ é uma obrigação, às vezes, inconsciente, do homem civilizado.

Eu, nascido lá no sertão, eu que vim para a cidade encantada com o prazer do ineditismo no pensamento, trazendo nos sentidos a brutalidade morena dos sertões distantes, fui na onda e aprendi a flanar. E agora acho um prazer agradável em descer e subir, disciplinadamente, a Rua Chile, comungando, pelo olhar purificado, o corpo e a alma das magníficas mulheres que vêm à cidade para a ‘promemada’ sob a carícia de veos da tarde apalecente. As mulheres adoráveis e esculpturais que fazem ‘um tour’ pela cidade secular!...

[...] O footing é o alimento do pensamento educado, uma parte do alimento dos séculos civilizados.

Duque de Pampalona

Bahia, Junho de 1933¹⁸⁵.

¹⁸² Id. Ibid. p. 112-113.

¹⁸³ Id. Ibid. p. 168.

¹⁸⁴ C.f. LAJEDINHO. Op. Cit. p. 172.

¹⁸⁵ Folha da Feira, 11/09/1933, nº 259, p. 04

A partir da leitura do texto acima podemos perceber que a prática do footing era observada com um mecanismo de destruição da brutalidade morena dos sertões e da inauguração de uma conduta social aceitável que promove ao indivíduo que o pratica à área da civilidade, colocando-o em sincronismo com os elementos simbólicos considerados de alto valor social.

Assim, o ideal societário moderno com seu mundo de símbolos, inaugurava pouco a pouco um novo padrão de sociabilidades a partir do estabelecimento de um ideário sobre o amor, diferenciado das manifestações tradicionais, a estética e a moda sob os quais eram elaborados um conjunto original de códigos de comportamento e conduta social. Esses novos modelos de convivência social serviram como mecanismos eficientes na forja de uma solidariedade de um grupo que pretendia tomar para si o controle da vida social. Esta dinâmica construiu uma sociedade sustentada por um mundanismo que atravessava todas as esferas da vida social, desde as ações mais corriqueiras até as obras literárias e a organização espacial, que associado à atmosfera de frivolidade operada pelas revoluções tecnológicas e transformações sociais a ela associadas, fez surgir um clima narcísico, fantasioso e elitista entre a população, servindo para estruturar a hierarquia social a partir de obrigatoriedade de uma vivência de gozo e luxo¹⁸⁶.

Conseqüentemente, tais elementos funcionaram como eficientes alavancas de distinção social. Logo, os sujeitos ocuparam espaços mais próximos quanto mais similar for a quantidade e a espécie de símbolos referenciais do grupo dominante. Em contrapartida, os agentes estavam mais distantes no campo social quanto mais díspares eram o volume e o tipo dos símbolos utilizados pelos mesmos.

Como o processo de constituição identitário se estrutura na relação com o outro, a formação da identidade masculina do homem moderno passou pela agregação de símbolos que promovessem a distinção destes com as outras representações do masculino presentes na sociedade feirense. A sociedade dos homens bons, socialmente admirados, estabelece dinâmica de admiração mútua que efetua uma dupla atribuição valorativa distorcida: exagera suas próprias características positivas no mesmo momento em que enfatiza os traços negativos daqueles que não fazem parte do grupo.

Durante o percurso de definição desses elementos constitutivos, outros grupos humanos também foram utilizados como antítese desse homem burguês, tais como os ciganos,

¹⁸⁶ PECHMAN, Robert M.; LIMA JR., Walcer de. **Flirts no footing da Avenida Central**. Revista de História da Biblioteca Nacional. Ano 1, nº 5, novembro 2005, p. 36.

negros e vaqueiros que comumente eram rotulados sob o crivo da incivilidade, para reforçar os elementos simbólicos definidos como civilizados que eram apossados por agentes sociais específicos. A fim de reforçar a assimetria social, estimulando a valorização do lugar simbólico representado pela identidade masculina do homem moderno, um conjunto de dispositivos lingüísticos foram sendo criados com o objetivo de atestar a submissão de todos aqueles que estão fora da esfera dessa representação.

Como vimos, a modernidade inaugura um ideal de masculino que se estrutura na experiência de vida da população européia, branca e heterossexual, desqualificando modalidades de vida diferenciadas a partir da elaboração do seu contratipo feminino (ou feminilizado), homoerótico, não-europeu, não-branco, ocioso, não-civilizado e irracional.

As sanções prescritas em diversas leis visavam a intimidação e o enquadramento dos que ousassem não se comportar de acordo com os preceitos de uma masculinidade hegemônica, baseada em seu ideal societário moderno. Deste modo, através dessa dinâmica temos os sinais mais claros da imbricação entre o ideal societário moderno e a identidade masculina a ele correlata.

Assim, ao tempo que a masculinidade se constituía enquanto um componente social que refletia os ideais societários modernos, também funcionava como um elemento chave que conectava os demais estratos sociais a partir da composição de elementos constitutivos, forjando a identidade de um grupo de indivíduos que procuravam construir uma nova organização social.

Para uma identidade masculina que se confundia com a própria imagem positiva da sociedade moderna, onde qualidades como autocontrole, disciplina, força, iniciativa, coragem, responsabilidade etc., que definiam as virtudes sociais em si, quaisquer agentes que não estivessem dentro destes padrões, destacavam-se como bizarros, estranhos e perigosos, responsáveis pelo atraso e pelas mazelas sociais. Enfraquecidos pela própria dinâmica social, mantenedora de hierarquias valorativas e simbólicas que afiançavam o desenho de uma assimetria social que lhes negava qualquer forma de poder e influência, os sujeitos marginalizados passavam a representar a própria fraqueza e, num efeito inverso, suas mazelas simbólicas apareciam como contraponto ao comportamento masculino ideal.

Assim, a identidade masculina do homem moderno em Feira de Santana passava necessariamente pela apropriação de comportamentos associados ao ideário moderno que, definido pela sociedade feirense durante as três primeiras décadas da República, estruturou um comportamento oposto ao antigo referente masculino, que se construiu pelo símbolo da responsabilidade, do autocontrole de suas emoções, da disponibilidade ao trabalho, da

vivência da heterossexualidade e do amor à família com a incorporação do seu papel de esposo e pai.

*N*a nossa zona, o eclipse do prestígio da fazenda, prestígio social e político, se origina do urbanismo, mormente após a primeira guerra mundial, do impulso comercial da cidade, quando a político sertaneja se firma decisivamente no desenvolvimento do eleitorado urbano. Passam os pastores apenas a assistentes do espetáculo da cidade. É a vez da rua. O doutor chega com vontade. Declina-se a gerontocracia. Encostam-se os velhos e levando vão os genros e seu mando. O carro-de-boi deixa o caminho aos fordecos de bigode, ou a um escandaloso e barulhento Mercedes, que, na segunda década do século, agitava as ruas da minha cidade. Outros nomes são motivo de conversa da gente austera.¹⁸⁷

De acordo com o que foi visto, pudemos constatar que a experiência da modernidade em Feira de Santana, assim como no restante do Brasil, se efetivou pela criação de nova sociabilidade e pela destruição da antiga ordem social vigente. No caso de Feira de Santana, isso foi caracterizado pela acelerada urbanização, que remodelou o espaço físico e social citadino, eliminando as marcas do passado colonial, tornando a cidade centro da vida econômica e política de parte do interior da Bahia, atraindo as áreas rurais para seu campo de influência.

A modernização da sociedade foi concebida como um ajustamento da tradição ao mundo moderno, uma vez que não havia possibilidade de associação entre a velha ordem social e a aceleração da acumulação capitalista e, também, com os novos valores societários apregoados pelo ideário moderno. Deste modo, prevaleceu entre a população local o sentimento de vergonha, desprezo e ojeriza em relação ao passado, aos grupos sociais e rituais da cultura que evocassem os hábitos de um tempo que se julgava para sempre e, felizmente, superado. A modernidade decretou a extinção dos antigos valores e orientou esforços no sentido de promover na população um comportamento harmonioso ao empreendimento do projeto modernizador.

Tal como foi apresentado, as transformações oriundas do processo de entrada dos ideais modernizantes na sociedade feirense foram responsáveis pela reorientação das identidades estabelecidas, possibilitando a emergência de um novo modelo masculino que, forjado pelo ideário moderno, se definiu enquanto modelo hegemônico frente às

¹⁸⁷ C. f. ALVES. Op. Cit. p. 412.

representações do masculino presentes no corpo social da Princesa do Sertão das primeiras décadas do século XX.

Aliado à emergência de grupos sociais ligados às atividades urbanas, como reflexo da expansão das atividades comerciais no município, o aparecimento da identidade do homem moderno se colocou como um instrumento de constituição da sociedade ao sobrevir novos valores à antiga organização de vida da população feirense a partir da estigmatização do padrão cultural em vigor e da valoração dos elementos simbólicos atribuídos à modernidade.

Para os sujeitos sociais focalizados como representantes do atraso, coube a desorientação e a desintegração do mundo ao seu redor, o sentimento da vida se desfazendo em pedaços. Assim, a modernidade se constituiu num momento de angústia e medo para aqueles que estiveram associados à tradição e aos valores da ordem que estavam sendo extintos dentro desse processo, uma vez que a modernização acenava para o declínio político e econômico desses agentes, cujas implicações sociais oriundas desse processo afetaria as representações de mulheres e homens promovendo uma reestruturação do sistema de gênero reinante.

O novo cenário social forjou um estilo de vida urbano e favoreceu o aparecimento de novas sociabilidades, que pautadas nos valores associados ao ideário moderno possibilitou a estruturação de novas identidades e diferenças sexuais, do qual são sujeitos-objetos a mulher e o homem moderno. Representante máximo da nova ordem que se estabelecia, porque construído pelos elementos formadores do ideário social da modernidade, a identidade do homem moderno se define como padrão de conduta e comportamento masculino, colocando-se como referência para as outras manifestações da masculinidade na Princesa do Sertão.

Esse mundo em transformação anunciava a perda do lugar social de prestígio para aqueles que se identificavam por símbolos culturais associados à antiga ordem social patriarcal que tiveram sua posição de domínio contestada no cerne de sustentação de seu poder: as relações assimétricas de gênero. Retirados do confortável papel de dominador, de determinador das relações sociais, representantes da sociedade patriarcal enfrentaram agora uma crise econômica, política e social que resultou na desestabilização da sua figura como exemplo máximo de homem e de ser masculino¹⁸⁸.

Ao projeto homogeneizador da modernidade, que estabeleceu a hegemonia da identidade do homem moderno na sociedade, irrompem-se várias identidades no sentido de

¹⁸⁸ Elizabeth Badinter também apresenta a virada do século XIX para o XX como o momento de redefinição do papel social atribuído à masculinidade. Para maiores informações ver: BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p. 11.

delimitar espaços de atuações e de controle dentro das esferas de distribuição e exercício do poder, que pode ser verificado, por exemplo, com os papéis sociais que as pessoas ocupavam na esfera pública a depender de sua situação social-econômica. É assim que o vaqueiro, o magarefe, a mulher, o carro de boi, e vários outros elementos e símbolos do cotidiano citadino passam a ser ressignificados nesse processo, onde o que não era representativo devia deixar – ainda que paulatinamente – de existir, posto que não servia para a configuração do moderno – isso inclui, então, não só aspectos da cultura material, mas principalmente aqueles símbolos ligados aos hábitos e comportamento dos sujeitos sociais. O jogo de forças encontrava-se posto quando se criavam flancos no sistema de organização social permitindo sempre que possível a reestruturação do poder, que reorganizado se configuravam a partir da atuação de novos agentes – movimentando atenções por parte destes que, atrelados às atividades do comércio formal em ascensão, viam nesse panorama de transformações um espaço no qual estes podiam pleitear locais de participação dentro do processo de reconfiguração do mecanismo de regência da vida social.

Deste modo, avesso às estratégias de enquadramento da população ao modelo disciplinar imaginado pelos dominantes, sujeitos sociais advindos da ordem patriarcal opõem-se ao projeto civilizador, apresentando inúmeras formas de resistência, algumas delas difusas e ocultas porque efetivadas no interior da cultura dominante, serviram como importantes focos de diluição dos mecanismos de controle social.

Este capítulo apresenta as estratégias de resistência e os conflitos observados durante o processo de estabilização da identidade do homem moderno urbano como uma figura hegemônica na experiência do ser masculino na Princesa do Sertão. Para tanto, investigamos a reação dos agentes sociais ligados à ordem patriarcal frente ao processo de destruição de seus espaços de poder operados pela perda da hegemonia do padrão social masculino. Inicialmente, a resposta dos grupos sociais marginalizados pela modernização foi a de elaborar um discurso que descaracterizava o projeto modernizador a partir da estruturação de uma imagem de desequilíbrio e descontrole do mesmo. Para esse contra-discurso, a sociedade erigida pelos pilares de modernidade se apresentava como uma estrutura social fraca e impotente, sendo composta como uma sociedade feminina, na qual as mulheres ocupavam os espaços públicos e os homens amoleciam suas posturas.

A postura desse grupo foi a de tentar reerguer e revitalizar os valores e símbolos da ordem social em declínio. Será fruto dessa dinâmica a exaltação dos elementos componentes do ideal societário patriarcal e das posturas masculinas a ele relacionado, tais como a vaquejada, a ferra, as correrias de bois pelas ruas da cidade, os rituais de masculinidade,

dentre outros. A proposta desse movimento repousa na elaboração de uma identidade masculina diferenciada da do homem moderno sendo composta em referência direta à sociedade patriarcal, correspondendo ao apelo tradicionalista que visava restituir o lugar do macho – estava sendo ameaçado pela modernização. O homem do pastoreio é a resposta do discurso tradicionalista à ameaça de reorientação da organização social e da redefinição da identidade masculina hegemônica na sociedade feirense. O homem do pastoreio é a tentativa de defesa dos espaços de poder pelo “macho tradicionalista”, é a resposta ao amolecimento das posturas trazidas pela República e pela modernidade.

3.1. Uma sociedade que se feminiza: ordem patriarcal, a modernidade e a cidade.

Contrapondo-se ao avanço da modernidade verificada nos anúncios dos impulsos reformadores que advertiam para um projeto de reconstrução da paisagem urbana feirense e na observação das alterações nas relações sociais da Feira de Santana, oriundas do processo civilizador dos hábitos da população, os representantes da “aristocracia dos currais”¹⁸⁹ lançaram mão de mecanismos estratégicos de disputa pelos espaços de poder e pela hegemonia da representação masculina na sociedade feirense.

Frente ao processo de modernização que impulsionava uma marcha civilizadora dos hábitos e costumes da população feirense, a reação mais contundente vinculada com a ordem patriarcal se constitui numa postura tradicionalista que procurava exaltar os elementos componentes do grupo em declínio. A percepção do esfacelamento dos símbolos, valores e posturas que serviam de sustentáculo da sociabilidade e dos ideais societários do patriarcado, provocou a elaboração de um discurso que se contrapunha ao processo de mortificação dessa ordem social a partir da elaboração de uma posição de preservação da mesma¹⁹⁰. A estratégia operada pelo discurso tradicionalista foi a inversão dos valores modernos que se constituiu no aviltamento dos elementos constitutivos da ordem patriarcal a partir da depreciação dos componentes do *socius* moderno.

¹⁸⁹ Esta terminologia é utilizada por Eurico Alves em seu livro *Fidalgos e Vaqueiros* para identificar um grupo político ligado aos valores e sensibilidades tradicionais.

¹⁹⁰ Um dos grandes nomes desse discurso tradicionalista será o advogado Eurico Alves que, conforme explicitado no primeiro capítulo, desenvolve uma literatura regionalista que deu visibilidade à modos de viver relacionados às populações rurais de Feira de Santana. Esta faceta de sua obra é composta a partir da década de 1930 e atravessa todo o conjunto de texto escrito pelo autor desde então. O grande trabalho de Eurcio Alves é o livro *Fidalgos e Vaqueiros* que, embora editado na década de 1980, seu autor revela que este já se encontrava escrito em sua versão final desde fins da década de 1950.

A crônica abaixo exemplifica uma estratégia de crítica ao modelo de modernização, ela se encontra na seção livre do Jornal Folha do Norte, de 16 de janeiro de 1926, e foi escrita por um leitor que se identifica pelas iniciais E.T.:

Solilóquio

Gente má! Mas... a humanidade é sempre a mesma!

Depois de tantos anos de serviço, parado noites a fio nessa mórbida serenidade de Lampeão a derramar luz suave dos meus olhos pela tristeza dessa rua erma...querem agora substituir-me por uma tal Senhorita Electrica!

Desprezem-me, pouco importa! Virá ao seu tempo o arrenpedimento. Eu sou um velho servidor antigo, correcto sempre, sempre attento ao meu dever; há muitos annos que moro nesta esquina donde vejo e ouço casos e coisas interessantes!

Sou o predileto amigo dos namorados que, por longas horas encostam-se a mim, suspirando às suas bem-amadas. Pharolejo, sem cessar, em noites trevesas, pelas invernadas de Agosto, quando o vento zangado açoita arvores, desmanchando ninhos. Escurece mais a rua ... e eu brilho mais. É tão bom, às vezes, ser Lampeão!

Agoras, expulsa-me, trocam-me, sem piedade, pela phantasia de uma ‘mulher’ caprichosa, hysterica e volúvel, só porque é bonita!

Eu tão constante! Tão sadio! Tendo por único vicio beber muito Kerosene!

Mas... essa loucura fascina! Tem o prestígio do encanto descendente em linha recta de ‘D. Século’ e ‘D. Civilização’, assim contou-me o ascendedor.

Seja deslocado daqui, para qualquer outro canto, hei de sorrir, porém feliz na minha vingança, quando souber a ‘formosa’ Eléctrica, em vertigens fúteis do seu temperamento vario, noites inteiras deixou, às escuras, a pobre tristeza da minha rua...¹⁹¹

A “chegada” da luz elétrica foi bastante festejada por determinados grupos da sociedade feirense por ser considerada como baluarte da modernidade e símbolo inequívoco do progresso da cidade. Contudo, este escrito demonstra a estranheza de setores sociais ante as novidades da “Civilização” e do “Progresso” e atribui aos seus elementos e às ações identificadas com a nova ordem, um caráter feminino, visando diminuir sua força, relegando a estas uma posição inferior na sociedade. Para Albuquerque Jr., em sua análise sobre a construção da identidade do homem nordestino, inúmeros discursos apontam para um processo de feminização da sociedade no nordeste brasileiro do início do século XX, nos quais as imagens e posturas identificadas com a nova ordem, que teimavam em se formar, assumiam um caráter feminino¹⁹².

Em resposta ao discurso modernizante, os homens que compunham a “aristocracia dos currais” passaram a elaborar a idéia de feminização da sociedade, com a qual os elementos identificados com os valores culturais apregoados pelo ideal societário moderno adquiriram feições femininas, sendo referidas enquanto elementos negativos e depreciativos. Este mesmo recurso foi utilizado pelas elites patriarcais do Recife para minimizar e desacreditar a

¹⁹¹ Folha do Norte de 16 de janeiro de 1926.

¹⁹² ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **Nordestino: uma invenção do falo** – uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940). Maceió: Catavento, 2003.

importância atribuída às transformações operadas pela modernização na sociedade recifense entre os anos 1920 a 1940¹⁹³.

Aliadas ao símbolo do progresso e da modernização, as alterações provocadas pelo novo sistema político e social foram descritas como um processo de desestruturação das imagens masculinas, porque estas afetariam o jogo das representações sociais numa sociedade onde o predomínio masculino era incontestável. A República nivelaria a todos como cidadãos: com seu discurso democrático, tornaria todos, independente de cor e da classe social, pessoas portadoras de deveres e de direitos. Esta nova ordem social que se estabelecia com o auxílio da modernização ameaçava inverter a disposição hierárquica vista como natural por aqueles que cresceram sendo referenciados por esta.

O discurso tradicionalista observava a estruturação do novo regime como um momento de degeneração social e de descontrole. “Brilharam as velhas casas-de-fazenda até o fim da Velha República e o seu brilho se amorteceu no início da República dita nova, quando vários males também novos ao Brasil vieram surgir”¹⁹⁴. Nos tempos imperiais, período de expressão máxima do poder patriarcal, “a moralidade presidia a tudo. É o que não se viu e nem se vê sob a *sombra feminina da República* [grifo nosso], apresentando uma série de escândalos e falcatruas sucessivas”¹⁹⁵.

Para esse discurso tradicionalista, a instalação da República correspondeu a um movimento de louvor da cultura estrangeira face à nacional. O novo e o moderno assumiram o significado de uma nova ordem social, enquanto que as tradições e os elementos que julgavam representativos da história nacional eram desrespeitados e/ou ignorados:

Desprezou, quanto pode, o novo sentido de vida que a República instilou nos espíritos. Daí se verifica o declínio do prestígio social do fazendeiro, propriamente, com a erupção do vulcão europeu, incendiando o mundo, completando o trabalho de sapa (sic) da República jovem com o grito alucinante de um urbanismo sem base própria.¹⁹⁶

A feminina República, com suas idéias e instituições democráticas, motivou as mudanças de hábitos, costumes, valores, idéias, práticas econômicas e políticas, que aliado ao avanço da urbanização e da industrialização, promoveram o emburguesamento das formas de vida definindo um novo quadro de representações e de ações para os sujeitos sociais. A República estruturou um novo estilo de vida urbano, favorecendo o aparecimento de novas sociabilidades que, baseadas em valores burgueses, faziam emergir novas identidades e uma

¹⁹³ Id. Ibid.

¹⁹⁴ C.f. ALVES, p. 308.

¹⁹⁵ Id. Ibid. p. 414.

¹⁹⁶ Id. Ibid. p. 411-412.

nova organização das diferenças sexuais¹⁹⁷. Como a cidade se instituíra como palco principal das transformações operadas pelo novo regime, se constituindo como um símbolo máximo da era republicana, o ambiente citadino seria o berço das novas identificações para homens e mulheres.

A cidade significava, cada vez mais, a igualdade de todas as existências, a uniformização dos costumes trazida pela influência da moda, dos reclames e do cinema, mas uniformidade que não queria dizer familiaridade, mas quase sempre cosmopolitismo, estrangeirice, mundanismo. Um mundo que se tornava, em seus hábitos, cada vez mais distanciados do passado e da tradição, o que causava revolta em nossos tradicionalistas¹⁹⁸.

A sociedade moderna instaura uma nova dinâmica de convivialidade entre os sexos que era percebida pelos mais velhos como um movimento perigoso de aproximação entre os mesmos. Inovações operadas pela modernidade foram acusadas de serem as responsáveis pela degradação moral de muitas mulheres e homens. As danças de salão como o fox trot e o maxixe, representavam verdadeiro insulto à moralidade patriarcal.

Com a implantação em nossa sociedade dos fox-trots, dos tangos, dos shymmis, dos maxixes, dos charlestons, dos bleck-botons e outros ingredientes de igual jaez, desapareceu o encanto dos salões, synthetizados nas galhardias das cyrandas, nas aristocráticas pavanais; nas quadrilhas elegantes, nos shoottsks cadenciados e nas valsas lentas, inspiradoras e dolentes, que foram a delicia de uma época, e que a voragem dos tempos sumio na penumbra machiavelica de uma devasidão completa, onde o mais difficil é a vergonha e o mais profuso é o pudor.

Hoje não se dança, saracoteia-se. Os 'bailes' hodiernos fazem lembrar as orgias de Roma decadente e os tristes dias em que a Grécia tombava para a sua completa ruína, embebida nos desbragados e heroticos espectaculos públicos, baseados na immoralidade dos costumes, que se caracterizaram pela sua absoluta impudicícia¹⁹⁹.

O estreitamento das distâncias entre homens e mulheres nos bailes modernos ameaçava as rígidas regras de conduta da sociedade patriarcal, apontando novas formas de conduta para moças e rapazes e estruturando uma outra dinâmica entre os indivíduos. De acordo com o discurso tradicionalista, ao introduzirem elementos novos na cultura local, a civilização e a modernidade foram as responsáveis pela imoralidade e pela perdição de muitas mulheres. O cordel exposto abaixo, apesar de ser escrito anos mais tarde, apresenta uma reação negativa à presença feminina nos salões de dança, tidos como espaços de lazer da sociedade civilizada.

Hoje os pais e família
É quem dão toda entrada
Para que sua filhinha
Seja bem civilisada
Por causa do civilismo
Que muitas não valem nada

¹⁹⁷ BESSE, Susan. **Modernizando a desigualdade**: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil (1914-1940). São Paulo, Edusp, 1999. p. 242.

¹⁹⁸ C.f. ALBUQUERQUE JUNIOR. Op. Cit. p. 111.

¹⁹⁹ Folha do Norte, 17/03/1928, n° 974, p. 01.

Kae na vida desregrada
 Depois põe-se à lamentar:
 - Fui moção e sou infeliz
 Nunca pude me casar
 Culpados foram meus pais
 Que me ensinaram a dansar

Jamais isto é civilismo
 Das moças civilizadas
 De darem direito aos homens
 Antes de serem casadas
 Quem dá o seu é quem perde
 Quem ganha não perde nada²⁰⁰

A sociedade moderna era vista como extremamente nociva às mulheres ao permitir o encontro do corpo feminino com o masculino, tornando as distâncias sociais entre os sexos mais curtas, inaugurando uma nova organização da cultura sexual que facilitava o contato entre os indivíduos. A sociedade se feminizava pois garantia que as mulheres agissem de forma mais espontânea e livre, permitindo uma maior liberdade para a vivência de contatos íntimos entre homens e mulheres.

Mas, para o rapaz de hoje, que vê mulheres por toda parte, que as trata como camaradas desde a escola, a coisa é muito diferente. A sociedade feminina é, agora, um prato por demais continuado para que o rapaz o busque com o empenho por que, antes, o procurava.

Muitas razões – continua a revista parisiense a comentar – que apresentam muitos homens para desculpar a sua falta de atenção para com as mulheres é que esta se tornam mais atingíveis e aos homens só lhes agrada aquilo que difficilmente se alcança e, portanto essa familiaridade das jovens modernas, longe de ser um atractivo para elles, é uma repulsa.

Quando as mulheres eram difficeis de comprazer, os homens viviam de joelhos perante ellas; quando as moças pediam cavalheirismo respeito, os homens eram galantes, quando elas conversavam sem pintura os lábios morriam os homens por beijá-los.

Mas nos tempos actuaes, em que as mulheres não se offendem por nada; em que ouvem verdadeiros insultos com os sorrisos nos lábios e sabem devolve-los; quando não se entristecem nem mesmo porque um amigo as abandone; quando são ellas que telephonam aos rapazes para irem passear; quando permitem que as beije o primeiro recém-chegado; quanto valor podem ter para os homens? Toda a noção de perigo, toda a glória da conquista desaparece para elles²⁰¹.

A imagem feminina havia mudado, a mulher estava deixando de ser um sujeito passivo e começava a esboçar um comportamento mais ativo, portanto, menos dependente das vontades do outro sexo. As cidades exibiam os novos tipos humanos, se constituindo como o ambiente no qual a solidez do mundo patriarcal se dissolvia. A mulher moderna rompia o isolamento do mundo doméstico no qual era confinada e adentrava as esferas públicas, freqüentando cafés, teatros, cinemas, empregando-se em atividades antes vedadas à sua participação e obtendo maior instrução. Com efeito, a entrada da mulher no ambiente público figurava como uma ameaça ao poder masculino exercido até então ao representar o

²⁰⁰ Cavalcante, Rodolfo Coelho. **ABC dos namorados** (cordel), 1959.

²⁰¹ Folha do Norte, 27/01/1934, n° 1280, p. 03.

abandono do lar que resultaria na falência da instituição familiar, bem como ao caracterizar a perda da autoridade do homem sobre a mulher, constituindo-se numa evidência do nivelamento social e sexual operado pela modernidade. Essa mulher urbana foi construída à imagem e semelhança da sociedade que lhe servia de suporte identificatório, assim, seria igualmente artificial, cosmopolita, consumista, moderna e civilizada.

Madimoselle Futilidade
 Ei-la que passa
 Toda modernismo e toda graça,
 Na divinisação da silhueta fina
 Da mulher século XX...
 E'la é bonita, ela é todo um requinte
 Na arte divina do 'maquillage'.
 Corpo fino e flexível,
 Ela tem um que de indefinível
 Que excita os nervos da gente.
 Tem as unhas e os lábios encarnados
 E grandes supercílios
 Geometricamente desenhados.
 E é fútil.
 Faz o 'footing'
 Adora os tipos de atletas
 Sonha com um 'bangalow' uma barata
 E com um príncipe encantado
 Que é um artista de cinema.
 Anda só, bebe chops, fuma,
 Não usa meias.
 E tem a coragem das atitudes escandalosas.
 É em suma,
 Uma mulher moderna.

 Alencar Filho
 Feira, 28 de Setembro de 1933²⁰²

O texto de Alencar não deixa dúvidas sobre a imagem da mulher moderna que, influenciadas pelo cinema e por catálogos e revistas, apresentou ao mundo um padrão estético diferenciado do tradicional que se corporificou na melindrosa ou na Vamp²⁰³ e na artificialidade proporcionada pela maquiagem²⁰⁴.

Essa nova identidade feminina que inaugurava uma genuína experiência do ser feminino sob o crivo de uma estética citadina, referenciadas pela moda parisiense, era vista como uma ameaça ao jogo simbólico da representação que sustentava a desigualdade entre homens e mulheres inseridos na cultura patriarcal. A mudança no corte de cabelos, por

²⁰² Folha da Feira, 09/10/1933, nº 262, p. 04.

²⁰³ C.f. FONSECA p. 159.

²⁰⁴ SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

exemplo, apresentado pelas mulheres modernas, assim como a adoção das calças, ao exibir a artificialidade da imagem feminina, ameaçava a ordem natural da divisão sexual.

Os cabellos curtos ... A senhorita 'a lá garçoné' foi tomada por um rapaz – um escândalo na rua do Ouvidor.

Narra O Imparcial, do Rio. A pilheria estorou como uma bomba:

-É Homem! – gritou alguém. E logo em torno da senhorita dos cabellos 'a la garçoné' exaggeradamente curtos, foi se juntando enorme multidão de curiosos.

A moça nem olhava para os lados. Cabisbaixa, apressava quanto podia o caminhar, fugindo, assim, ao escândalo.

Tornara-se coro, entretanto, a pilheria:

- É homem! É homem! Que pouca vergonha!

(...) Atraz, era a multidão a vociferar contra aquelle exaggero da moda, massa de povo essa que se avolumava assustadoramente.²⁰⁵

Essa mulher encontrou nos cabelos curtos *à la garçoné* um de seus maiores signos distintivos da antiga matrona dos tempos coloniais. Aos olhos dos representantes da tradição patriarcal, masculinizava-se, sendo uma figura simbólica da desorientação causada pela modernidade que parecia diminuir as distâncias entre o mundo masculino e o feminino. Caberia, portanto, ao discurso tradicionalista afirmar que a igualdade entre os sexos provocaria a desvalorização da mulher, assim como incorreria numa ofensa à natureza feminina.

A mulher moderna

Em outros tempos – diz Lê Mais, de Paris – quando a permissão para visitar uma moça em sua casa, na presença dos pais, era uma coisa rara, os homens achavam, estranhamente misteriosa a mulher. Mas, para o rapaz de hoje, que vê mulheres por toda parte, que as trata como camaradas desde a escola, a coisa é muito differente. A sociedade feminina é, agora, um prato por demais continuado para que o rapaz o busque com o empenho por que, antes, o procurava.

Outras das causas que tornam a moça moderna menos attractiva do que a de outros tempos consiste em que a de hoje tem prazer em representar o papel da mulher sceptica, de coração endurecido e indifferente. Desdenha o sentimentalismo e ri de todas as virtudes antiquadas; troça da modéstia, da suavidade e da doçura, do carinho da família e da economia.

Esse papel é sempre repulsivo para os homens, porque o mais endurecido, o mais sceptico delles sempre sonha com uma mulher toda brandura e bondade.

E, de tudo isto, resulta que as mulheres de hoje, com melhores qualidades, com mais elevado preparo, com uma apparencia muito mais attractiva do que as de suas avós, têm menos pretendentes do que ellas e acham muito mais difficil caçar um marido.²⁰⁶

Outro exemplo de um discurso tradicionalista segue abaixo:

A arte de agradar

Parecendo que não, a arte de agradar é uma das mais difficeis, das mais complexas de todas as artes. Não sei se as senhoras, se as meninas solteiras, já pensaram nisso... A mulher pode ser muito bonita e no entanto não saber agradar. O facto explica-se a belleza, os encantos physicos pouco influem sobre os homens - principalmente sobre os homens da 'elite' – quando à mulher faltam uns gestos, umas maneiras especialmente, caracteristicamente femininas e encantadoras²⁰⁷.

²⁰⁵ Folha do Norte, 03/03/1926. n°867. pp.04

²⁰⁶ Folha do Norte, 27/01/1934, n° 1280, p. 03.

²⁰⁷ Folha do Norte, 05/08/1933, n° 1256, p. 04.

Numa sociedade em transformação, na qual os corpos das mulheres passaram a reproduzir formatos masculinos, a imagem do feminino causava estranheza àqueles que no cotidiano a reconhecia pelas longas madeixas. Para o discurso tradicionalista, a mulher parecia se masculinizar, intentando assumir o lugar antes ocupado pelos homens, o lugar do poder. Em contrapartida, o processo civilizador em curso no país desde fins do século XIX construía uma forma de sociabilidade urbana que substituía formas rústicas de expressão por uma conduta mais comedida e artificializada, modificando a aparência masculina.

De acordo com estes relatos, a confusão entre os sexos era recorrente uma vez que mulheres passaram a assumir feições masculinas com a adoção de calças e de cortes de cabelos como *à lá garçonne*, enquanto homens portavam-se de modo delicado e raspavam suas barbas. Como se sabe, a postura rígida e a barba – muitas vezes densa – eram símbolos de masculinidade nas sociedades patriarcais.

Entre estas cores com que o homem-pastor se apresentava, delineava-se o patriarca. Definia-se, através da chefia desenganada da farta prole, muita vez, ultrapassando de uma centena o número dos seus componentes, pelo prestígio moral, que acumulava com a sua vida austera e arrogante, dominadora, retratada na ampla barba sobre o peito.²⁰⁸

(...)para os homens os plastrons, os colarinhos em pé, as gravatas estreitas também, croasês, casacas, as barbas bem cuidadas, os bigodes longos e afilados, torcidos e retorcidos ou aparados. Tudo desfila orgulhosamente, vigorosamente aos olhos, que, nestes, álbuns, lêem o perfil sereno e arrogante da velha gente desaparecida e de netos e bisnetos a lhe aguardarem o nome, os traços e até as minúncias de caráter.²⁰⁹

Netos e bisnetos contrariavam os ensinamentos masculinos de seus antepassados, raspavam a barba e davam vida ao almofadinha da cidade, construindo uma estética masculina que se aproximava do perfil feminino, ao utilizar a artificialidade promovida pelas vestimentas e acessórios e por um comportamento que se distanciava da rudez dos antigos patriarcas. O refinamento da vida moderna, observado nos habitantes da cidade, que levaria a uma delicadeza de falas, gestos e atitudes, era mais um indício do processo de feminização social que provocaria a desvirilização dos homens.

Nesse universo em transformação, o bacharel substituirá o coronel na administração pública e inaugurará um período no qual o velho patriarca dependeria de seus genros e filhos que, contaminados pelos novos ideais de sociedade, conduziram sua ação política pautados sobre outras referências de poder. “Na nossa zona, o eclipse do prestígio da fazenda, prestígio social e político, se origina do urbanismo, mormente após a primeira guerra mundial, do impulso comercial da cidade, quando a político sertanejo se firma decisivamente no desenvolvimento do eleitorado urbano”. Os homens do pastoreio passam a assistentes do

²⁰⁸ C.f. ALVES. Op. Cit. p. 208.

²⁰⁹ Idem Ibid. p. 146-147.

espetáculo da cidade. “É a vez da rua. O doutor chega com vontade. Declina-se a gerontocracia. Encostam-se os velhos e vão os genros e seu mando”²¹⁰.

Conselhos a certos conselhos

Exma redacção

Deus nos guarde [...]

Muitos conselhos municipaes não são bem constituídos. Compõem muitos delles somente de homens formados, negociantes ricos, grandes intellectuaes.

Alguns compõem-se de môços bonitos e outros nem se quer contam um só lavrador.

Concelheiros há tão bonitinhos que só lhes falta serem carregados pelas moças, em maria-cadeira.

Esses homens distrahidos pelas moças – automóveis – marinetes – avenidas – cynemas – bars – foot-balls – sociedade de tiros – e philarmonicas – vitrolas e recepções etc. – facilmente se fatigam e se desviam.

Com os velhos lavradores, tabaréus, não succede assim.

Retraídos, acanhados, por natureza, eles só vão ali pelo império das circunstancias e o cumprimento do seu mandato.

Pedro de Araújo.²¹¹

A cidade passou a ser representada pelo bem falante, fosse comerciante ou doutor²¹². O bacharel, o intelectual, o comerciante, os tipos masculinos urbanos eram vistos como homens fúteis, preocupados somente com o requinte, a beleza e o artifício da vida urbana. As cidades litorâneas seriam as responsáveis pelo aparecimento desses homens moles. Para Eurico Alves, o açúcar era a representação das cidades litorâneas, sobre tudo da cidade da Bahia, por isso responsável pela formação desse homem moderno, assim sendo é o “Seu açúcar que formava gente suave e macia como as mulheres”.²¹³ Conforme se vê, aos representantes da “Aristocracia dos currais”, o homem não deveria dar vazão aos apelos da modernidade visto que se afastariam de sua suposta essência masculina.

Porque viver não é somente balouçar-se na rede ou vestir roupas finas e bebericar vinhos de algum cru afamado, lambuzar a boca do mel das palavras bonitas, de retórica repolhuda. Viver é sentir também a magnífica alegria dos músculos que se percebem aptos, conjugando-a á força criadora do pensamento que dirige. Viver é trabalhar. É tirar do nada oculto no chão a economia e fazê-la crescer continuamente. Viver é tanger boiadas, que alicerçam a riqueza de uma região, de uma coletividade²¹⁴.

O discurso tradicionalista denunciava aquilo que seria a desvirilização dos homens modernos que esqueceram os trabalhos na roça para se dedicarem à vida citadina, negando os símbolos de virilidade que vieram sendo cultivados pelos homens da família por gerações. As invenções tecnológicas e artifícios modernos suplantavam os antigos símbolos da masculinidade.

²¹⁰ Idem. Ibid. p. 412.

²¹¹ Folha do Norte, 30/06/1928, n° 989, p. 04.

²¹² ALVES. Op. Cit. p. 400.

²¹³ O açúcar usado como figurativo de litoral, portanto de cidade e do seu processo modernizador, que teria como resultado a desvirilização dos homens. Ver: Id. Ibid.p, 363.

²¹⁴ Id. Ibid. p. 230-231.

A força física e a musculatura deixam de ser um referente importante para a composição do masculino, dando lugar à demonstrações de inteligência e habilidade com os aparatos modernos como elementos constitutivos da modernidade. “O carro-de-boi deixa o caminho aos fordecos de bigode, ou a um escandaloso e barulhento Mercedes, que, na segunda década do século, agitava as ruas da minha cidade”.²¹⁵ As mudanças muitas vezes não foram recebidas de maneira paciente. É comum encontrarmos manifestações que demonstram a postura de não aceitação de um novo modelo de urbis que esta sendo gerado. Por exemplo: ao receber a notícia que o carro de boi vai ser excomungado pelas intendências, proibindo-lhes a entrada nas cidades, um cidadão feirense conclama que “Nós, velhos lavradores devemos protestar” [contra tal ação sobre] “velho veiculo, carro de boi, bisavô, avô e pai, de todos os outros, que o progresso esta nos trazendo, pelos quais está querendo amaldiçoá-lo, quando isto não passa de cruel ingratidão”. Podemos encontrar registros que demonstram a relação do homem como o carro de boi:

O CARRO DE BOI
 [...] Teiró ao carro de Boi
 É ser injusto e cruel
 Dos vehiculos sempre foi
 O mais constante e fiel.
 Não requerer estradas planas
 Nem também nivelamento
 Nem vias palacianas
 Forradinhas de cimento
 Não bufa em cima da gente
 Com os outros soberanos
 Cem o seu chaufferur inclemente
 Que nos causam tantos damnos.
 Ainda sem ó holophote
 Sem sirene, sem buzinas
 Sem fedor, sem piparote
 Sem susto para as meninas²¹⁶.

Ao operar o progressivo distanciamento do homem com natureza, consubstanciado na presença do automóvel em substituição da condução à cavalo, ou ao carro de boi, a modernidade construía novos elementos de manifestação da masculinidade que situavam o homem patriarcal numa condição de inferioridade. Por isso mesmo, o automóvel também havia se tornado um elemento que anunciava o triunfo da ordem feminina, devendo ser depreciado.

Percebendo a cidade enquanto um lócus da experiência do novo modelo societário e, portanto, como polo irradiador do processo de nivelamento social que estava levando a sociedade a feminizar-se, acarretando na perda da virilidade pelos homens, o discurso

²¹⁵ Id. Ibid. p. 412.

²¹⁶ Folha do Norte, 21/07/1928, nº 992, p. 03

tradicionalista atribuía à vida urbana a responsabilidade pelos males observados na sociedade em geral, reclamando o retorno a uma sociedade pura, afastada do artificialismo da vida burguesa.

[...] Não faltará quem applauda
declamações ao progresso
todo elle, porém, na cauda,
de desgraças está pcesso
quanto mais progressso houver
mais desgraça nos tará
quem paciencia tiver
leia os jornaes e verá.
Telegraphos, telephones
Automóveis, aviões
Para muitos são cyclones
Para outros são fruições[...]²¹⁷

A cidade com seus bacharéis e seus almofadinhas trariam mais um duro golpe aos antigos valores definidos pela sociedade patriarcal quando permitiu que o Estado estabelecesse o monopólio do uso da força e da aplicação da justiça social, antes considerados símbolos do poder masculino e senhorial. A proibição do porte de armas em perímetro urbano visava garantir o reforço das instituições republicanas como o lugar do exercício legítimo da aplicação da justiça social.

Art. 155º - Todo aquelle que andar armado, dentro da cidade, e das povoações do município, sem o devido registro da Polícia, salvo os que trouxerem armas próprias de suas profissões, incorrerá na multa de 10\$000, com apreensão da arma, que será remetida à autoridade policial competente²¹⁸.

O código legal servia para enquadrar os indivíduos a um comportamento masculino aceitável, mediado pelo ideal de masculinidade definida pela sociedade para uma dada época e espaço, e assim como a modernidade instituiu uma sociedade baseada no autocontrole e na disciplinarização das emoções, caberia aos homens resolver suas contendas sem lançarem mão do recurso à violência física. A imposição desse novo padrão de justiça confrontava com o modelo patriarcal que tinha no chefe familiar a representação da lei e da ordem.

No tronco do socavão ou do armazém, vigorando como calabouço, encarnava-se a sua própria Justiça, que neste madeiro executava independentemente. Até para a família a Justiça vinha do senhor rural, todo-poderoso, do patriarca, imerso totalmente no regime patriarcal dominante. Bastante forte a casa para resistir e neutralizar a qualquer investida incauta e de improviso. Viveram os fazendeiros sem o comércio de carnes da Cidade orgulhosa.²¹⁹

²¹⁷ Id. Ibid.

²¹⁸ Código de Posturas do Município de Feira de Santana. Decreto-Lei Nº 1 de 29 de Dezembro de 1937. Prefeito: Theódulo de Carvalho. Capítulo V: dos Jogos e Armas Proibidas. Acervo do Arquivo Público Municipal de Feira de Santana.

²¹⁹ C.f. ALVES. Op. Cit. p. 343.

Segundo Nobeit Elias, o recurso a violência, pura e simples, é mais ou menos excluído, pois os veículos de competição travados através da hostilidade e agressividade começam a ceder lugar para práticas mais refinadas que procuravam demarcar diferenças e tornar as disputas pelo poder mais sutis.²²⁰ Deste modo, a resolução de questões pautadas na ação pessoal passava a ser criticada e condenada pelo novo regime. Na República, os homens não deveriam brigar, antes, primeiramente, caberia dialogar. Esse novo padrão de justiça parecia um desatino para aqueles homens acostumados a resolver suas questões no calor dos acontecimentos. Esperar meses para obter o resultado de uma contenda supunha ferir a honra dos “senhores da terra” que não estavam habituados a precisar da interferência de outrem para intermediar suas decisões: as compensações legais aplicadas meses depois de um litígio dificilmente recuperariam a honra do ofendido que precisava dar uma resposta imediata de sua masculinidade.

Homicídio quase sempre era manifestação da hipertrofia do sentimento de honra e de dignidade. Somente o sangue podia lavar certo tipo de afronta. E nenhuma fazenda acolhi, no seu natural esconderijo à sanha da política, criminoso por furto, roubo, violência sexual. Somente homicídio, desde quando com visos de legítima defesa, merecia amparo do solar.²²¹

Essa justiça não lava a honra do ofendido, cabendo a ele próprio contrapor-se a essa definição e às instituições que a compõem para defender seu status masculino, defender seu lugar social de poder.

Tamanha é a dor da injustiça que, muitas vezes, a aparatosa Justiça espalha nos sertões (e ainda espalha infelizmente o miasma da revolta), tamanha esta revolta dos matutos contra as injustiças das cidades, que chegam a endeusar, a santificar e canonizar laicamente os que morrem em lutas contra soldados da cidade, Justiça e Governos nefastos, socialmente amaldiçoados²²².

A feminina cidade civilizada comandada por seus bacharéis pouco viris desconhecia o código de honra patriarcal que implicava, dentre outros valores, na omissão da ofensa sofrida a partir da instituição da vingança pelo ofendido a fim de assegurar sua honra e defendendo sua posição de macho. Os modernos conceitos de justiça, com suas instituições e sua lentidão burocrática, se constituíam numa afronta à honra masculina, visto que agrava a humilhação do ofendido.

Aqui, matou Fulano, foi ferido ali Beltrano, mais além, a tocaia do Cel. Sirano e, noutro ponto, a investida contra Fuão. Não horripila esta seqüência de sombras de tragédias. Não foi o sertão que as criou. Nasceram da injustiça, de crimes anteriores vindos da cidade. Tudo isto não é, senão, sinal de vitalidade, de revolta, ante um crime maior da cidade dita civilizada²²³. (p. 365)

²²⁰ C.f. ELIAS.Op. Cit. 1990.

²²¹ C.f. ALVES. Op. Cit. p. 382.

²²² Id. Ibid. p. 378.

²²³ Id. Ibid. p. 365.

Ante a percepção de ataque aos meios de sociabilidades e a constatação da perda da força social e política para os comerciantes, os velhos fazendeiros criadores se lançavam ao ataque contra o sustentáculo máximo do poder masculino: a virilidade dos homens modernos, os homens da cidade.

Com efeito, a cidade deveria ainda ser vista sob a égide do comportamento masculino. A cidade não é moça, mas homem. As palavras de Eurico Alves Boaventura, no poema “Minha Terra”, pode reforçar o que, por hora, está sendo apresentado:

Minha Terra²²⁴

À morena de Caio de Freitas

Minha terra não é a morena de Caio de Freitas, a morena que só anda a sambar/ a sambar...

Minha terra é um garoto mulato que talvez vá se casar com a morena de Caio. Por ora, só faz trepar em arvoredos com calças listradas.

É um menino medroso que não anda de noite, por causa das almas que penam na mata.(...)

Minha terra não é moça, minha terra é menino, que atira badogue, que mata mocó, que arma arapuca e sabe aboiar e nada nos rios em tempos de cheia e come umbu quente e não apanha malina.

Minha terra não é moça, não veste vestido de renda, não tem argola na orelha./

Minha terra é menino, é um vaqueirinho vestido de couro.(...)

Minha terra não é a morena de Caio de Freitas.

Minha terra é menino, que planta feijão e fuma cachimbo e toma torrado e bebe cachaça e masca fumo de Inhambupe.

O menino já anda com faca na cinta.

Tem boa pistola, porque tange comboio.

Minha terra não é moça.

Minha terra é menino [grifo nosso]

Os versos do poema de Boaventura ilustram a disputa entre a imagem da cidade de Feira de Santana no início do século XX e sua percepção no imaginário social baiano. O tom imperativo com que Boaventura falava a Caio de Freitas, poeta colaborador da Revista Arco e Flecha da capital baiana, demonstra a veemência em instituir a representação masculina na “Princesa do Sertão”, a sua terra. Com efeito, não é preciso observar muito para ver que não será qualquer figura masculina: seu homem, seu menino, é um vaqueiro. Por conseguinte, Boaventura torna visível certa experiência do ser masculino na cidade de Feira de Santana, elegendo tal vivência como símbolo máximo de sua terra.

Estes homens que compõem a caixa de ressonância da “aristocracia dos currais” colocam em xeque a masculinidade daqueles que anunciam os ventos da modernidade a partir da elaboração de um discurso moralizador da sociedade, procurando reforçar códigos sociais que estariam ameaçados pela nova ordem. Conseqüentemente, em resposta ao processo de desvirilização do homem, os agentes identificados com a ordem patriarcal promoveram a exaltação dos símbolos constitutivos de sua masculinidade, perfilando o homem sertanejo feirense como indivíduo dedicado às corridas de salto de argola, às vaquejadas, à

²²⁴ Arco e Flecha, Salvador, 2/3: 17-18, dezembro de 1928, janeiro de 1929.

indumentária do couro, à feira livre e a uma série de outros componentes que estruturam uma forma de vida padronizada diferencialmente do estilo de vida citadino.

3.2. O homem do pastoreio: em defesa da masculinidade.

Operando uma profunda transformação na sociedade brasileira, a modernidade afetou não somente o lugar social que estes homens ocupavam pela reorganização das representações de homens e mulheres, mas também pela reformulação de todo o sistema social. As mudanças percebidas por esses agentes eram descritas como frutos de um processo de feminização da sociedade, onde o feminino, enquanto uma figura de gênero, era usada para caracterizar a crise econômica, política e social vivenciadas pelos antigos patriarcas. A resposta dada por essa elite nordestina ao avanço da modernidade se caracterizou na composição de um tipo humano que serviu, por um lado, para inscrever as marcas dos elementos simbólicos da antiga ordem no mapa da cultura nacional e, por outro, como uma figura que tinha a pretensão de resgatar os valores que estavam sendo solapados. Numa sociedade que estava parecia feminizar, este sujeito deveria servir como guardião dos valores tradicionais e da masculinidade, alicerce da virilidade e do poder masculino.

Assim, contrapondo-se aos avanços da modernização e ao processo de “horizontalização” operadas pelo regime republicano e pelo projeto civilizador, a “aristocracia dos currais” fará emergir, a partir de fins dos anos 30 do século XX, figuras como o vaqueiro e o senhor da casa-de-fazenda como símbolos máximos de sua terra. Tais sujeitos, além de apresentarem características particulares, possuíam determinados pontos em comum, como pertencerem ao campo e serem indiferentes ao mundo moderno ou até reativos ao processo de transformações que, desde o século XIX, estava implantando uma sociedade urbano-industrial. Por isso, estes foram definidos como um tipo masculino padrão, sendo constituído como receptáculos dos elementos viris definidos pela ordem patriarcal, opondo-se diretamente ao processo de feminização sociais observados na cidade. Tais identidades figuram enquanto mecanismos simbólicos de disputa que objetivava restituir a hegemonia da identidade masculina tradicional aos agentes identificados com o ideal societário patriarcal, com as quais estes sujeitos tentavam restabelecer seus antigos privilégios de gênero, a partir da afirmação da sua dominação, sua força, sua autoridade e seu poder na sociedade.

Foi nesse contexto que sujeitos ligados aos valores tradicionais, gestaram o homem do pastoreio que, ora sob a forma do vaqueiro, ora sob a pele do senhor da casa-da-fazenda, é

construído como um homem centrado na vida familiar, um homem apegado à terra, mas também, inculto, supersticioso, hospitaleiro e honesto.

Antepondo-se à vida citadina o homem do pastoreio é o habitante do sertão, das terras afastadas do litoral e das cidades, da mistura racial, do nivelamento social, do artificialismo, do mundanismo. Foi ele o responsável pela colonização das terras do interior com o emprego da sua força e do seu destemor. Resultado da obra de conquista do interior, o homem do pastoreio foi composto como uma síntese da raça branca e indígena, ele conservaria em seu sangue e em sua história os elementos formadores da brasilidade.

Cercado todo de índias e índios, que se amansavam e auxiliavam o trabalho e ajudavam sobretudo a povoar a terra. (...) E seriam elementos despojados [futuramente desprovidos] de mazelas, porque a sociedade, por mais incrível que pareça, é que costura a coberta-de-tacos das neuroses, dos defeitos ditos sociais, que estes mamelucos desdenhavam, desconheciam. A sociedade civilizada cria semelhantes desajustamentos, que se ignoravam nos matos até por muito tempo. E, quando a fazenda, o solar pastoril cria a sociedade sertaneja, já era limpo o sangue aqui existente. E os remotos procriadores do sertão não seriam homens defeituosos e nem os ventres das mulheres tabaroas seriam infectados da decadência social da península, antes, sim, seriam eles produtos de mulheres tabaroas, de índias e mamelucos sem mácula [marca de sujeira].²²⁵

No período histórico no qual a mestiçagem se constituía em uma questão nacional para as autoridades e a intelectualidade na transição entre o Século XIX e o XX, uma vez que a abolição e a inclusão do negro à sociedade trazia uma nova dinâmica à tentativa de definição de um tipo étnico brasileiro, a elite intelectual apresentava a impossibilidade da igualdade entre negros e brancos a partir de um discurso científico marcado pela influência do darwinismo social e da eugenia²²⁶. Numa sociedade recém saída de um regime escravista, não seria tão estranho que a intelectualidade responsabilizasse a população de cor pelo ‘atraso’ da nação, promovendo a sustentação da secular discriminação racial.

Nesse sentido, a grande operação realizada pelo discurso tradicionalista foi a de definir a mestiçagem do homem do pastoreio como fruto do cruzamento entre o índio e o branco, colocando-o como uma espécie melhorada dessas duas raças, “foi o reduto pastoril modelador das nossas etnias mais puras. E isto basta para valorizar a sua existência. Incumbiu-se a gente do pastoreio de constriuir uma expressa civilização no isolamento atordoante do sertão. E conseguiu firmar a base da nossa nacionalidade e o seu mundo”²²⁷. É assim que o discurso tradicionalista procurou excluir quaisquer contribuições do elemento negro na formação do homem pastoreio, garantido a este último uma superioridade que o exime de qualquer tipo de

²²⁵ C.f. ALVES. Op. Cit. p. 195-196.

²²⁶ Sobre a influência do eugenismo no pensamento social brasileiro no início do século XX e sua aliança com o projeto civilizador ver: REIS, José R. F. **Higiene mental e eugenia: o projeto de "regeneração nacional" da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-1930)**. Dissertação de mestrado, São Paulo, IFCH/Unicamp, 1994

²²⁷ Id. Ibid. p. 345.

atraso social. O que, por outro lado, aponta pra o fato de uma certa consonância do discurso dos tradicionalista com as teorias raciais do período: assim sendo, fala dos tradicionalistas não procurava descredibilizar a retórica daqueles que atribuíam à penetração do elemento negro no campo a culpa pelo suposto atraso social que essa sociedade apresentava, mas “livrava-se” dos negros como elemento formador, aproximando-se sempre de um ideal branco.

Verifica-se um fato interessante, penetrando-se o sertão, a catinga em qualquer direção. É que em vários tipos se apresentam carregando caracteres em regressão ao tipo primitivo do branco. Olhos azuis, pele de branco finíssimo, nariz adunco e fino, lábios também delgados, cabelos soltos e esvoaçantes e não raro os casos de barba, bigode, cabelos alourados, são características topadas a todo instante em catingueiros. Mulheres alvas de linhas delicadas é coisa comuníssima nas fontes, nas feiras neste meio mundo de DEUS escondido na catinga. (...) Daí a evidente conclusão de que o negro veio aqui fracamente²²⁸.

Livrando o homem do pastoreio dos “males” que uma afrodescendência poderia lhe imprimir e subordinando a figura do índio ao branco, já que “o branco, o sertanista ou sertanejo limpou a barriga das índias com o filho claro e louro”²²⁹ o discurso tradicionalista – muito influenciado pelos fundamentos do eugenismo – operou uma equação na qual a junção dos elementos raciais revelaria à Nação a sua face verdadeira.

Desapareceu o negro. Dominou o índio. Delineou-se desta vitória sanguínea do nativo a figura bronzeada do vaqueiro, cujas linhas denunciam a força deste elemento. Era o sertanejo, o vaqueiro, o brasileiro autêntico, na afirmação de Gilberto Amado.²³⁰

(...) Foi fraco, entretanto, percebe-se, no sertão, o curso do sangue negro. Porque o pastoreio cuidaram o índio domesticado, o mestiço, filho do homem branco com a índia, abroquelados no bravio dos sertões distantes e ermos, exilados do mundo agitado, distanciados da censura, pelos longos parênteses afoqueados dos horizontes vazios e silenciosos. Formou-se, então, o boiadeiro, ágil vaqueiro²³¹.

Além desse elemento, o homem do pastoreio é composto como o trabalhador nacional, o homem que se fosse preparado tecnologicamente, serviria para construir a nação com a força de seu braço, com o suor do seu trabalho. A vida no campo, que necessita do trabalho constante, tornaria esse homem um ser de pura força e energia. “Não nasceu no pastoreio o vadio. Realmente o curral solicita pouca assistência, à primeira vista. Direi melhor, que recruta trabalho, às vezes, lento e paciente, mas que toma todos os dias ao vaqueiro.”²³² Sua dedicação ao trabalho era tão intensa, fizera-o incansável. “O homem do sertão não gostava de amolentar-se na preguiça. Repousava para trabalhar mais.”²³³ “Fê-lo resoluto e destemido o hábito de esperar o boi com a vara-de-ferrão.”²³⁴

²²⁸ Id. Ibid. 86.

²²⁹ Id. Ibid. p. 273.

²³⁰ Id. Ibid. p. 88.

²³¹ Id. Ibid. p. 76.

²³² Id. Ibid. p. 176.

²³³ Id. Ibid. p. 118.

²³⁴ Id. Ibid. p. 175.

Amparando-se no pensamento biogeográfico no qual a natureza seria capaz de transformar fortalecer ou degradar a fisiologia e os traços psicológicos do indivíduo²³⁵, o discurso tradicionalista colocou o meio como definidor de uma personalidade e de um genótipo que qualificaria o homem do pastoreio como um ser bruto de músculos vibráteis.

Basta conhecer-se a catinga para se compreender o vaqueiro. Os nervos, os músculos vibráteis do seu corpo se identificam com a galharia seca e retorcida do seu campo. (...) ‘Onde passa o boi, passa o vaqueiro com o seu cavalo’, repete-se. E é este o melhor resumo de uma definição do homem. É como se a bruta e áspera e agressiva e rude ramagem, espalhada como bazaros e exóticos polvos ressequidos de um mar extinto, se transmudasse, de repente, por encanto, na serenidade de um pasto batido²³⁶.

O homem do pastoreio fundia-se com a paisagem rústica e indomável, tornado-se ele mesmo um ser áspero, enrijecido e independente. Ao compor essa figura, o discurso tradicionalista restabelecia a virilidade perdida no processo de modernização pelos homens da Princesa do Sertão. Esse homem endurecido pela natureza contrapunha-se à molidez das figuras do homem moderno, como o amolfadinha.

Fez-se combativo, heril, vertical o homem do pastoreio com a faina da vida, que enrijece o físico e aprimora o moral. Alma telúrica a do sertanejo, que se fez através da alma da terra, que o traduz, que o explica. Completam-se ambos. (...) Cultiva-lhe a bravura e a coragem e exalta-lhe o sentimento de independência, fazendo-o a voz do curral. Captou-lhe o apoio, assegurando-lhe a vida do sexo e valorizando-lhe a virilidade pela orgulhosa ousadia da vaquejada. (...) E assim se fez o homem do pastoreio: solitário, altivo, independente²³⁷.

Medido de acordo com a conduta, a virilidade situa locais simbólicos de exercício de poder dentro do próprio universo masculino²³⁸. Conseqüentemente, toda forma de sexualidade que se distingue de um dado padrão de masculino é desvalorizada. E mesmo a situação, a posição do indivíduo na sociedade é definida por este elemento.

Os outros, os que se distinguem por uma razão ou outra, por causa de sua aparência ou de seus gostos sexuais “pelos” homens, representam uma forma de insubmissão ao gênero, à opinião de sexo, e são simbolicamente excluídos do grupo dos homens por pertencer aos “outros”, o grupo dos dominados/as, formado pelas mulheres, pelas crianças e por todas as pessoas que não os homens “normais”.²³⁹

Naturalmente viril, porque o meio assim o quis, o homem do pastoreio demonstrou a força de sua sexualidade desde o momento inicial da colonização do sertão. A penetração do território se confundia mesmo com a penetração de seu membro viril no corpo das índias

²³⁵ Sobre o discurso biogeográfico e sua influência na constituição de tipos humanos nos anos iniciais da República, ver: Cf. ALBUQUERQUE JUNIOR. Op. Cit. p. 179.

²³⁶ Cf. ALVES. Op. Cit. p. 260-261.

²³⁷ Id. Ibid. p.180-181

²³⁸ C.f. ALBUQUERQUE JR. Op. Cit. p. 180.

²³⁹ WELZER-LANG, Daniel. Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo. In.: SCHPUN, Mônica Raisa (org.). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo Editorial: Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004 p. 121

virgens, permitindo assim a construção do tipo brasileiro padrão, servindo como atestado histórico de sua inequívoca masculinidade.

Os pastores venceram o deserto que o bandeirante criou. Abraçaram as últimas sombras humanas que se esconderam dos predadores de índios. E brilhante foi o seu esforço pela lição sexual que deram, amando as mulheres nativas, eternizando-se no milagre maior dos seus ventres fecundos. Só isso é motivo de valor inigualável. Fizeram do sexo a primeira letra para a crônica do Brasil sertanejo²⁴⁰.

No discurso tradicionalista, que constrói o homem do pastoreio naturalmente agressivo, arreado e destemido, os agentes sociais vinculados aos ideais societários patriarcais teriam a possibilidade de revitalizar sua macheza, ao tempo em que seriam capazes de reerguer a ordem social da qual são descendentes. Assim, o discurso tradicionalista revivifica práticas e costumes que estavam sendo esvoaçados pelo bochorno da cidade feminilizante, como “a festa viril da vaquejada”²⁴¹ que tornava o homem hábil na montaria. “(...) O vaqueiro é mais vida. Mais força. Prático. Seco e seguro. (...) Porque a nossa vaquejada é um bruto desafio á vida ou uma arrancada arreliando a morte, de que se sorri, sem nela se pensar.”²⁴² A vaquejada se constituía como uma verdadeira escola masculina que, oposta à lassidão do homem moderno, educava os homens a postura do destemor diante da morte, constituindo-se com um dos elementos formadores da masculinidade do homem do pastoreio.

Inquestionavelmente, vai muito de viril numa galopada, rédeas soltas, deitado na sela, cabeça encostada na tábua do pescoço do cavalo, dentro no campo que se alarga estupefato à passagem alucinada do centauro aboiado, e aqui cabe realmente a imagem – o centauro pastoril – levantando a malta escura da poeira imensa e que o ovaciona no gesto alegre de saudação, que se desfaz no ar.²⁴³

Nesse discurso a natureza e o homem encontram a justa integração, explicitada na imagem do centauro pastoril. Os animais serviriam também como um definidor do prestígio social que este ser masculino ocuparia na sociedade. A destreza apresentada pelo homem do pastoreio na condução do cavalo representa a submissão da natureza à autoridade do homem, que seria capaz de subjugar o animal à sua autoridade.

Saber domar corcel terrível, vencê-lo, podia ser tido como característica sexual secundária. E faria as vezes de uma frase violenta para a conquista do coração feminino. (...) Era, inquestionavelmente, um elogio ao rapaz saber cavalgar, o ter boa montaria. (...) A cavallhada, nas vilas, nas cidades do sertão, era o desempenho total do rapaz ante a eleita. Torneio cavalheiresco dos fidalgos pastoris nas asperezas da caatinga”. (p. 253-254)

Na cidade, o homem havia criado o artifício do automóvel para mostrar sua autoridade sobre o meio natural, já o homem do pastoreio controlava diretamente a terra e os animais ao

²⁴⁰ C.f. ALVES. Op. Cit. p. 141.

²⁴¹ Id. Ibid. p. 27.

²⁴² Id. Ibid. p. 259.

²⁴³ Id. Ibid. p. 229.

seu redor, assumindo deles alguns traços que conformariam sua personalidade, mas, também, dominando sua natureza, controlando suas ações, emprestando-lhes seus atributos, numa demonstração de força, coragem e macheza.

O cavalo do nosso vaqueiro é como ele mesmo: bruto, rude, simples. Dominador, sobretudo. (...) E o boi da preocupação do nosso vaqueiro prefina uma página da sua psicologia. Define o tipo do homem. É a força, e é a coragem, é a intrepidez que o boi representa. Não cuida, o catingueiro, de conquistar a mulher, a esposa, pela elegância do cavalgar e sim pela demonstração da sua força, subjugando o bruto, oferecendo-lhe a presunção segura de uma defesa sempre alerta e eficaz. (p. 260)

Deste modo, o discurso tradicionalista operava a naturalização da macheza do homem do pastoreio, que com a sua virilidade possuía a sua natureza quase que de modo sexual, fecundando-a com sua imagem. Esta por sua vez, emprestava-lhes suas características e tatuava com suas mãos femininas as insígnias que atestariam a sua machidão.

Mais vivo e mais belos do que os crachás da cidade as escoriações, os arranhões que as mãos femininas da catanga desenhavam na pele, no rosto, nas mãos dos vaqueiros. (...) Para ele a catanga se oferecia como mulher, somente lhe dando carícias. Conquistou-lhe o vaqueiro ou o sinhozinho-vaqueiro o amor e foi recompensado. (...) O prazer do moço era pular no lombo do cavalo que saísse do curral ou da cancela aos galões, a fim de provar que era turuna mesmo.²⁴⁴

A figura do homem do pastoreio produzida pelo discurso tradicionalista restituía a imagem do poder ao constituí-lo enquanto portador do falo, reassumindo sua condição de penetrador, germinador, produtor, sem o qual a terra continuaria virgem e despovoada. “Conta-se que o velho (...) Acreditando que a dimensão do membro do noivo seria fator para nascimento de vários rebentos, provocava banho no rio ou em tanque para perfunctório exame ocular do sexo do pretendente”.²⁴⁵ A propriedade do falo garantia ao homem do pastoreio o exercício do seu domínio²⁴⁶. Assim, desde cedo, os meninos do sertão aprendiam que podia penetrar em qualquer corpo, qualquer elemento.

(...) as experiências sexuais com as cabras, as mamotas, coisa comum entre a meninada do campo, que, muita vez, fez de uma tora de bananeira uma vagina fria, antes da circunspecção da mocidade. Ou mesmo de terra molhada na margem dos tanques ou de rio. E vinha cedo esta circunspecção masculina. Cedíssimo²⁴⁷.

A elaboração de um perfil para o homem do pastoreio pelo discurso tradicionalista coloca-o como centro da sexualidade masculina de uma determinada região. Seria este homem a expressão máxima do ser masculino uma vez que no mesmo instante em que ele é introduzido no mundo da sexualidade, vai aprendendo que um homem de verdade deve penetrar e, portanto, dominar, ser ativo, ser ação, não devendo recusar o convite a um

²⁴⁴ Id. Ibid. p. 252-253.

²⁴⁵ Id. Ibid. p. 218.

²⁴⁶ Sobre a imagem do falo como representação de poder ver: ALVES, José Eustáquio Diniz. **A linguagem e as representações da masculinidade**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2004. p 7 - 8.

²⁴⁷ Id. Ibid. p. 215-216.

encontro íntimo com alguém do sexo oposto, “era só virar um capão de mato, ou cair numa moita mais fechada e se teria propício leito para o amor com a índia nua e boa, (...) e a noite era o reino do sexo.”²⁴⁸ Conseqüentemente, a prática do sexo é o que confere ao menino a entrada no mundo dos homens adultos, visto que seria um atestado da posse do falo e da realização do ato da penetração.

Antes da puberdade, sonhava o menino com o momento de provar que era homem. (...) Na Feira de Santana, contávamos, quando fedelhos, com a célebre e decantada Rua do Bom e Barato (aliás, Beco do Bom e Barato), entre Rua Direita e a Rua da Aurora, povoada de cabrochas, cujo amor era o preço acessível a todo frangote, no interior dos seus tugúrios iluminados a fífós. Todo rapaz adolescente era uma reticência noturna presa àquelas betesgas a preço reduzido. (...) Descabava-se cedo o menino do pastoreio. A preocupação de quebrar o cabresto o mais cedo possível acompanhava-o sempre. No mato, tinha ele caminho rápido para o coito com a mulher. E era triste o fedelho não se sujeitar à prova do cordão pelo pescoço, receioso de passar aos olhos arrelhados dos companheiros mais afoitos como virgem, donzelão de uma figa. E era um dia a virgindade, a donzelice do menino aqui. (...) Cedíssimo. Pois, muito cedo também o moço já tomara ares de ponderado e sisudo cavaleiro²⁴⁹.

Na condição de portador do falo, portanto, do papel social do penetrador, do provedor, não caberia a este homem recusar-se a essa função; não caberia ao homem do pastoreio a imagem de ser penetrado, assumindo uma posição de passividade e submissão. Por isso mesmo, “aqui, o amor poderia confessar o próprio nome, sem aquela vergonha que se percebe do diálogo que WILDE travaria na sua definição afamada.”²⁵⁰

Esse discurso que funda o homem do pastoreio, representante dos ideais societários patriarcais, os papéis de gênero foram naturalizados a partir da conservação da divisão do dimorfismo sexual sobre o qual é construído um dimorfismo cultural que resgata a condição de dominador, ameaçada pela ordem social moderna e pela cidade. Por conseguinte, a imagem da mulher não sofreu alterações, cristalizando sua condição de inferioridade, que se traduzia numa postura de submissão, “a convivência de marido e mulher rodeava-se de absoluta circunspeção, não se admitindo o menor sinal de alegria na alcova. Nem o sopro leve de um riso, além de sua total entrega aos trabalhos domésticos no qual a mulher assumia a sua função de esposa, o seu destino sexual”²⁵¹. Ao homem, “qualquer ganho, qualquer jeito de vida dá-lhe impulso de casamento”²⁵². À mulher, o recolhimento no lar dos pais e, depois do casamento, em sua casa, cuidando de sua família.

E acentuou CARLOS MAUL, de relação ao recolhimento em que vivia a mulher fidalga de então, anotação que se pode aplicar ao nosso ambiente: “o recolhimento, entretanto, desenvolvia-lhe o gosto instintivo pelas artes domésticas em que ela se especializava, procurando galas agradáveis aos olhos, já que estes tinham o seu horizonte limitado às quatro paredes de um cubículo”.²⁵³

²⁴⁸ Id. Ibid. p. 217.

²⁴⁹ Id. Ibid. p. 187.

²⁵⁰ Id. Ibid. p.188.

²⁵¹ Id. Ibid. p. 324.

²⁵² Id. Ibid. p. 216.

²⁵³ Id. Ibid. p. 323.

Deste modo, na naturalização dos códigos de gênero realizada pelo discurso tradicionalista, a distância e diferença entre os sexos seria restabelecida e a dominação masculina reificada. Por isso mesmo, a masculinidade do homem do pastoreio foi constituída a partir de elementos que estavam sendo desprezados pelo novo regime social e que se constituía pela força, astúcia, destemor, valentia e firmeza de caráter e físico.

A mesma gente, na virilidade da vida sadia, no trabalho masculino de vencer a ganância do sol nas secas e matar a poeira de mosquitos que a sorte sopra sobre o desmesurado rio, como na tábida formação religiosa dos místicos ignorantes. E a mesma ressonância do desleixo dos governos. O mesmo perfil do homem, porém. Escute-se: “O homem encouraçado, habitador da catinga é um selecionado da natureza nessa luta ingrata contra os elementos, fibra de aço, temperado, batido a golpes de infortúnio.”²⁵⁴

Construído como um indivíduo capaz de suportar os flagelos de um ambiente hostil, inseguro, incerto, vazio e amedrontador, os tradicionalistas concebem o homem do pastoreio como o único e verdadeiro homem viril, aquele que ao colocar sua força, sua astúcia, sua resistência e sua vida na tarefa de dominar o sertão, realiza o acoplamento entre o agente e o *socius*, tornado-se ele mesmo um dos mais altos ideais sociais.

Na vila e na cidade, tempos depois, viviam varões de vida envolta no mais rígido respeito. Apontados a todos como padrões de uma cidade. Um seu apanágio a honra, a altivez, o orgulho. Às vezes, em exagero. O viril, a coragem da vaquejada criaram o trono aristocrático do fazendeiro, da gente que formou o fundo da tela em que se projeta e movimenta a gente nova de Feira de Santana. Apontava-se barbaridade excepcional de atitudes, vez ou outra. Baixeza, porém, estava longe de registrar-se.²⁵⁵

O homem do pastoreio produzido pelo discurso tradicionalista é a resposta a esse mundo em transformação, onde mulheres se masculinizam e homens se desvirilizam; a sociedade se moderniza e os valores e ideais patriarcais estão sendo colocados sob o rótulo da barbárie, como empecilhos ao desenvolvimento do Brasil. A criação da imagem do homem do pastoreio responde a um processo de reterritorialização²⁵⁶ no qual os agentes identificados com os ideais societários patriarcais procurariam resgatar seus espaços de poder a partir da composição de um elemento humano que operasse a integração da população em torno dos valores tradicionais referendando seus símbolos e suas tradições.

Assim, o discurso tradicionalista que funda o homem do pastoreio é fruto de uma identidade em crise que busca afirmar os valores e ideais de uma ordem social em extinção, por isso mesmo, tal discurso observa e percebe essas transformações e, muitas vezes,

²⁵⁴ Id. Ibid. p. 82.

²⁵⁵ Id. Ibid. p. 221.

²⁵⁶ Sobre o conceito de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, ver: DOS SANTOS, Célia Regina Batista. **Reorganização do espaço agrário e (des) territorialização das tradições tradicionais: o caso do projeto hidroagrícola platô de Nápoles (da utopia do Estado, à realidade dos produtores rurais)**. Dissertação (mestrado em geografia). UFS, Aracajú, 1996. p. 42 a 60.

demonstra a falência dos ideais societários que referencia: “Apagam-se e se renovam os dias. Passam, caem as duas primeiras decúrias iniciais do século. Começa a paisagem a chorar a desalução de alguns solares rurais, frente ao novo prestígio da vida urbana. Novo ritmo de vida marca o destino da região”²⁵⁷. Para esse discurso, a República e a estruturação de outras formas de exercício da economia, com o desenvolvimento do capitalismo, era a responsável pelo declínio da ordem patriarcal

Tem fatores remotos e próximos o declínio social da fazenda, de prestígio político do fazendeiro. Com a mutação que o país sofre com a implantação da República, não há dúvida, surgiu um elemento dissolvente da sua prosápia – a avidez do ganho rápido. Isto, na cidade. A roça só vai infestada deste mal depois de outubro de trinta. Até então, a fazenda respirava a saudade moral do regime deposto em 89.²⁵⁸

Apesar de sua luta pela manutenção da ordem patriarcal, o quadro social descrito por esse discurso observava o processo de modernização como um movimento findo, como uma operação que instituiu uma outra organização da sociedade, na qual o urbanismo e o industrialismo seriam seus valores máximos. Nesse estado de coisas “a vida encantadoramente feminina das cidades”²⁵⁹ promoveu a “substituição do criador pelo engordador comercialista”²⁶⁰, que “enfraquece a dieta do trabalho rural e antepõe ao brilho da vida social antiga casas de fazendas”²⁶¹. Nesse discurso, “a industrialização do boi, o comércio proveniente da engorda modificaram este sentimento de fazenda. Já se não registra o mesmo sentido no amor que o engordador sente pelas suas terras. Elas se apresentam aos seus olhos renovados pelo tempo como um índice de cifrões empanzinados”²⁶².

Contudo, o discurso que o grupo tradicionalista assumia desenvolveu uma narrativa na qual “o predomínio do ruralismo foi resistente, mesmo no progresso seguro do comércio”²⁶³, criando um enredo do percurso histórico da cidade de Feira de Santana como resultado do progresso das suas atividades comerciais, sendo portanto devedora do seu desenvolvimento. “Muito embora se acentue que a Feira de Santana era uma ‘Alta e Comercial Cidade’, a sua primitiva vida nasceu mais do pastoreio inegavelmente.”²⁶⁴ A cidade de Sant’Anna compreenderia dois estilos de vida, sendo que, aquele relacionado aos ideais societários patriarcais tentou redefinir os rumos da sociedade feirense num momento de modernização.

²⁵⁷ C.f. ALVES. Op. Cit.409.

²⁵⁸ Id. Ibid. p. 413.

²⁵⁹ Id. Ibid. p. 416.

²⁶⁰ Id. Ibid. p. 419.

²⁶¹ Id. Ibid. p. 416.

²⁶² Id. Ibid. p. 308.

²⁶³ Id. Ibid. p. 399.

²⁶⁴ Id. Ibid. p. 339.

A cidade de Feira de Santana, (...) teve o condão de marcar duas modalidades de vida: a que vinha da evolução do seu comércio (urbanismo) e a que refletia a voz das suas casas-de-fazenda. A vida rural refletindo-se fortemente e acintosamente na vida da cidade. (...) ²⁶⁵.

Deste modo, ainda que as forças femininas da cidade e da modernidade fossem poderosas o suficiente para desestruturar o modelo econômico que sustentou a ordem patriarcal até as três primeiras décadas do século XX, estas deveriam antes dividir seu poder com a outra cidade de Feira de Santana, uma cidade de bases agrárias e costumes tradicionais. Assim, o homem do pastoreio é o resultado desse processo de reafirmação de valores frente as críticas impostas pela modernidade. Com a tentativa de gestação de um novo homem – que corresponda aos anseios da elite aspirante aos vãos que a conduziria ao tão seletivo e ideal mundo “civilizado” –, observamos o aparecimento de tipo masculino que nasce pautado pelo signo da bravura, da força, do destemor, da incivilidade, da tradição e da virilidade que será a reação um processo de nivelamento social, observado pelos tradicionalistas como feminização da sociedade.

Aliado a essa estratégia podemos apontar um comportamento de resistência por parte dos vaqueiros em obedecer à ordem do poder institucionalizado de extinguir suas práticas viris, como as vaquejadas, tidas como rituais de manifestações da sua masculinidade por excelência. Cabe agora verificar como essa impostura ao código legal, instituído pelo homem moderno para controlar a ação do vaqueiro e coibi-lo a integrar-se ao padrão comportamental, estabeleceu conflitos que podem ser verificados no seio da sociedade feirense.

3.3. A vaquejada: correrias de boi como crítica à masculinidade urbana.

A elaboração de uma identidade masculina baseada em ideais societários inspirados na modernidade motivou a composição de mecanismos de controle e disciplina da população feirense, que, por meio de críticas e punições, procuraram fundar uma sociedade urbana sustentada em valores estranhos à ordem social estabelecida. Nesse sentido, várias estratégias foram criadas e foram cumpridas com vistas a controlar os mecanismos de sociabilidade da população sertaneja, sufocando o homem que nela viveu e lhe deu vida, sendo o representante da força e do poder nesta região.

Provocando mudanças na organização da vida social da Princesa do Sertão, a incipiente modernização e seus homens modernos procuraram deturpar as redes de sociabilidade do homem tradicional, tentando promover uma modificação nos

²⁶⁵ Is. Ibid. p. 396.

comportamentos, hábitos e costumes dos vaqueiros, estimulando o aparecimento de novos modelos de masculinidade na região.

As correrias de bois no perímetro urbano

Emquanto permanece como coisa irrealizável o contrato com o Município sobre a construção de curraes para depósito das boiadas que vêm às feiras semanais de gado vivo, continuam as disparadas de rezes a constituir sério perigo e constante ameaça à vida dos incontáveis transeuntes que movimentam a cidade no primeiro dia útil de cada semana.

Veze sem conto temos profligado o vêsio, que se perpetua, de boiadeiros e de malta de desocupados que perseguem bovinos desgarrados dos respectivos lotes incitando-os a carreiras desabaladas com o surgimento sistemático à radilha de cornuptos fugitivos, com alaridos ensurdecadores, pedradas, etc. O animal mesmo arisco, em sendo assim perseguido, acaba tomando de furor e às cegas passa por toda a parte, atacando a todos e a tudo.

Alguns vaqueiros costumam sofrer suas respectivas calvagaduras seguindo a rez desgarrada até que lhe depare momento oportuno para derrubá-la, damnificando-a e, vezes, causando-lhe até a morte.

Urge a repressão desse abuso e também a da gritaria dos malandros, quando da passagem das rezes na grande balança municipal do Campo General Câmara.²⁶⁶

A reportagem acima, não deixa dúvidas sobre a necessidade de extinção das perseguições de bois pelas ruas da cidade, estabelecendo assim sua proibição, uma vez que tais práticas depunham contra a imagem de uma cidade civilizada. Ainda aqui, podemos verificar que, ao constatar a fuga de um bovino do rebanho a perseguição ao mesmo era realizada não somente por vaqueiros, mas, também, por outras pessoas que são descritas pelo articulista como desocupados. O autor do artigo entendia que o comportamento de vaqueiro e desocupados – que poderia corresponder à imagem do vagabundo – eram igualmente danosas à sociedade, promovendo uma certa aliança entre essas duas condutas impróprias. Em resposta ao comportamento inapropriado dos vaqueiros no ambiente público, as autoridades locais prescreveram punições específicas para estes delitos. Deste modo, lê-se no capítulo I: Da circulação urbana do Código de Posturas do Município o seguinte artigo:

Art. 120º - É terminantemente proibido:

a) correr a cavallo e conduzir animais em disparada pelas ruas e praças da cidade e das povoações do Município.

b) Andar a cavallo, guiar ou reter animais por cima dos passeios.

c) Amarrar animais às árvores, aos postes, grades, gradis, etc.

Pena – multa de 20\$000 pela infração da letra a e 10\$000 pelas demais deste artigo.

O vaqueiro, o homem sertanejo da região, seria interpretado como símbolo máximo do atraso, do passado rural, o que, portanto, deveria desaparecer junto com todas as outras imagens da antiga ordem colonial, pois se o vaqueiro podia ser um símbolo de uma cidade de bases rurais, certamente não o era de uma urbe que se queria civilizada²⁶⁷. Desta forma, aquele que era um modelo de virilidade passa a ser um comportamento a ser perseguido a partir da crítica e da criminalização ao seu comportamento.

²⁶⁶ Folha do Norte, 19/08/1933, nº 1257, p. 01.

²⁶⁷ C. f. OLIVERIA. Op. Cit. p. 45.

É natural que alguma vez mais arisca ou bravia se aparte em disparada do lote ou de outro rebanho, que jamais deixa de ter guardadores.

Em tal ocorrendo, parece cumprir aos vaqueiros (e eles surgem sempre em grande número) é buscar cerca-la, condizindo-a ao sito em que estaciona o lote, o que é feito alguma vez. *Na maioria dos casos, porém, os vaqueiros deixam o cornúpteo ganhar distância para persegui-lo a todo galope em risco [grifo nosso] de atropellar os viandantes, como tem acontecido, afim de alcança-lo e derruba-lo, exibindo-se em escusas façanhas de equitação e vaquejada*²⁶⁸.

Correrias de bois e de vaqueiros

Visando evitar atopellamentos e outros accidentes mais ou menos desastrosos que, basta vez tem ocorrido nesta cidade em dias de feira, motivados pela perseguição atabalhoada às rezes, que desgarram dos respectivos lotes, por vaqueiros que não perdem ensejo para exibição de suas habilidade tauromachinas, o sr. Capitão Gilbert delegado de polícia deste município, publica edital na secção competente, proibindo terminantemente essas correrias loucas no centro da urbe e ainda a derrubada espectacular e, não raro, fatal dos bovinos adrede incitados para provocar e justificar essas perseguições, ficando os infractores sujeitos às penas estabelecidas nas posturas do municipaes e ainda à prisão, consoante a gravidade dos factos resultantes de tal abuso que merece ser extirpado para o bem da população e, em especial, dos pedestres que movimentam a cidade, às segundas-feiras.²⁶⁹

Observando atentamente o cenário descrito pelo articulista podemos verificar que a perseguição a um garrote que tenha se desgarrado do rebanho constituía numa prova de habilidade para aqueles que estavam envolvidos em tal prática. Colocando a perseguição no plano da opção individual do vaqueiro, a matéria do jornal Folha do Norte de 1932 ressalta uma conduta de exibicionismo do vaqueiro em demonstrar suas habilidades.

Para agentes sociais advindos da ordem patriarcal, a vaquejada era tida como uma “festa viril”, sua prática estava associada à honra porque exigia a exibição de posturas associadas ao padrão de masculinidade que estava diretamente associado com os idearias societários patriarcais como coragem, ousadia e destemor, servindo como signos da dignidade e reputação. Conseqüentemente, não participar desse evento incorria em ultraje uma vez que ofendia a honra do insultado, através da figura do covarde, colocando em dúvida sua macheza.

O vaqueiro é mais vida. Mais força. Prático. Seco e seguro. Porque a nossa vaquejada é um bruto desafio á vida ou uma arrancada arrelhando a morte, de que se sorri, sem nela se pensar. Numa porteira de curral encontraram a vida e a morte esgaratujado cartel, que lhes tirou o vaqueiro²⁷⁰. (p. 259)

A perseguição aos animais nas ruas da cidade de Feira de Santana pelos vaqueiros representa uma insubordinação ao processo de civilização social deflagrado pela modernidade, assim como uma galhardia ao padrão masculino que esta intentava construir. Fundamental para a valorização, manutenção e reprodução de honra masculina daqueles que se definiam por ideais societários patriarcais, a vaquejada, tal como descrita no trecho

²⁶⁸ Folha do Norte, 23/04/1932.

²⁶⁹ Folha do Norte, 02/11/1934, nº 1320, p. 03.

²⁷⁰ C.f. ALVES. Op. Cit. p. 259.

apresentado, não tinha como objetivo maior a perseguição da rês e recondução dessas ao seu rebanho, mas antes de tudo conquistar o respeito dos presentes e da sociedade a partir da afirmação da masculinidade que servia como componente eficiente na inserção do indivíduo num lugar simbólico privilegiado em seu grupo. Por conseguinte, apesar de verificarmos um esforço constante, a partir de denúncias nos jornais de Feira de Santana, como Folha do Norte e Folha da Feira, da municipalidade em controlar essa prática, observamos também a denúncia de sua impotência diante da resistência de determinados sujeitos ao enquadramento de suas posturas.

Continua o abuso de correrias loucas em perseguição de rezes nas ruas da cidade.

O abuso continua, com se vê, e convém que sejam cumpridas as normas estabelecidas para o cerco e a recondução das rezes bravias e ariscas aos respectivos rebanhos, eliminando-se destarte a continuidade de desajustes que têm a perda de muitas vidas.

Até quando continuara o ruinoso vezo²⁷¹.

Um episódio relatado no jornal Folha do Norte demonstra a indiferença com a qual alguns vaqueiros tratavam as limitações impostas pelas autoridades locais na tentativa de controlar a livre circulação desses indivíduos pela cidade.

Uma irregularidade

O trânsito público ficou, domingo último, à tarde, interceptado por algum tempo no trecho compreendido entre o Ponto Central e o ABC por motivos de se aguardarem corridas de cavallos em plena estrada. É porque o Sr. Oldack Ribeiro passasse sobre cordas ali collocadas por policiaes, o que motivou enérgicos protestos.

Registramos a irregularidade sem aduzzir comentarios.²⁷²

Ao longo da década de 1930 podemos verificar uma insistente presença de tais práticas, o que deixa evidente os problemas enfrentados pela administração pública da cidade em extinguir determinadas formas de expressão da masculinidade, assim como evidencia que a consolidação de uma identidade masculina pautada em valores sociais apregoados pela modernidade não ocorreu como um processo de imposição e de aceitação pacífica, mas antes se estabeleceu por uma disputa na qual os envolvidos em cada um dos lados arquitetaram estratégias diferentes para a disputa que estabeleceu a hegemonia de uma dada imagem masculina na Princesa do Sertão.

Contudo, apesar de sua força ainda pulsante na sociedade feirense do início do século XX, os ideais societários patriarcais eram solapados pela ventania da modernidade que deteriorava as bases de legitimação e de sustentação da antiga ordem. As reclamações de inúmeros munícipes para a estruturação de um mecanismo mais eficiente na contenção das

²⁷¹ Folha do Norte 21/09/1935.

²⁷² Folha do Norte, 17/12/1932, nº 1222, p. 04.

“vaquejadas improvisada” pelas ruas da cidade, resultaram no projeto de construção dos currais modelo.

Há vinte annos passados, se não fui o único, fui um dos que pela ‘Folha do Norte’, trataram da necessidade de currais no campo do gado, e de vez em quando ciscando sobre o assumpto. Quando algum lia, arreveliam-me, sorrindo, allegando que se isto tivesse importância já os homens da Feira de Sant’ Anna te-lo-iam tratado.

Ahi, está, finalmente, em projecto a construcção dos necessários curraes.²⁷³

A estruturação dos currais modelo se constituía numa reivindicação antiga que assumiu um carácter de urgência a partir da modernização da estrutura física da cidade. Contudo, após a instalação dos Currais Modelo em 1938, a perseguição aos bovinos parece ter sofrido um grave declínio, não apresentado-se mais como um problema para a sociedade, o que entendemos como a vitória da cidade sobre esses agentes. “Mudou a face da sociedade, inteiramente, o homem do comércio. Não só serviu de chamriz como de norma de ganho rápido. E conseguiu empanar o renome das casas-de-fazenda com o estardalhaço de balcão, com a ânsia de enriquecer”²⁷⁴. A fala de Eurico Alves, aponta para a morte da figura masculina que lhe servia de referência assim como sinaliza o novo homem que passou a dominar sua cidade. Os homens do comércio, da cidade, os homens modernos, haviam finalmente sucumbido a “civilização do pastoreio” ao seu comando, impondo assim seu padrão masculino. Serão estes os novos homens da Princesa do Sertão.

²⁷³ Folha do Norte, 17/09/1932, nº 1209, p. 04

²⁷⁴ C.f. ALVES. Op. Cit. p. 415.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os anos iniciais da República, com a promessa de igualdade advinda da Abolição da escravidão e a legalização das eleições em todos os níveis, trouxeram sérias ameaças para a ordem, a autoridade e, principalmente, para a estrutura hierarquia social vigentes na sociedade brasileira do início do século XX. Carregando fortes marcas de seu passado colonial, no qual despontava-se a ordem patriarcal representada pelos coronéis, e pelo predomínio do homem, do macho, do pai na estruturação da vida social, a Bahia Republicana será palco de inúmeros debates e embates que vão se estabelecer para a formação do Estado Moderno Brasileiro, e conseqüentemente para a gestação do homem moderno.

Essas características vão produzir um contexto de grande euforia, mas também de fortes tensões e conflitos oriundos da penetração de ideais modernizantes aliado à ascensão de novos grupos locais a esferas de exercício do poder público. Na cidade de Feira de Santana a formação de uma nova elite ligada ao comércio e desejosa de incluir-se nos liames do capitalismo que se consolidava na sociedade brasileira, anunciava os ecos de um novo tempo. No entanto, a cidade de Sant'Ana, assim como boa parte das cidades brasileira do período colonial em fins do século XIX, ainda mantinha-se forte em sua estrutura agrária.

Conhecida como “Princesa do Sertão”, Feira de Santana havia firmado desde os anos finais do século XIX sua identidade na cultura do couro e no vaqueiro. Contudo, a expansão das atividades comerciais e a ascensão de novos grupos ao poder levariam a tentativa de construir uma nova visão de cidade; uma cidade asseada, organizada, segura, logo, civilizada. E com ela também procurará conceber um novo homem que seja igualmente “civilizado”.

Motivada pelo ideal modernizador, setores da sociedade local projetou modificações na sociedade feirense que se desenvolveram ao longo das três primeiras décadas da República assumindo duas atitudes fundamentais: a modificação nas estruturas físicas da cidade a fim de degradar os meios de sociabilidade sertaneja que se encontravam no perímetro do espaço urbano, impondo ao sertanejo uma nova forma de relacionar-se com a cidade; e a intervenção dos hábitos, costumes e modos de comportamento da população, nos quais o processo civilizador/ coercitivo passou a combater energicamente as condutas e hábitos identificados com o antigo passado colonial. Nesse sentido, várias estratégias foram elaboradas e foram cumpridas com vistas a controlar os mecanismos de sociabilidade da população sertaneja, sufocando o homem que nela viveu e lhe deu vida, o representante da força e do poder nesta região.

Deste modo é que, ao longo dos anos iniciais da República, são pensadas e operadas inúmeras obras públicas na cidade de Sant'Anna: são propostas as mudanças da grande feira livre a céu aberto, influenciado pela a construção do Mercado Municipal em 1916, e da transferência do Complexo Matadouro do centro da cidade para a periferia; ao mesmo tempo é aprovada a lei que regulamenta a construção de casas e estabelecem os parâmetros tacográficos das ruas e avenidas feirenses. Concomitantemente, as posturas e hábitos da população também foram controlados por mecanismos jurídicos que procuraram banir certas práticas costumeiras que agora eram pensadas como um perigo à instauração da ordem moderna.

Se o projeto civilizador, inicialmente, direcionou suas vistas para os problemas relacionados à estrutura e infra-estrutura urbanas e para a qualidade das habitações, não tardou em se preocupar com os hábitos da população, assumindo uma dimensão social, com feições de projeto civilizatório – já que impositivo, que procurava promover intervenções nos hábitos da população que passou a ter seu comportamento avaliado segundo padrões culturais exteriores às suas condições de vida e sua história. Assim, a “civilização” proclama o fim da antiga sociedade e a morte do sujeito que a representa, neste caso o Sertão e seus homens.

Neste sentido, esse processo de urbanização, associou o projeto de melhoramento espacial a um mecanismo de controle social através da higienização dos costumes, que resultou em ações simultâneas em duas esferas: a pública e a privada, conseqüentemente, no modo de vida da população, que absorveu um novo modelo de convivialidade como base essencial dessa modernidade: era, então, fundamental que da Princesa do Sertão nascesse o homem moderno que iria descer do cavalo, despir-se do couro e se impor através de seus novos conhecimentos, seu automóvel e de seu desempenho elegante. Mas, tal tarefa exigiu um esforço ainda maior das autoridades, pois se fez necessário retirar das ruas o vaqueiro, o coronel, o sertanejo, o magarefe, o homem tradicionalista, para dar passagem ao refinado burguês, o homem moderno.

Assim, o ideal societário moderno com seu novo mundo de símbolos, inaugurava pouco a pouco um novo padrão de sociabilidade a partir do estabelecimento de um novo ideário sobre o amor, a estética e a moda, sob os quais eram elaborados um novel conjunto de códigos de comportamento e conduta social. Esses novos modelos de convivência serviram como mecanismos eficientes na forja de uma solidariedade de um grupo que pretendia tomar para si o controle da vida social.

A formação da identidade do homem moderno é fruto de um processo distintivo no qual um grupo de indivíduos procurou agregar um conjunto de símbolos que, em consonância

com o ideário moderno, possibilitou a inscrição de seus portadores como sujeitos sociais diferenciados. Cultuados entre seus participantes, os símbolos da modernidade foram apropriados por aqueles que procuravam se identificar com a nova ordem, distinguindo-se da população em geral. Para tanto, esses sujeitos deflagraram um processo de identificação que se orientava em dois sentidos: o exagero das características que eles consideravam positivas de tais elementos simbólicos e a formação de sua antítese a partir da ênfase nos traços que lhes pareceram negativos vinculados à ordem social até então hegemônica.

Durante o percurso de definição desses elementos constitutivos outros grupos humanos também foram utilizados como anátemas desse homem burguês, tais como os vagabundos, negros e vaqueiros que comumente eram rotulados sob o crivo da incivilidade para reforçar os elementos simbólicos definidos como civilizados que eram apossados por agentes sociais específicos. A fim de reforçar a assimetria social, estimulando a valorização do lugar simbólico representado pela identidade masculina do homem moderno, um conjunto de dispositivos lingüísticos, apresentados em textos jornalísticos, por exemplo, foram elaborados com o objetivo de atestar a submissão de todos aqueles que estão fora da esfera dessa representação.

Tal como foi exposto, pode-se dizer que a sociedade moderna constrói o ideal de masculinidade como uma imagem refletida da experiência histórica da população européia, branca e heterossexual que, valendo-se da elaboração de antimodelos, procurou sempre que possível reforçar o aspecto positivo dessa representação. Deste modo, a identidade do homem moderno é o resultado da discriminação da experiência de vida da população feminina, homossexual, não-européia, ociosa e, tida e dita, não-civilizada.

As sanções prescritas em diversas leis visavam a intimidação e o enquadramento dos que ousassem não se comportar de acordo com os preceitos de uma masculinidade hegemônica. Deste modo, através dessa dinâmica temos os sinais mais claros da imbricação entre o ideal societário moderno e a identidade masculina a ela correlata. Por isso, ao tempo que a masculinidade se constituía enquanto um componente social que refletia os ideais societários modernos, também funcionava como um elemento-chave que conectava os demais estratos sociais a partir da composição de elementos constitutivos que forjavam a identidade de um grupo de indivíduos que procuravam construir uma nova organização social.

Para uma identidade masculina que se confundia com a própria imagem positiva da sociedade moderna, onde qualidades como autocontrole, disciplina, força, iniciativa, coragem, responsabilidade etc., definiam as virtudes sociais em si, quaisquer agentes que não estivessem dentro dos padrões estipulados destacavam-se como bizarros, estranhos e

perigosos, responsáveis pelo atraso e pelas mazelas sociais. Enfraquecidos pela própria dinâmica social, mantenedora de hierarquias valorativas e simbólicas que afixavam o desenho de uma assimetria social que lhes negava qualquer forma de poder e influência, os sujeitos marginalizados passavam a representar a própria fraqueza e, num efeito inverso, suas mazelas simbólicas apareciam como contraponto ao comportamento masculino ideal.

A identidade masculina do homem moderno em Feira de Santana passava necessariamente pela apropriação de comportamentos associados ao ideário moderno que, definido pela sociedade feirense durante as três primeiras décadas da República, estruturou um comportamento oposto ao antigo referente masculino, se construindo pela imposição de uma postura de responsabilidade, de autocontrole de suas emoções, da disponibilidade ao trabalho, da vivência da heterossexualidade e do amor à família com a incorporação do seu papel de esposo e pai.

Com efeito, o vaqueiro, o homem do pastoreio, passou a ser visto como símbolo máximo do atraso, do passado rural, o que portanto, deveria desaparecer junto com todas as outras imagens da antiga ordem colonial, pois, se o vaqueiro podia ser um símbolo de uma cidade de bases rurais, certamente não o era de uma urbe que se queria civilizada. Desta forma, aquele que era um modelo de virilidade passou a ser perseguido pelos poderes públicos. Tem-se aí a institucionalização de determinadas práticas sociais legitimadas pela ordem jurídica que estabeleceu um estado de direito a favor do homem moderno estava sendo gestado. Para o sertanejo acostumado com as distâncias hierárquicas da sociedade colonial, esses ideais e modificações, operadas no miolo da vida urbana feirense, corporizava o ataque às bases sob as quais assentavam, até então, o exercício do poder masculino, uma vez que representavam a submissão do outrora ilimitado poder patriarcal frente ao aparelho jurídico e a máquina administrativa da prefeitura.

Todavia, frente ao processo de modernização que impulsionava uma marcha civilizadora dos hábitos e costumes da população feirense, a reação mais contundente realizada por agentes identificados com a ordem patriarcal se constituiu numa empreitada tradicionalista que procurou exaltar os elementos componentes da sociedade patriarcal em declínio. A percepção do esfacelamento dos símbolos, valores e posturas que serviam de sustentáculo da sociabilidade e dos ideais societários do patriarcado, promoveu um discurso que se contrapunha ao processo de mortificação dessa ordem social a partir da elaboração de uma postura de preservação da mesma.

Em resposta ao avanço da modernidade, setores da sociedade feirense movimentaram esforços no sentido de compor um tipo humano que servisse para inscrever as marcas dos

elementos simbólicos da antiga ordem no mapa da cultura nacional, porque apresentava-se como uma figura que resgataria os valores que estavam sendo solapados. Para uma sociedade que parecia feminizar, este sujeito deveria representar o guardião dos valores tradicionais e da masculinidade, alicerce da virilidade e do poder masculino: o homem do pastoreio.

Contraopondo-se aos avanços da modernização e ao processo de horizontalização operadas pelo regime republicano e pelo projeto civilizador, a “aristocracia dos currais” fará emergir, em fins dos 30 do século XX, figuras como o vaqueiro e o senhor da casa-de-fazenda como símbolos máximos de sua terra. Tais sujeitos, apesar de apresentarem características particulares, possuíam determinadas singularidades, como pertencerem ao campo, serem indiferentes ao mundo moderno ou até reativos ao processo de transformações que, desde o século XIX, estava implantando uma sociedade urbano-industrial.

A partir disso, figuras como o vaqueiro e o senhor da casa de fazenda, reunidas na representação do homem pastoril foram definidos como um tipo masculino ideal, sendo concebidos como receptáculos dos elementos viris definidos pela ordem patriarcal, opondo-se diretamente ao processo que consideravam como sendo de feminização sociais observados na cidade. Tal identidade procurou restituir a hegemonia da identidade masculina aos agentes vinculados aos símbolos, instituições e posturas regidos pelo ideal societário patriarcal, com as quais tentavam restaurar seus antigos privilégios de gênero a partir da afirmação da sua dominação.

Ao se apresentarem como os verdadeiros homens da região, o vaqueiro e o senhor da casa de fazenda procuravam resguardar para si a virilidade em suas imagens, se impondo como as únicas representações do masculino possível. Nesse sentido, a figura do homem moderno sinalizava no horizonte da cultura sexual presente, como uma imagem oposta ao masculino, inclusive na sua apresentação de gênero. O homem moderno, para o discurso tradicionalista, era entendido como pouco viril, mole, frágil, portanto, menos másculo. Conseqüentemente, este mecanismo empurrava o ideal de masculinidade moderno para os limites do universo masculino, aproximando-o do feminino – o avesso por excelência.

O avesso por excelência é a imagem especular que representa a feminilidade num tipo de outro que, embora diferente do homem, figura como uma oposição complementar é, portanto, a imagem que ajuda a construir a composição do universo masculino, mesmo que atribua qualidade e defeitos: constitui o masculino em sua unidade, complementa-o. Sendo assim todos os homens que vivem sob a égide de uma representação masculina hegemônica aceitam e reforçam essa normatividade, desde que esteja nos limites daquilo que também foi estabelecido para o ser mulher. É legítimo, portanto, dizer que tal postura é a expressão, na

verdade, do próprio universo masculino sobre a feminilidade: o avesso por excelência é o normal socialmente constituído e institucionalizado porque é homem, no caso, que o forma.

A estratégia do discurso tradicionalista para amainar o entusiasmo com a nova identidade masculina que se estruturava na Princesa do Sertão, encontrou sua expressão maior na inferiorização do macho moderno a partir de sua vinculação aos símbolos da feminilidade, colocando-o numa posição de fragilidade. O homem moderno para os tradicionalistas era o homem feminizado, ou seja, o sujeito masculino contaminado pelos símbolos do feminino, um sujeito pervertido pelo mundo moderno. Em outras palavras, o avesso pervertido.

O avesso pervertido é o “mesmo em si” que é definido como “o outro” por se colocar como uma apresentação masculina diferenciada, traidora dos sistemas simbólicos definidos para o masculino que criou para o homem o papel social do provedor, do penetrador, do dominador, do macho: sua perversão está na suposta abdicação desses papéis. Isso significa pensar que o fundo último das instituições simbólicas que compõe o universo masculino – inclusive aí, o outro por excelência – constituem-se como representações que não pertencem a um tipo de identidade que foge daquilo que fora estabelecido, a princípio, pelo normal socialmente constituído e institucionalizado.

O avesso pervertido é a imagem especular do semelhante que adverte para a presença de um outro no espelho, ou seja, o homem se vê no outro, porém a imagem refletida destoa daquilo que ele constituiu para si, por isso deve ser descartado. Reconhecê-lo poderia significar abdicar da própria masculinidade. Assim sendo, o avesso pervertido, nessa acepção, é um outro repulsivo porque não é normal. Porém, tal emergência, de certo, não é um processo fácil de ser concebido, pois todo homem é, a um só tempo, específico e representante do universal.

Compreende-se, então, que a importância dessas imagens de inclusão/exclusão do outro acarrete no sujeito reações diversas dentro de um processo de disputa de lugares para o estabelecimento das relações de poder. Nesse sentido, aquilo que está fora da representação social do masculino naturalmente e normativamente estabelecido deve ser descartado, ao menos simbolicamente. É pensando dessa forma que o discurso tradicionalista vai operar a feminização da imagem do homem moderno, situado-o no universo da cultura sexual numa região fronteira: o homem moderno confundia-se com o avesso pervertido, uma vez que estando na esfera do masculino comportava-se de modo inesperado ao apresentar uma performance e uma forma que se embaraçava com o avesso por excelência – o feminino. Não se pretende com isso afirmar que efetivamente, para o discurso tradicionalista, o homem moderno é um homem pervertido: mas afirmar que as práticas desse homem moderno, ao se

aproximarem de uma esfera feminina, caracterizam-no como sendo um tipo de outro. Uma vez que ele não é o avesso por excelência, para ser descaracterizado enquanto símbolo de masculinidade, o homem moderno, é tido nos discursos dos tradicionalistas como sendo aquele outro que se aproxima do avesso pervertido. Por isso, os tradicionalistas associam a imagem do homem moderno a símbolos que remetem ao universo feminino, quando diz que é mole, frágil, sutil, artificial, etc..

O artifício operado pelos tradicionalistas não obteve o resultado esperado, posto que os símbolos que gravitavam em torno da identidade do homem moderno era igualmente representativos da ordem social que se encontrava em processo de consolidação. A aliança entre os símbolos da masculinidade com os ideais societários modernos possibilitou ao homem moderno ser inserido como um valor social em si, sendo tão importante para a estabilização da modernidade como qualquer outro símbolo a ela associado. O homem moderno foi definido como o único sujeito masculino capaz de se relacionar de forma harmoniosa com o modelo de organização social definido pelos ideais de modernidade. O homem moderno seria o único capaz de se associar ao automóvel, telefone, avião, cinematógrafos, footing, e outros tantos elementos que compuseram o sonho da modernidade para a sociedade brasileira nos anos iniciais da República.

Assim, na disputa estabelecida entre o homem moderno e o homem do pastoreio pela hegemonia da identidade masculina na Feira de Santana republicana o arreado, valente e embrutecido machão dos sertões teve de submeter sua autoridade, sua força e seu poder, ao delicado, frágil e mole almofadinha morador da cidade, uma vez que este se constituiu a imagem e semelhança de sua criadora, a sociedade moderna, que havia condenado o morador dos recônditos da caatinga nordestina ao desaparecimento, ou quando muito, a uma menção espirituosa do riso fácil de uma piada.

FONTES

1. JORNAIS

1.1. Museu da Casa do Sertão / Centro de Estudos Feirenses (UEFS).

Folha do Norte	1920 - 1939
O Feirense	1919 - 1921
Folha da Feira	1928 - 1935

1.2 Arquivo do Jornal Folha do Norte.

Folha do Norte	19226 - 1939
----------------	--------------

3. DOCUMENTAÇÃO OFICIAL DO CONSELHO MUNICIPAL:

3.1. Arquivo Público Municipal de Feira de Santana / Seção Documento antigos:

Nº	Tipo	Ano
38	Ata da 4º sessão ordinária e 2º reunião do Conselho Municipal	1930
39	Ata da 1º e 2º sessões extraordinárias do Conselho Municipal	1925/28
41	Ata da 1º e 6º sessão ordinária do Conselho Municipal	1928
46	Contrato operado com a empresa Luz e Força para o fornecimento de energia elétrica ao Município de Feira de Santana.	1928
67	Ata da 7º sessão ordinária do Conselho Municipal	1925
107	Autorização para instalação do serviço telefônico urbano e rural.	1928
111	Concessão do terreno para a construção da Escola Normal e para a nova Cadeia Pública Municipal.	1925
143	Relatório das despesas operadas pela reforma do Matadouro	1930
01	Código de Posturas do Município de Feira de Santana	1937

4. LITERATURA E MEMÓRIAS

4.1. Biblioteca Municipal de Feira de Santana Arnold Silva.

LAJEDINHO, Antônio do. **A Feira na década de 30** – Memórias. Feira de Santana: [S.n.], 2004.

ALMEIDA, Oscar Damião de. **Dicionário Personativo, Histórico e Geográfico da Feira de Santana**. 3º Ed. Feira de Santana: Edição do Autor, 2002.

4.2. Museu da Casa do Sertão / Centro de Estudos Feirenses (UEFS).

ALENCAR, Helder. **31 anos de Micareta**. [Feira de Santana]: [S.n.], 1968.

AZEVEDO, Thales. **Feira de Sant'Anna: Passado e Presente**. Salvador: UFBA, Centro de Estudos Baianos, 1976.

_____. **Namoro à Antiga: tradição e mudança**. Salvador, Ba: 1975.

BOAVENTURA, Eurico. **Fidalgos e Vaqueiros**. Salvador: Editora da UFBA, 1989.

_____. **Poesia**. Salvador: Fundação das Artes/Empresa Gráfica da Bahia, 1990.

SAMPAIO, Gastão. **Feira de Santana e o Vale do Jacuípe**. Salvador:[S.n.], 19...

SANTANA, Pilar Costa de. **Memória e curiosidade de Feira de Santana**. Feira de Santana: [S.n.], 19?

BAHIA, Juarez. **Setembro na Feira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

POPPINO, Rollie E. **Feira de Santana**. Salvador: Itapuã, 1968.

5. LITERATURA DE CORDEL

4.2. Museu da Casa do Sertão / Centro de Estudos Feirenses (UEFS).

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **ABC do namorados**, 1959.

SANTOS, Erotildes. **Os horrores da devassidão**, S/D.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval M de. **A Invenção do Nordeste** – e outras artes. Recife: FJN, Editora Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.
- _____. **Nordestino: uma invenção do falo** – uma história do gênero masculino (Nordeste –1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.
- _____. “Mole não se mete: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino”. (mímio)
- ALVES, José Eustáquio Diniz. **A linguagem e as representações da masculinidade**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2004. p 7 - 8
- AMADO, Janaína P. Região, Sertão, Nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 5, p. 145-151, 1995.
- ASSIS, Rosilene Moraes de. **A sobrevivência de uma tradição: o comércio de gado em Feira de Santana**. Monografia (UNERJ) Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995, p. 23.
- BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p. 11.
- BESSE, Susan. **Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil (1914-1940)**. São Paulo, Edusp, 1999. p. 242.
- BOAVENTURA, Eurico Alves. **Fidalgos e Vaqueiros**. Salvador: UFBA, Centro Editorial e Didático, 1989.
- BOSI, Antônio de Pádua. **Reforma Urbana e Luta de Classes: Uberabinha/ MG (1888/1922)**. São Paulo: Xamã, 2004. 272p
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Oeiras: Celta Editora, 1999.
- CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo (org.). **Os Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CAPRARO, André Mendes. Do football ao futebol. **Revista Nossa História**. Ano 3, nº 32, junho 2006, p. 50 – 53.
- CARVALHO, Jose Murilo de. **A formação das Almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHALHOUB, Sidnei. **Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CORRÊA, Marisa. **Morte em família: representações jurídicas de papéis sexuais**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- COSTA, Jurandir Freire. **A Inocência e o Vício: estudos sobre o homoerotismo**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- COSTA, Ana Alice Alcantara. **As donas do poder: mulher e política na Bahia**. Salvador: NEIM/UFBA - Assembléia Legislativa da Bahia, 1998.
- DE OLIVEIRA, Pedro Paulo. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.
- DELUMEAU, Jean. **Mil Anos de Felicidade: uma história do paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- DOS SANTOS, Célia Regina Batista. **Reorganização do espaço agrário e (des) territorialização das tradições tradicionais: o caso do projeto hidroagrícola platô de Nápoles (da utopia do Estado, à realidade dos produtores rurais)**. Dissertação (mestrado em geografia). UFS, Aracajú, 1996. p. 42 a 60.

- ELIAS, Nobert. **O Processo Civilizador** – uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- FERREIRA FILHO, A.H. **Salvador das Mulheres**: Condição feminina e cotidiano popular na Belle époque imperfeita. Dissertação (Mestrado em História). Salvador: UFBA, 1994.
- FERREIRA, Lúcia M. A. e ORRICO, Evelyn G. D. **Linguagem, Identidade e Memória Social**: Novas fronteiras, novas articulações. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 5º Ed. Edições Loyola, São Paulo: 1996.
- _____. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 3º Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- _____. **Microfísica do Poder**. 13º Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. **“Fazendo Fita”**: cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930. Salvador: EDUFBA: Universidade Federal da Bahia. Centro de Estudos Baianos, 2002. p. 30.
- Fraga Filho, **Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX**. Salvador: Hucitec/EDUFBA, 1996,.
- FREIRE COSTA, J. **A Inocência e o Vício**. Estudos sobre o Homoerotismo. Rio de Janeiro, 3ª edição, Ed. Relume/Dumara, 1992.
- GOMES, Paulo Cesar da C. **A condição Urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p. 129 a 167
- GROSSI, Miriam Pillar; PEDRO, Joana Maria (org.). **Masculino, Feminino, Plural**: gênero na interdisciplinaridade. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998. 320p.
- HALL, Stuart. **A Identidade na Pós-Modernidade**. 4º Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- JAPIASSO, Hilton. “A dimensão ‘machista’ da ciência”. In.: **Revista Reflexões**. Papirus: Campinas, SP, nº 28, jan/abril. p. 11
- KATZ, J.A . **A invenção da heterossexualidade**. Rio de Janeiro, Ed. Ouro, 1996.
- LEITE, Rinaldo César Nascimento. **E a Bahia Civiliza-se** – ideais de civilização e cenas de anti-civilização em um contexto de modernização urbana em Salvador – 1912-1916. Dissertação (Mestrado em História). Salvador: UFBA, 1996.
- LORENZO, Helena C. e COSTA, Wilma P. (org.) **A década de 20 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- LYNCH, Kevin. “Capítulo 1 – A imagem do ambiente.” In.: **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- LUCENA, Ricardo. **O esporte na cidade**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- MENDLOWICZ, Eliane. **Tornar-se Homem...**Tempo e psicologia. Rio de Janeiro. 28p. 1995.
- MOTT, L.& CERQUEIRA, M. **Causa Mortis Homofobia**. Salvador: Ed. do Grupo Gay da Bahia, GGB, 2001.
- NAVARRO-BARBOSA, Pedro; SARGENTINI, Vanice (org.). **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. São Carlos: Claraluz, 2004.
- NETO-VEIGA, Alfredo; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; RAGO, Margareth (org.). **Imagens de Foucault e Deleuze**: ressonâncias nietzschianas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- NISBET, Robert A. **A História da Idéia de Progresso**. Brasília, DF: UNB, 1985.
- _____. **O Direito de Curar**: homossexualidade e medicina legal no Brasil dos anos 30. No prelo.
- OLIVEIRA, Cristiana Barbosa de. **A Mulher no Espaço Feirense**: casa, rua e trabalho (1879-1930). Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 1997. Monografia de especialização.
- OLIVEIRA, Clóvis F. R. Moraes. **De Empório a Princesa**: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937). Dissertação (Mestrado em História), UFBA. Salvador: 2000.

- OLIVEIRA, L. S. **Masculinidade, feminilidade, androginia**. Rio de Janeiro, Achiamé, 1983.
- OLIVEIRA, N. **Damas de paus: travestis no espelho**. Salvador, UFBA, 1993.
- OLIVEIRA, Walney da Costa. **“Sertão virado do avesso”**. A República na região de Canudos. Dissertação (Mestrado em História). UFBA: Salvador, 2000. p. 216.
- OLIVIERI-GODET, Rita. **A poesia de Eurico Alves da cidade e do sertão**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural, EGBA: 1999.
- PECHMAN, Robert M.; LIMA JR., Walcer de. Flirts no footing da Avenida Central. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Ano 1, nº 5, novembro 2005, p. 34 a 36.
- PEREIRA, Carlos A. Messeder. Que homem é esse? – O masculino em questão. In.: NOLASCO, Sócrates (org.). **A Desconstrução do Masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995; pg. 53-58.
- _____. (org). **A invenção do Brasil moderno: medicina, engenharia e educação**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 16.
- RANCAYOLO, Marcel. Transfigurações noturnas da cidade: o império das luzes artificiais. **Projeto história** (18). São Paulo: PUC, maio/1999.
- REIS, José R. F. **Higiene mental e eugenia: o projeto de "regeneração nacional" da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-1930)**. Dissertação de mestrado, São Paulo, IFCH/Unicamp, 1994
- REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE FEIRA DE SANTANA. Ano 1, nº 1 (outubro, 2004).
- RIBEIRO, Luiz César e Pechman, Robert (org.). **Cidade, povo e nação – gênese do urbanismo moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- RIBEIRO, Maria Fulgência Bomfim. “Capítulo I – Educação: chaves para os cárceres”. In.: **Escolas da vida e grafias de má morte: a educação na obra de Graciliano Ramos**. Mestrado (Letras e Diversidade Cultural) UEFS: Feira de Santana, 2003, p. 15-41.
- RICHARDS, J. **Sexo, desvio e danação**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1996.
- SAFFIOTI, H.I.B. **O poder do macho**. São Paulo, 7ª Edição, Coleção Polêmica, Ed. Moderna, 1987.
- SANCHES, Maria Aparecida Prazeres. **Um nome, múltiplos significados – As empregadas domésticas nas páginas dos jornais**. No prelo.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SCHWARTZ, Stuart B. “O Recôncavo”. In: **Segredos Internos: engenho e escravos na sociedade colonial, 1750-1835**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 77-94.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre: **Educação e Realidade**, 16(2): 5 22, jul/dez. 1990.
- _____. “História das mulheres”. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História – Novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.
- SCHPUN, Mônica Raisa (org.). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo Editorial: Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004 p. 121
- SEGAWA, Hugo. “Modernismo programático: 1917 – 1932”. In.: **Arquiteturas no Brasil (1900-1990)**. 2º Edição. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1999.
- SEVECENKO, Nicolau. **A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

- SOARES, Valter Guimarães. **Cartografia da Saudade**: Eurico Alves e a invenção da Bahia sertaneja. Dissertação de Mestrado (Letras/UEFS). Feira de Santana: 2003.
- SOUSA, Ione Celeste de. **“Garotas tricolores, deusas fardadas”**: as normalistas em Feira de Santana, 1925 a 1945. São Paulo: EDUC, 2001. p. 106
- TELES, Adriana Silva. **Presença Negra na Festa de Santana** (1930-1950). Monografia (Especialização em Teoria e Metodologia da História). UEFS: 2000.
- TILLY, Louise A. Gênero, História das Mulheres e História Social. **Cadernos Pagu** (3), 1994: pp.29-26.
- TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**. São Paulo, 3ª edição, Record, 2001.
- VANNIN, Iole Macedo. **Educando “Machos”, Formando Homens**: o Ginásio /Seminário São Bernardo. Dissertação (Mestrado em História). Salvador: UFBA, 2002
- VERGNE de MORAES, Ana Angélica. **Sant’Anna dos Olhos D’Água**: resgate da memória cultural e literária de Feira de Santana. Salvador: UFBA, 1998.